



LEITURA FLUTUANTE

Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise

*isto é uma
revista.*

ISBN: 2175-7291



Ben Giles

São Paulo

Vol. 16 nº2

2024



EDITORIAL

Caroline FOGAÇA¹

Esta edição da revista Leitura Flutuante convida os leitores a refletirem sobre as complexidades do sujeito contemporâneo e suas manifestações nos âmbitos familiar, social, cultural e psíquico. A diversidade dos trabalhos apresentados evidencia a amplitude das interfaces possíveis entre teoria psicanalítica, linguagem simbólica e fenômenos sociais, oferecendo uma perspectiva crítica e sensível dos desafios que atravessam a constituição do sujeito na contemporaneidade.

O percurso tem início com Samuel Nantes, Inácio Antônio Silva de Mariz e Ana Eliza da Rocha Lima, que exploram o conflito entre a constituição subjetiva e a ordem social no contexto dos adolescentes em conflito com a lei. A pesquisa questiona os atos infracionais como uma forma de reivindicação de reconhecimento e pertencimento, revelando a complexidade psíquica e social envolvida nas narrativas de violência e desenraizamento. O trabalho introduz uma reflexão fundamental sobre a exclusão social e os limites impostos ao desenvolvimento psíquico.

Na mesma linha de reflexão crítica, na sessão de relato de pesquisa, Ana Beatriz Sales e Guaíra Moreira Camilo de Melo Dutra desenvolvem sobre a origem e perpetuação da violência sexual praticada por *serial killers*. Fundamentado na teoria do trauma de Sándor Ferenczi, o trabalho destaca como abusos infantis podem conduzir à compulsão de repetição, oferecendo uma leitura necessária dos fatores psíquicos subjacentes a esses comportamentos extremos e reiterando a urgência de políticas públicas voltadas à prevenção do abuso infantil.

Os laços familiares e suas complexidades são aprofundados por Andreza Martins da Silva, que analisa os conflitos em torno da homossexualidade na obra *Eu Matei Minha Mãe*, de Xavier Dolan. A partir da psicanálise freudiana, o estudo investiga como discursos refratários e estigmatizantes impactam a subjetividade, ressaltando o cinema como um meio potente para desvelar e questionar os mal-estares que permeiam as relações familiares e sociais.

O impacto do espaço contemporâneo nas relações afetivas é abordado por João Vitor Damascena e Souza, que exploram as dinâmicas amorosas mediadas pelo ciberespaço. O estudo revela como o ambiente virtual, marcado pelo discurso capitalista, promove a busca por gratificações efêmeras, transformando as relações amorosas e revelando tensões entre o desejo inconsciente e os imperativos da modernidade líquida.

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – Escola Superior de Propaganda e Marketing; Pós-graduada em Semiótica Psicanalítica Clínica da Cultura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Colaboradora – Escola Superior de Propaganda e Marketing; carol.fbarbosa@gmail.com



Ainda no campo das relações humanas, Luana Monar Sousa Alcântara e Isabela Nunes Pizzotti Ferreira discutem o processo de luto e suas transformações na contemporaneidade. O estudo contrapõe a medicalização do sofrimento à proposta terapêutica da psicanálise, que busca ressignificar a perda por meio da elaboração emocional. As autoras reafirmam a importância de reconhecer a dor como um movimento subjetivo essencial à experiência humana.

As questões de identidade e corporalidade ganham destaque no trabalho de Christiana Paiva Oliveira, que, inspirada em Winnicott, discute a relação entre corpo, sexualidade e identidade de gênero no contexto da transexualidade. A análise do filme *Girl* (2018) revela como as construções sociais perpetuam normatizações e estigmas, ressaltando a psicanálise como um campo de escuta e resistência para expressões autênticas do verdadeiro Self.

A literatura, por sua vez, surge como campo privilegiado para a análise dos processos subjetivos no estudo de Jenifer Ianof de La Fuente, que utiliza a obra *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, para investigar a infância e a formação identitária. Com base nos pressupostos de Lacan, a autora explora como as experiências primordiais moldam as subjetividades adultas, traçando um caminho sensível entre literatura e psicanálise.

Encerrando esta edição, João Angelo Fantini traz uma resenha crítica de *Breviário Político da Psicanálise*, de Jorge Alemán. A obra articula, com maestria, a relação entre psicanálise e política, questionando os mecanismos subjetivos que sustentam as ideologias dominantes e refletindo sobre identidade, desejo e resistência na era neoliberal.

Os textos apresentados ao longo desta edição convergem para um mesmo horizonte: a investigação das tensões entre subjetividade e sociedade, entre desejo e limites impostos pelo Outro, entre as linguagens simbólicas e os afetos que atravessam os sujeitos. Ao transitar entre literatura, cinema, teoria e clínica, cada estudo aqui apresentado contribui para um debate plural e crítico sobre os dilemas do sujeito na contemporaneidade, reafirmando a psicanálise e a semiótica como instrumentos essenciais para compreender e questionar as complexidades humanas.

Boa leitura!



O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: DA ESCASSEZ SOCIAL À IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA

Samuel Nantes

Inácio Antônio Silva de Mariz

Ana Eliza da Rocha Lima

ADOLESCENTS IN CONFLICT WITH THE LAW: from Social Scarcity to Imaginary Identification

EL ADOLESCENTE EN CONFLICTO CON LA LEY: de la escasez social a la identificación imaginaria

RESUMO

O caso dos adolescentes em conflito com a lei é permeado por atravessamentos morais quando notamos a presença do retorno da discussão sobre a maioridade penal e a garantia de direitos humanos. A problemática da pesquisa em questão é levantada a partir do limite entre a constituição do sujeito e a ordem social. A quem está direcionado o ato infracional de um adolescente? Quais são os efeitos de um ato violento na vida dos adolescentes que podem indicar uma reivindicação de constituição e reconhecimento de si diante dos discursos do social por meio de uma modalidade de infração da lei? Do ponto de vista da clínica, a hipótese a ser desenvolvida na pesquisa é que o cometimento de um ato infracional pode ser o meio pelo qual os adolescentes buscam fazer laço com os outros participando das narrativas e discursos em vigor como os infratores e subversivos da ordem corrente.

Palavras-chave: Adolescente; Desenraizamento; Violência.

ABSTRACT

The case of teenagers in conflict with the law is permeated by moral crossings when we note the presence of the return of the discussion about the age of criminal responsibility and the guarantee of human rights. The research issue in question is raised based on the limit between the constitution of the subject and the social order. To whom is targeted a teenager's infraction? What are the effects of a violent act on the lives of adolescents that may indicate a demand for constitution and self-recognition in the face of social discourses through a type of law violation? From a clinical point of view, the hypothesis to be developed in the research is that committing an infraction may be the means by which adolescents seek to form a social bond with others by participating in current narratives and discourses as offenders and subversives of the order chain.

Key words: Adolescent; Uprooting; Violence.

RESUMEN

El caso de los adolescentes en conflicto con la ley está permeado por cruces morales cuando constatamos la presencia del retorno de la discusión sobre la edad de responsabilidad penal y la garantía de los derechos humanos. La cuestión de investigación en cuestión se plantea a partir del límite entre la constitución del sujeto y el orden social. ¿Quién es el objetivo de la infracción de un adolescente? ¿Cuáles son los efectos de un acto violento en la vida de los adolescentes que puede indicar una demanda de constitución y autorreconocimiento frente a los discursos sociales a través de un tipo de violación de la ley? Desde el punto de vista clínico, la hipótesis a desarrollar en la investigación es que cometer una infracción puede ser el medio por el cual los adolescentes buscan formar vínculos con otros participando de las narrativas y discursos vigentes como infractores y subversivos del orden vigente.

Palabras clave: Adolescente; Desarraigo; Violencia.

As formas de representação discursiva da violência nos grandes centros urbanos e regiões do interior do Brasil são geralmente percebidas mediante a adoção de um discurso acusatório e moralista que compromete o reconhecimento de determinados sujeitos nos entrelaçamentos sociais por meio de seus aspectos singulares, embaralhando a visualização do problema no tocante ao sentido particular presente nas diferentes formas como a violência se apresenta. É certo que determinados enquadramentos de atos e processos subversivos geralmente são prejudicados pela maneira como as mais diversas mídias e discursos reproduzem juízos morais e de valor sobre a cena de violência social, na medida em que alguns sujeitos são desqualificados socialmente devido a fatores econômicos, raciais e culturais (Rosa, 2022).

O caso dos adolescentes em conflito com a lei é permeado por atravessamentos morais quando notamos a presença do retorno da discussão sobre a maioridade penal e a garantia de direitos humanos. O debate sobre os jovens transgressores tende a priorizar a problematização da questão partindo da maneira como ela é pautada pelas disputas de narrativas no campo da política representativa e da justiça (aumento da maioridade penal, medidas socioeducativas, internação etc.). No entanto, o envolvimento de crianças e adolescentes com a criminalidade nos interessa enquanto um recorte do enquadramento social que representa o que resiste aos discursos e a produção de normatividades ligada à tentativa de laço social por meio de uma constituição de si no domínio daquilo que é repulsivo para essa lei. Há um mundo paralelo que habita a própria matriz da normalidade. Não à toa, a nossa experiência capturou que a maioria dos adolescentes estão recolhidos nessas instituições pela forte vinculação ao crime organizado a partir da comercialização de drogas e furtos de objetos. Geralmente essas

duas cenas são produzidas com a presença de forte violência contra o outro e contra aqueles que de certo modo tentam evitar a realização do ato, entretanto, as duas cenas coabitam no mundo contemporâneo de maneira a construir uma fantasia de opositos: os humanos (os seguidores da norma) contra os não-humanos (os que não obedecem a norma).

Nesse sentido, a problemática da pesquisa em questão é levantada a partir do limite entre a constituição do sujeito e a ordem social. A violência desses jovens identificados com o crime organizado coloca em questão a seguinte pergunta: a quem está direcionado o ato infracional de um adolescente? Quais são os efeitos de um ato violento na vida dos adolescentes que podem indicar uma reivindicação de constituição e reconhecimento de si diante dos discursos do social por meio de uma modalidade de infração da lei? Para pensar a questão, será fundamental uma diferenciação entre violências moldadas pelas normas a partir do conceito de desenraizamento, produzido e replicado por essas mesmas relações de poder que representam a lei e acabam incluindo e excluindo sujeitos por meio de discursos hegemônicos em circulação, e a agressividade constituinte dos sujeitos, produzida mediante uma identificação imaginária do Outro.

Do ponto de vista da clínica, a hipótese a ser desenvolvida na pesquisa é que o acometimento de um ato infracional¹ pode ser o meio pelo qual os adolescentes buscam fazer laço social com os outros participando das narrativas e discursos em vigor como os infratores e subversivos da ordem corrente. Ao mesmo tempo, o ato é o modo de liberação para construir uma outra dinâmica em relação ao sofrimento da imposição da norma. São jovens que cometem atos infracionais e são submetidos judicialmente ao cumprimento de medidas que, na maioria dos casos sentenciadas, são socioeducativas em meio aberto ou em unidades de acolhimento de meio fechado por um período máximo de três anos. Trata-se, portanto, da maneira de o Estado intervir diante do aumento dos atos infracionais praticados, objetivando o controle social.

Essa hipótese é sustentada pelo fato de as observações clínicas demonstrarem expressões de poder entre nomeações como a de “criminoso” e outras formas de nomeação que

¹ Por ato infracional, entendem-se as condutas violentas e análogas a crimes. De acordo com o artigo 103 do ECA (Lei nº 8.069, 1990), “considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”. Ainda de acordo com o mesmo Estatuto, o artigo 110 estabelece que “nenhum adolescente será privado de sua liberdade sem o devido processo legal”. O artigo 104 do ECA define que são “penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos [...]” e no parágrafo único do mesmo documento, após o artigo 104, descreve que “para os efeitos desta Lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato.”. A partir dessas leis, o ato infracional não se coloca fora do simbólico, pelo contrário, os atos criminais estão dentro e são parte da cultura e da vida social. O crime organizado é um bom exemplo dessa constatação, são dinâmicas de grupos enraizados em diversos territórios e uma forma de vida almejada por diversos jovens.

moldam discursos da legalidade e a relação desses discursos com o Outro. Nesse sentido, interessa-nos a questão de que, do ponto de vista da psicanálise, podemos chamar a inscrição desses adolescentes no campo do Outro (discursos), ou ainda em expressões de suas inscrições simbólicas (metáfora paterna) da realidade.

O desenraizamento com a lei: os discursos sobre os adolescentes

Em um determinado atendimento junto a um jovem em medida educativa, este relatava as exclusões sofridas desde a infância no ambiente escolar. O modo impulsivo de se relacionar com o outro, o modo de se comportar e vestir, sempre incomodou muito os seus professores e profissionais. Justamente pelo modo imperativo de relacionamento, a instituição o excluía de determinadas atividades, até que em um momento do atendimento ele se questiona: “É curioso. Na infância eu era excluído, agora eu gosto de estar nesse lugar de exclusão”. Nesse sentido, a exclusão oriunda de um primeiro processo é vinculada, posteriormente, a um outro lugar: o prazer de estar fora do limite do reconhecimento e da normalidade.

É comum observar a dificuldade dos jovens de se inscreverem no mundo, havendo diversos empecilhos simbólicos de construir uma escrita para si. Deslocamos a questão para o campo da escrita, pois não se trata unicamente de uma metáfora, é rotineiro notar a dificuldade com a alfabetização e a escrita do próprio nome em muitos adolescentes em conflito com a lei. Nesse sentido, existe uma exclusão simbólica de pertencimento a uma gramática, o modo de também dizer do fracasso das instituições escolares em absorver a demanda singular desses alunos. Entretanto, quando olhamos pela via do Estado e de sua configuração através de ideais normativos para a vida do sujeito, tais processos são vinculados a um desenraizamento produzido pela própria segregação nas instituições públicas enquanto forma de manutenção da violência do Estado.

Mas o que queremos dizer quando falamos de “jovens desenraizados”? O conceito é primeiramente assimilado e presente na obra de Hannah Arendt (1951/2012). O termo desenraizamento, semanticamente, diz de um processo de rompimento abrupto ou lento de um objeto no qual suas raízes estão fincadas em determinado lugar. Em outros termos, desenraizamento é a retirada de uma planta ou objeto de um lugar para outro, mas, agora, sem a terra originária. Para Arendt (1998/2007), tais processos de ruptura poderiam ser dolorosos, pois o deslocamento de um lugar a outro poderiam ocasionar, quando falamos de processos sociais, efeitos de solidão. Assim, o desenraizamento se referia a um isolamento que destruía a

capacidade subjetiva e política de o sujeito agir sem as condições de bases para enfrentar os impasses provindos da própria dinâmica da vida e da política. Esse isolamento provocado pela mudança forçada e segregatória individualiza o sujeito na medida em que extermina as ramificações sociais que garantem o seu lugar no mundo pelo reconhecimento dos outros (Arendt, 1998/2007).

Na clínica, algumas psicanalistas brasileiras sustentam concepções semelhantes ao observar a presença de tais dinâmicas na vida do sujeito a partir da ruptura com o laço social. Os menores em conflito com a lei são destituídos do reconhecimento pelo outro como aqueles que não possuem aspectos potencializadores de sociabilidade, não somente posteriormente ao ato, mas, inclusive, anteriormente à infração. O que essas visões clínicas mostram (Macêdo e Ferrari, 2019; Rosa, 2022) é que esses jovens não são amparados discursivamente pelos regimentos legais que mantêm o reconhecimento da vida jurídica, como também não há o reconhecimento subjetivo sobre a dignidade daquela vida que precisa ser protegida das mais distintas condições de vulnerabilidade. Pelo contrário, esses jovens desenraizados são desamparados das garantias legais, financeiras e simbólicas, e, além disso, sofrem com os discursos daqueles que os condenam e com a falta de suporte por parte dos sujeitos que deveriam oferecer as condições mínimas para o sustento financeiro.

Diante da falta de diversos suportes para uma vida possível de ser vivida dignamente, a mobilização popular, a partir da ocorrência de uma infração, se manifesta de maneira a tentar expulsar esses garotos do aparato legal que garante a eles a humanidade e a cidadania imprescindíveis para um processo de socialização. Eximir o ordenamento social regulado pelo Estado e pelas organizações privadas da responsabilidade sobre essas vidas é ao mesmo tempo se associar a formas de eliminação da vida sustentadas pelo pretexto inescrupuloso das normas, que impõem que algumas vidas são passíveis de luto em detrimento de outras (Butler, 2015). O que existe entre os meandros mais consistentes de uma normatividade é uma dinâmica ideal de o poder agir que orienta as condutas a partir de um regime de controle dos corpos dentro da forma hegemônica de enlaçamento com o outro reconhecido como um outro humano, degradando aquele que infringe a lei a uma denominação rebaixada de humanidade. A infração é um dos motivos desse rebaixamento por estar fora do que é considerado normal e legal para as leis. Assim, o sujeito em conflito com a lei está à margem do humano e da sociedade.

Nessa direção, Agamben (2015) afirma que a crise moderna — e aqui, por que não dizer a violência moderna — aparece como questionadora de elementos fundamentais para pensar a tradição ético-política ao questionar a legitimidade e a legalidade. Portanto, há um questionamento da legalidade enquanto forma deontológica de seguimento da lei e da legitimidade como os modos performativos e legitimadores de ações próprias às dinâmicas institucionais, inclusive às instituições jurídicas. Vale destacar que uma instituição permeada pela justiça é constituída de um lado culpado e outro inocente, de um lado do bem e outro do mal; contudo, esses lados constituem o mesmo corpo, ou seja, o corpo institucional (Agamben, 2015). Assim, se de um lado temos os adolescentes em conflito com a lei insistindo em fazer laço social a partir da criminalidade, do outro temos os agentes de uma lógica social que tenta excluir os sujeitos que não se enquadram em uma certa normatividade. Entretanto, ambos os lados constituem a mesma sociedade.

Dessa forma, o desenraizamento é uma forma de anunciar a fragilidade do Estado oriunda de uma fratura constitutiva da sociedade baseada na ruptura entre o nós e os eles, havendo a impossibilidade em ofertar à sua população subversiva a regulamentação em um determinado lugar. A ideia de sociedade de massa oriunda de processos massificados e universalizantes, o crescente isolamento acompanhado de um sentimento de fracasso e/ou exclusão de boa parte da população, a cooptação e adesão irrestrita às figuras presentificadas por meio de caricaturas de superidentidades e a naturalização da violência levam-nos a pensar que estamos diante de uma cadeia formada pelos mesmos elos constituintes de um Estado que deixam a população a sua própria sorte ou a elimina de maneira abrupta, o que parece indicar que, mesmo no seio de sociedades democráticas, diferentes formas de organização autoritárias poderão subsistir, sob a forma de microcosmos totalitários (Arendt, 1998/2007).

O desenraizamento é também a ausência da transmissão a partir do corte com uma raiz anteriormente perdida, empobrecendo a narrativa de vida para esses sujeitos. Interessa-nos pensar como possibilidade o modo próprio da narração de si dos adolescentes brasileiros moradores de vilas e favelas, cooptados pelo tráfico de drogas e disseminadores de uma rede de violência em troca de reconhecimento, que têm sua história narrada pelo ponto de vista da exclusão e da segregação. Mas não somente isso, os próprios discursos pelos quais esse adolescente inventa para si um lugar de poder por meio da criminalidade não são visibilizados, escutados e reconhecidos. Desenraizar é um processo contínuo de afastar o sujeito de um determinado ponto em que ele possa ser visualizado.

Com isso, os jovens se identificam e constroem o lugar para si a partir dessa posição de dejeto. Em texto escrito por Jacques-Alain Miller em 2010, denominado A salvação pelos dejetos, o autor destaca o fato de estarmos vivendo no meio social através de uma escolha forçada, na qual a salvação pelos ideais normativos é a única saída. Em outras palavras, o ideal de uma vida normal, comum, preservando a nossa saúde mental, é a saída para a resolutividade dos impasses da nossa vida psíquica e social. Entretanto, a entrada da psicanálise na cultura apresentou uma outra possibilidade: a salvação pelos dejetos. Mas o que é o dejeto? Termo comum utilizado por Jacques Lacan que se refere ao rejeitado. O que cai quando outra coisa se eleva. É o que se coloca à margem enquanto os ideais resplandecem, pois o ideal tem forma e um lugar de reconhecimento firme e naturalizado na vida cotidiana, enquanto o desejo é informe. O dejeto estaria como figura inacabada de um apavoramento, o fora do humano, o corpo que, quando aparece, até mesmo de forma discursiva nos diálogos entre as pessoas, é visto em forma de horror. O ideal enquanto ideal é a imagem que sustenta a figura do humano.

Os adolescentes em conflito com a lei, assim como os corpos à margem em geral, dão lugar ao dejeto na vida social, uma forma e uma estética para aquele que está na ordem do inapreensível. O que se coloca enquanto dejeto cria um espaço de indeterminação e herança dentro de uma forma de vida, organização e estrutura social baseada em parâmetros cada vez mais inalcançáveis. Os dejetos não vivem tão à margem da sociedade, pelo contrário, eles são uns dos desenhos dentro da tela que compõem a nossa atual configuração social. Dessa forma, os jovens encontram muitas vezes nas facções a possibilidade de reconstrução de si e de narrar a sua própria história, sem o apoio e a referência dos pais, do Estado ou da própria sociedade, e tudo que isso representa em termos simbólicos e culturais, apoiando-se apenas em um referencial isolado, carregado de poder quanto ao lugar que ocupa nas relações hierárquicas das quais esse jovem participa. Por isso, existe um laço de afeto e confiança/desconfiança familiar nos membros da organização, uma fraternidade de gozo em torno das atitudes de agressividade que pode estimular esses jovens ao fascínio pelo excesso da adrenalina, pelo risco e até mesmo pela morte. Todos esses processos remetem a uma nostalgia de uma raiz anteriormente perdida ou indignação perante esse ato de ruptura, mas também àquilo a que se refere Miller (2010), o caminho para a salvação pelos dejetos..

Do não lugar à violência

A violência é um fenômeno social que marca a passagem de determinada gramática de afeto ao ato. Por isso, pensá-la do ponto de vista conceitual precisa considerar as mais diferentes visões controversas perpassadas por diferentes correntes do pensamento. É possível, por exemplo, encontrar uma definição de violência a partir de uma visão histórica, cultural, social e política. No caso dos adolescentes em conflito com a lei, ela é tanto uma manifestação comum através dos seus atos quanto esses corpos são frutos de diferentes formas de violações. Vale salientar que esse é um momento da vida de fortes modificações e tensionamentos de conflitos oriundos desses processos de transformações provindas de mudanças corporais, mudança de linguagem, constituições de outros laços sociais e novos investimentos para além do núcleo familiar. Somam-se a isso todos os aspectos que compreendem a transição da infância para uma vida adulta (Miller, 2016).

Evidentemente, nossas análises são sobre as violências do nosso tempo, marcado principalmente por inserção da tecnologia, aumento da desigualdade social e, no caso brasileiro, sociedade marcada por aspectos coloniais bastante presentes nos cotidianos, principalmente, dos sujeitos periféricos. A violência também é um modo de romper com essa forma de normalidade da vida, uma força disruptiva que pode criar um campo de espaço para o sujeito que produz determinado ato. Nesse sentido, a violência instaura novas formas de relações diferentes das formas comuns de estabelecimento de laços.

No caso dos adolescentes em conflito com a lei, existe certa recusa em aderir às convenções e normas perante a esse Outro Social. Uma recusa à ficção de uma vida normal baseada no campo do trabalho, na família e na comunidade. O Outro social advém nesse caso em forma de imperativo sobre o sujeito, “O outro goza de mim” (Miller, 2010, p. 3). Trata-se de uma sombra que recai na vida do sujeito na forma de imperativos de adequação a uma exigência abstrata da sociedade, geralmente traduzida nos discursos morais presentes em discussões cotidianas sobre esses adolescentes que insistem em rejeitar a norma tal como ela se constitui. Não à toa observamos em relatos (Guerra et al., 2010) a presença desse Outro Social como o Outro Mau no discurso dos adolescentes, que quer usar, usufruir e servir do sujeito para os seus fins.

A violência pode ser também a reiteração de uma ordem ou de um funcionamento normal de uma instituição ou organização. Não fora da curva aparecerem na clínica adolescentes em conflito com a lei que seguem determinado ordenamento de uma facção criminosa ou acordo entre colegas para realizar determinada infração. Observamos também no

social o impasse produzido no tocante ao inexplicável da cena de violência, reverberando uma série de discursos que tentam dar conta do fenômeno. O ato do adolescente é facilmente individualizado, remetendo a um conjunto de características particulares do sujeito enquanto pessoa não assentada em preceitos éticos e morais. A questão da fragilização dos vínculos familiares também aparece quanto à vinculação desses jovens a grupos e facções criminosas.

Nogueira (2015) afirma que há uma repetição que marca esses corpos de forma material e que aparece de diversas maneiras na escuta analítica: a falta de transmissão do desejo a partir da ausência do pai. Entre esses casos marcados por uma ausência paterna, estão aqueles que perderam o pai quando crianças; os que não tiveram a participação ativa do pai durante a vida, principalmente por causa do uso abusivo de drogas; há também casos de violência e rompimentos familiares pelos mais diversos motivos. Em alguma medida, e por meio da violência, essas variações da conjuntura familiar que bagunçam a transmissão pela ausência da lei paterna é também a dissolução de valores morais e culturais sobre a organização familiar.

Existe também o aspecto sociológico do fenômeno da violência praticada pelos adolescentes vinculados ao crime organizado. Os jovens iniciam geralmente sua participação no crime organizado com pequenos furtos e delitos. A identificação a um membro ou a ideia, assim como a fixação a certos princípios e motivos, servem de sustentação para o adolescente obter um lugar. A morte de companheiros devido às rixas com outras facções criminosas e confronto com a polícia reforça um lugar de pertencimento a uma causa, quase sempre permeada de remorso e desejo de vingança. Nesses casos, a partir de uma adesão a um grupo, os processos comuns da vida cotidiana e os acontecimentos que envolvem viver fora da lei colocam o sujeito tão imerso e envolvido com o crime organizado que é comum escutar dos próprios adolescentes que a entrada na vida do crime é um caminho sem volta (Lacadée, 2011).

No crime, o sujeito aparenta encontrar um lugar para reconstrução de si, sem apoio e suporte familiar, e sem as diretrizes provindas das leis do Estado. Criam laços e “amizades” com os sujeitos que se encontram no sistema de acolhimento de regime fechado, com a venda de drogas ou em espaços da organização, e de compartilhamento de ideias e ideais. Em certo momento, em uma experiência na medida socioeducativa, escutou-se do policial a seguinte reflexão: pouco se notam os significantes contidos quando enunciamos “crime organizado”. O “crime”, por estar fora da lei, remete à errância e à falta de coordenadas. Entretanto, a palavra “organizado” vem após a palavra “crime”, ou seja, a errância é organizada. Organizada a tal

ponto que se torna quase impossível dimensionar o tamanho das influências do poder do crime organizado no Brasil.

Tal reflexão é importante porque a organização não somente se refere às questões relativas ao financeiro, às formas de organizar as dinâmicas de poder e o comércio de drogas ou à tentativa de acessar por meio da violência as benesses da cultura neoliberal. O que está em questão também são as redes simbólicas que fixam o jovem a um pertencimento, à identificação e ao reconhecimento. É comum, por exemplo, observar como esses jovens marcam na pele, por meio das tatuagens, símbolos representantes da sua filiação e fidelidade a determinado grupo. Um acordo fraterno, muitas vezes, fixado em um sem limite da satisfação corporal e um fascínio com a proximidade da morte.

Ainda sob as múltiplas formas de compreensão do fenômeno da violência, a entrada da tecnologia na vida social desses jovens produziu outras configurações de visibilidade e exposição desse corpo, utilizando as mídias digitais para a propagação de ostentação e imagens de terror. Esse dado demonstra de imediato que o modo da violência está intrinsecamente ligado a questões relacionadas à vida material, aos acessos a serviços e objetos de toda diversidade e valor, e que se apresentam como terreno e meios de formação das subjetividades. Nesse sentido, existe uma certa inversão sobre a concepção de violência quando visualizamos a cena por outro ângulo; em vez de olharmos o fenômeno da violência unicamente como demanda individual ou familiar, identificamos também o caráter social do ato, visualizado como a ausência de reconhecimento e, consequentemente, a necessidade de uma outra forma de estar no mundo mediante a ruptura com o Outro (Miller, 2016).

Vale salientar que esse modo de conceber a violência é uma forma de leitura também psicanalítica, pois, considerada como sintoma social, ela pressupõe a emergência de uma ordem, de um ideal ou de um padrão, sendo a violência a manifestação daquilo que não funciona bem dentro de tal parâmetro, o que impede a realização da felicidade plena e, por consequência, o princípio do prazer (Macêdo & Ferrari, 2019). A partir dessa concepção, é possível conceber a violência enquanto um elemento próprio da produção de laço social, assim como ela é também uma resposta às formas hegemônicas de conceber a organização da vida. Essas formas de organização da vida, por sua vez, também são produtoras de violência ao excluir a singularidade dos adolescentes e construir espaços abertos de segregação.

Dessa forma, a violação é uma ruptura com os ideais e idealização que cercam o corpo do adolescente em razão da forte incidência de uma gramática normativa. Para Lacan

(1957-1958/1999), a violência é exatamente a ruptura com o Outro, a ausência de palavra e a própria passagem ao ato — neste caso, infracional. Em tal circuito de idealizações, entram em cena os objetos cobiçados pelos jovens, formas sociais de estilo de vida inalcançáveis para sujeitos oriundos de baixa renda. Nesses casos, existe um empuxo ao consumo desenfreado dos objetivos como forma de acesso ao prazer imediato. Para Lacan, segundo Miller (2016), o “tudo posso” é um imperativo que faz os sujeitos sofrerem pela impossibilidade de consumir todos os objetos possíveis e impossíveis. Nisso recorre a certo drama, pois o nosso laço social nem sempre fornece os alicerces e tempo para a elaboração do sujeito retificar a exigência desses ideais. Assim, a substituição desse Outro familiar por um Outro do laço grupal que funcione de forma similar é que parece admitir a possibilidade de filiação via família ao crime organizado e da presença da identificação propagadas mediante imagens, discursos etc. Os jovens infratores buscam se conectar a seus semelhantes em um movimento de identificação, que orienta seus modos de comportar-se, falar e vestir. Isso nos leva a crer que os adolescentes desenraizados parecem encontrar no ato infracional a possibilidade de se inscrever no campo da cultura e fazer o semblante de laço social com o outro da alteridade; em outros termos, o ato infracional é uma forma de o sujeito encontrar o reconhecimento no espaço social (Macêdo & Ferrari, 2019).

Por outro lado, o sentido da violência para aqueles que seguem o ordenamento da norma, observando infrações como furtos e homicídios, são compreendidas como comportamento fora da gramática do ser cidadão. Nesse sentido, o ato infracional parece significar uma desagregação do acordo simbólico de preservação da vida, acabando por alimentar uma fantasia perigosa que se espalha pelo social como um desejo de eliminação do outro.

A violência, portanto, é o resultado de uma configuração social que desde as suas bases éticas está fadada ao fracasso devido à cobrança de idealizações praticamente inalcançáveis, tornando-se uma solução para os sujeitos diante da exclusão e da dissolução de possibilidades ofertadas pelo tecido comunitário. É a partir desse ponto, da ruptura com uma normalidade e legalidade, que é possível pensar em adolescentes desenraizados e em busca de algo que possa constituir um lugar possível para ser.

Da agressividade ao aprisionamento da identificação

Em certo atendimento a um adolescente em conflito com a lei, um determinado enigma aparece ao sujeito a partir da própria fala. A certa falta de controle corporal presente

em momentos de questionamento, tensão, práticas de infrações etc., levava-o a atos que posteriormente não conseguia nomear, desprovidos de sentido, narração e introspecção. Entretanto, ele afirmava que tais atos produziam uma satisfação, um prazer imediato, que apareciam nos seus sonhos de forma repetida: colocar o pé para fora da praça produzia uma outra cena, na qual o adolescente se encontrava fugindo da polícia. Após isso, ao narrar a entrada no crime organizado, ele a associa à morte de um familiar por uma outra facção criminosa, levando-o a seguir os seus passos.

O certo desordenamento perante os atos levava esse adolescente a praticar infrações não somente em relação ao funcionamento da lei do Estado, mas também em relação às próprias ordenações da facção criminosa. Existe o rompimento com o crime organizado quando o adolescente pratica uma determinada infração contrária ao ordenamento da organização, como a retirada da vida de um sujeito sem permissão, um assalto repentino, a quebra de acordos anteriormente estabelecidos, entre outras formas de violação que resultam em ameaças por parte das facções criminosas.

A prática clínica nos revela um ponto levantado por Lacan (1948/1998) e que pode nos servir como uma lente de aumento para compreender as singularidades desses atos: a agressividade². A agressividade e adolescência com a lei não é um debate novo, ao longo do século XX observamos o entrelaçamento do conceito como explicação do fenômeno da violência do humano. Facilmente o termo foi levado no social a um discurso moral, no qual os sujeitos que praticam determinado ato criminal tinham uma essencialidade agressiva. Na ciência, tais discursos levaram a diversos estudos sobre a personalidade da pessoa criminosa, objetivando encontrar o traço principal que leva o sujeito à violência.

Resgatar tal conceito de agressividade é deslocá-lo não mais para o campo da especificidade do sujeito que pratica o ato, mas sim para o nível da nossa constituição enquanto sujeito. Nesse caso, a agressividade não é um fenômeno particular, pelo contrário, é algo presente na nossa constituição psíquica enquanto humanos. Desse modo, como lidamos com o

² A diferenciação entre agressividade e violência para Lacan aparece na seguinte nota: [...] a violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala é exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala. Se a violência se distingue em sua essência da fala, pode colocar-se a questão de saber em que medida a violência como tal - para distingui-la do uso que fazemos da agressividade — pode ser recalculada, uma vez que postulamos como princípio que só pode ser recalculado, em princípio, aquilo que revela ter ingressado na estrutura da fala, isto é, a uma articulação significante. Se o que é da ordem da agressividade chega a ser simbolizado e captado no mecanismo daquilo que é recalque, inconsciência, daquilo que é analisável, e até, de maneira geral, daquilo que é interpretável, é por intermédio do assassinato do semelhante que está latente na relação imaginária (Lacan, 1957-1958/1999, p. 471).

elemento de agressividade presente na nossa constituição estrutural desde a infância é um modo de levantar um problema frutífero para a nossa pesquisa, pois a agressividade é uma resposta do sujeito aos incômodos externos e internos que modificam ou tensionam a estrutura do Eu.

Diante disso, os momentos de desencontros e contingências são marcados com forte teor de afetos, um modo agressivo de apresentação com o outro, levando em alguns casos a tirar a vida de alguém por rejeitar a introjeção deste no modus operandi da dinâmica de sua vida, assim como é um modo de satisfazer certo circuito pulsional. Não à toa, para Lacan (1948/1998), a base da noção de agressividade é a identificação narcísica da estrutura do Eu. Nesse caso, não há identificação sem agressividade. A hipótese causa uma reviravolta sobre o conceito, pois o que está em questão não são processos de desligamentos como produtores de atos, mas o excesso de identificação a sua própria estrutura subjetiva como resposta aos infortúnios da vida.

O semblante de uma rebeldia, a que se referem os impulsos agressivos, aponta para um lugar do Outro Social caracterizado pela força da identificação. Esse semblante de uma rebeldia, a que se referem os impulsos agressivos, é uma maneira de o adolescente escancarar como as relações sociais são marcadas por precondições que não aceitam as diversas formas de se colocar no mundo, em que, paradoxalmente, ao mesmo tempo, a rebeldia é a tentativa, repetição, da presentificação de uma identificação.

No caso levantado acima, esse modo de identificação foi a entrada para o mundo da criminalidade. Desse modo, o sujeito é agredido e agressor, inclusive sobre si mesmo, ao fixar determinado predicativo e visualizar o outro pelo ângulo de um inimigo potencial. Diante do excesso da alteridade predicativa, a agressividade perante o outro é marcada por um conjunto de enigmas no tocante às diversas esferas da vida, tanto na questão do sujeito com o próprio corpo e a sexualidade quanto na das formas de enlaçamento social. Nesse sentido, a fixação a um processo de identificação com seus vínculos primários de constituição leva o sujeito a uma indeterminação dos seus atos. Isso implica a compreensão de tais processos fixos de identificação na produção de certos regimes de instabilidade e fragilidades oriunda do imaginário baseado na identidade de si, jogando o adolescente à errância e à falta de orientação. Tais construções são respostas à agressividade provindas da nossa constituição, assim como é um lugar que o sujeito encontra para construir uma narrativa de si que não foi ofertada pelo Estado ao não reconhecer o sujeito. Essa forte identificação ao Eu e a falta de suporte material e simbólico podem ter como efeito uma busca por referências das mais diversas por parte desses

jovens como uma tentativa de enraizamento social, ou seja, de vínculo social com os outros (Guerra et al., 2010).

Tais processos podem interferir diretamente no modo de percepção de si e nos modos de o sujeito se compreender no mundo. Para Lacan, esse lugar na vida psíquica do sujeito é denominado de Outro, justamente o lugar de amparo, a casa da linguagem, que o sujeito usa de suporte para a sua vida (Miller, 2016). Desse lugar, orientamo-nos, falamos, usamos dos significantes para dar contorno ao mal-estar da vida. Existe também um caráter problemático no Outro quando as orientações para o sujeito partem do lugar da fixação a um determinado lugar, ideal ou ao discurso imaginário. No caso dos adolescentes em conflito com a lei, é comum observar tais processos de clivagens que marcam a história desses sujeitos, jogando-os às masmorras e às correntes da identificação ao Eu. O aprisionamento a esse modo de subjetivação leva a produzir atos a quaisquer sujeitos que interfiram em tal modo de estruturação.

Essa identificação e partilha de semelhantes aparece no discurso do adolescente infrator que se refere aos “irmãos” do crime organizado como uma família. No entanto, a identificação do adolescente com um grupo difere da identificação como uma operação permitida pela função do pai enquanto S1, esse que ordena a cadeia significante. Dessa forma, fica explícito que não estamos no terreno das referências simbólico-identificatórias, mas em uma identificação ligada de forma terrena ao imaginário (Miller, 2016). A fatia de jovens envolvidos com a criminalidade parece ver o ato infracional como possibilidade de enlaçamento social por uma modalidade de “laço familiar”.

A garantia do laço através da criminalidade envolve a dimensão do ato contra a norma e a figura do Estado. É nesse grupo que esses jovens recriam uma família, isso fica evidente quando, na escuta de adolescentes durante os atendimentos nas unidades de internação, surgem frases como: “eles são a minha família”, “é nós no crime, é a família”, “ou corre com nós, ou corre de nós”, “aqui nós corre junto”, “falei na dicção de bandido”. Essa dicção, vestuário, gestos partilhados são incorporados como marcas no sujeito e do sujeito, são insígnias que permitem a identificação ao ideal do grupo, e essa se torna uma partilha entre semelhantes.

Tais legendas, signos de um gozo, funcionam como significantes que fazem com que, por meio da família do crime, os adolescentes criem laços recíprocos. A singularidade de cada um é socializada, e não é sem dificuldade que, na escuta desses sujeitos, aparece algo de um corpo que está em risco na maioria do tempo. O risco é um fator importante de ligação,

pois, material e imaginariamente, tais identificações são produzidas contra um inimigo exterior, sempre pronto a atacá-los. Assim, pela própria lógica de confronto que alicerça as facções, o adolescente em conflito com a lei busca testar os limites do corpo ao se inserir em um meio em que o corpo é o principal alvo e suporte do consumo e defesa do tráfico. Isso fica evidente na fala de alguns adolescentes durante os atendimentos, eles diziam: “Eu só gostava de matar e de roubar. Gosto da adrenalina”; ou ainda: “fui lá e dei um tiro na cabeça dele, ele estava de costas, morreu sem saber. Descarreguei!”, “tenho um prazer enorme em pegar a moto e fugir da polícia”; e, por último: “atirei na hora da adrenalina, depois que me dei conta do que tinha feito”. Existe uma forte gramática de afetos presentes nessas falas, pois trata-se da ultrapassagem de certo limite da lei que produz uma espécie de gozo e satisfação para o sujeito.

Em busca da construção de um novo Outro

Entretanto, não existe vida social, política, sem a construção de uma paranoia e uma história fictícia para si. Nesse sentido, ao invés de um Outro Social marcado pelas suas formas rígidas de manifestação, o que está em questão enquanto possibilidade de saída do aprisionamento aos processos discursivos produzidos pelas identificações ao Eu é a construção de um Outro Singular, pois o Outro é também um lugar de reconhecimento e pertencimento, um terceiro lugar na cena de interpelação com o outro da alteridade. Nesse sentido, autêntica a dimensão do sentido perante a vida, assim como é através dele que pode advir o sujeito do desejo. Em outras palavras, o Outro é um lugar na vida psíquica em que se estrutura o nosso lugar de reconhecimento e pertencimento à vida social (Pena & Silva, 2018).

Dessa forma, para a vida se constituir enquanto tal, é essencial a construção e inserção do sujeito no laço social, a saída pela via da construção de um Outro singular é a maneira de ofertar um lugar e um saber fazer perante a angústia, os impossíveis do corpo e a agressividade que nos constitui. No caso do nosso objeto de pesquisa, os adolescentes em conflito com a lei, observamos um dilema a mais: como visto, o desenraizamento, o lugar de dejeto, elimina o lugar simbólico de sustentação desses sujeitos dentro dos ideais. Tal falta de suporte de um Outro transforma em aparecimento cultural desses sujeitos banhados de rebeldia, o que do ponto de vista da observação clínica nos remete à agressividade como modalidade de externalização desses afetos.

Quando nos remetemos a esse Outro lacaniano, não nos referimos a um lugar estável e uniforme de apaziguamento do sujeito em determinado lugar da vida psíquica. Pensar

o Outro aqui é quase como uma aposta do sujeito, pois a sexualidade, a relação de assimetria dos processos com o outro, coloca o Outro não como lugar de segurança, mas de inconsistência, pois ele caminhará sempre para uma falta (Lacan, 1957-1958/1999). O adolescente passa, então, a se relacionar e se responsabilizar com as inconsistências demonstradas pelo Outro. Sendo assim, o adolescente em conflito com a lei aparenta estar entre o desenraizamento de um lugar e a tentativa de uma relação consistente com esse Outro a partir de uma estética diferente.

De acordo com Nogueira (2015), e como observado na clínica, existe a desqualificação do pai e da família no processo de introjeção do Outro do ponto de vista imaginário. Isso faz com que o adolescente se encontre confrontado com o vazio que comporta esse encontro, pois, como dito anteriormente, o Outro não é marcado por fortalezas e formas rígidas, pelo contrário, é um lugar de orientação perante a vida marcada por uma hiância constitutiva. Isso pode se materializar na vida do sujeito, na maioria das vezes, com as mais diversas expressões de angústia, além de fazer com que a busca por uma solução do conflito se dê basicamente por identificações imaginárias.

Esse aparente vazio daquilo que corresponde à função que essa função pai deveria ter, pois trata-se de uma metáfora, pode ser ocupado pelas diversas figuras nos contextos em que esses adolescentes estão inseridos. É nessa relação que vamos perceber um movimento que parte dos adolescentes de busca de garantias para a construção de suas identidades, evidentemente, por meio do que estamos chamando aqui de rebeldia, ou seja, através de ações de aparecimento para os executores da função de lei sobre eles, que carregam consigo a demonstração de apreço por meio do que eles julgam orgulhar seus superiores: a intensidade de suas agressividades a partir da identificação grupal.

Por fim, na sociedade atual esses adolescentes que sofrem desamparo do discurso são desamparados evidentemente em sua materialidade, no acesso aos bens e serviços da cultura de consumo, que também constituem laços e servem como signos e objetos incorporados pelo simbólico, o que, em alguma dimensão, demonstra uma autonomia dos sujeitos no cálculo feito do seu gozo, que é um cálculo neurótico, ou seja, uma acomodação do gozo na fantasia social. Comumente ouvimos falar de um simbólico fragilizado, mas preferimos falar em um simbólico escasso, no sentido mesmo de denunciar a falta de objetos comuns, que todas as pessoas podem acessar e, mais ainda, que elas querem. Justamente a escassez produz a redução de possibilidades ao sujeito, aprisionados em identificações disponíveis para o reconhecimento de si.

A sociedade costuma revoltar-se quando assimilamos a história desses jovens à história de seus desejos, e, nesse sentido, eles não desejam a criminalidade, eles desejam acessar uma identificação própria (para chamar de sua, dizer eu tenho) entre as diversas formas e denominações dessas identidades que se constituem em lugares de poder almejados pela garantia e reconhecimento que podem fornecer a esses jovens, em outros termos, a construção de um novo Outro para si. O simbólico escasso é também a oportunidade de um simbólico inventivo, inquieto e pulsante como qualquer outro, mas usamos essa denominação justamente para destacar o seguinte aspecto: ser escasso e produzir o excesso ao pertencimento à identificação.

Considerações finais

A quem está direcionado o ato infracional de um adolescente? Quais são os efeitos de um ato violento na vida dos adolescentes que podem indicar uma reivindicação de constituição e reconhecimento de si diante dos discursos do social por meio de uma modalidade de infração da lei? O que nossos encaminhamentos têm mostrado é que há uma relação entre poder e discurso na qual uma série de processos acontecem, como a constituição do simbólico, que é atravessada pelas coisas, acessos e serviços, ou seja, por suas condições materiais, intimamente relacionadas (ele, objeto) com as nuances em que se dão as trocas entre poder e discurso, produzindo processos de desenraizamento.

O desamparo discursivo significa que há uma forma de gozar neurótica em nossa sociedade a que esses jovens não têm acesso: é evidente que todas as marcas do território em que um corpo se desenvolve socialmente estão presentes na experiência dos sujeitos, que o discurso não alcança. Podíamos pensar que isso é uma coisa boa, mas, na verdade, essa diferença serve apenas para orientar dinâmicas de expansão e contenção das formas de gozar, que na cultura pode ser observada pela violência das formas de gozar quanto à lei, e muitas vezes não apenas a lei jurídica. O adolescente está disposto a atacar leis para alcançar o gozo prometido.

Mas a nossa questão vai além disso: o adolescente que busca reconhecimento pelo regime da criminalidade não se importa com a forma como a lei funciona, pelo contrário, utiliza-se dela para atacá-la. Disputar poder com setores da legalidade que não são bem-vistos pela população também conta no juízo que esses adolescentes fazem na hora de decidir sobre

suas referências e possibilidades. Nesses processos, há o horror das pessoas que olham a cena pelo ângulo da norma, mas há também questões sobre a idealização da nossa vida social.

Disso decorre a questão de que estamos tratando, as razões pelas quais nomeações e lugares ocupados por sujeitos criminosos se tornam um referencial de Outro paterno para esses jovens. A escassez de possibilidades ofertadas pelo social conduz os adolescentes a uma redução brutal de possibilidades de uma narrativa para si, reduzindo-os a uma identificação imaginária com o outro — ponto central para a definição de agressividade em Lacan. Com o ato da infração, eles garantem filiação ao grupo e, com isso, o pulsar da vida, mediante a fórmula reconhecida pelos detentores das normatividades: sinto, logo existo. O compartilhamento e a sustentação desses semelhantes por meio da criminalidade envolvem a dimensão do ato e do corpo enquanto campo de sensações.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, George. *O mistério do mal: Bento XVI e o fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARENDT, Hannah.. *Origens do totalitarismo*. (Trabalho original publicado em 1951). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. (Trabalho original publicado em 1998). São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990, 16 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/o-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GUERRA, Andréa Máris Campos; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; LIMA, Nádia Laguárdia de; POMPEO, Bárbara Drumond da Silveira; SOARES, Camila Alves Noberto; CARVALHO, Liliany Mara Silva; PECHIR, Naiane de Andrade Nascimento. Construindo idéias sobre a juventude envolvida com a criminalidade violenta. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 434–456, 2010. DOI: 10.12957/epp.2010.8967. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/8967>. Acesso em: 6 ago. 2024

LACADÉE, Philippe. *O tempo gramatical da transição*. In: *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2011.



LACAN, Jacques. (1998). A agressividade em psicanálise. In: Escritos.(Trabalho original publicado em 1948). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. (Trabalho original publicado em 1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MACEDO, Lucíola Freitas de; FERRARI, Ilka Franco. Desenraizamento e radicalização na juventude contemporânea. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 51, n. 1, p. 113-133, jun. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2024.

MILLER, Jacques-Alain. Salvação pelos dejetos. Revista online: escola brasileira de psicanálise, 67, 1-5, 2010.

MILLER, Jacques-Alain. A . Em direção à adolescência. In: Opção Lacaniana. 72, 20-30. São Paulo: Eolia, 2016

NOGUEIRA, Cristina. A questão do pai e o ato infracional: impasses na transmissão do desejo. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2015

PENA, Breno Ferreira; SILVA, Ronildo Deivid Costa da. O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 49, p. 81-90, jul. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2024.

ROSA, Miriam Debieux. Sofrimento sociopolítico, Silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão* v.42, e242179, 1-10, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242179>



A HOMOSSEXUALIDADE E OS CONFLITOS FAMILIARES SOB A INTERFACE DA SÉTIMA ARTE

Andreza Martins da Silva

HOMOSEXUALITY AND FAMILY CONFLICTS UNDER THE INTERFACE OF THE SEVENTH ART

HOMOSEXUALIDAD Y CONFLICTOS FAMILIARES BAJO LA INTERFAZ DEL SÉPTIMO ARTE

RESUMO

A família é a primeira instituição na qual um sujeito está inserido. Os afetos que surgem dessa relação são diversos e marcantes. No contato com uma família que seja refratária à experiência da homossexualidade, o sujeito vê-se envolto por discursos que o impactam em sua subjetividade. A proposta deste artigo é analisar como a homossexualidade foi tratada de maneira problemática e patológica por diversos campos do conhecimento, destacando como a perspectiva psicanalítica traz à luz outras concepções da sexualidade, a partir da teoria de pulsão sexual desenvolvida por Sigmund Freud. Tal teoria deslinda a pulsão sexual como distinta de instinto, e aponta para uma de suas características fundamentais, qual seja, a de que a pulsão sexual alcança sua satisfação por meio de objetos, e que estes são o que há de mais variável na pulsão. Baseada em dados secundários, o material foi escolhido através de pesquisa bibliográfica. Bem como a análise de alguns pontos do filme Eu Matei Minha Mãe, do diretor canadense Xavier Dolan, que serve como dispositivo para demonstrar como as produções artísticas captam e retratam esse mal-estar.

Palavras-chave: Homossexualidade; Família; Psicanálise; Cinema; Xavier Dolan.

ABSTRACT

The family is the first institution in which a subject is inserted. The feelings that arise from this relationship are diverse and striking. When in contact with a family that is resistant to the experience of homosexuality, the subject finds himself surrounded by discourses that impact his subjectivity. The purpose of this article is to analyze how homosexuality has been treated in a problematic and pathological manner by various fields of knowledge, highlighting how the psychoanalytic perspective brings to light other conceptions of sexuality, based on the theory of sexual drive developed by Sigmund Freud. This theory unravels the sexual drive as distinct from instinct, and points to one of its fundamental characteristics, namely, that the sexual drive achieves its satisfaction through objects, and that these are the most variable aspects of the drive. Based on secondary data, the material was selected through bibliographical research. As well as the analysis of some points of the film I Killed My Mother, by Canadian director Xavier Dolan, which serves as a device to demonstrate how artistic productions capture and portray this discomfort.

Key words: Homosexuality; Family; Psychoanalysis; Cinema; Xavier Dolan.

RESUMEN

La familia es la primera institución en la que se inserta un sujeto. Los afectos que surgen de esta relación son diversos y llamativos. En contacto con una familia refractaria a la experiencia de la homosexualidad, el sujeto se encuentra rodeado de discursos que impactan su subjetividad. El propósito de este artículo es analizar cómo la homosexualidad fue tratada de manera problemática y patológica por diferentes campos del conocimiento, destacando cómo la perspectiva psicoanalítica saca a la luz otras concepciones de la sexualidad, basadas en la teoría de la pulsión sexual desarrollada por Sigmund Freud. Esta teoría revela que la pulsión sexual es distinta del instinto y señala una de sus características fundamentales, a saber, que la pulsión sexual logra su satisfacción a través de objetos, y que estos son los aspectos más variables de la pulsión. A partir de datos secundarios se eligió el material mediante investigación bibliográfica. Así como el análisis de algunos puntos de la película Maté a mi madre, del director canadiense Xavier Dolan, que sirve como dispositivo para demostrar cómo las producciones artísticas captan y retratan este malestar.

Palabras clave: Homosexualidad; Familia; Psicoanálisis; Cine; Xavier Dolan.

1 Introdução

A instituição família é uma das bases que sustentam a sociedade. Não basta reduzir a relação familiar apenas a algumas pessoas que estão ligadas por um parentesco biológico. Há implicações dentro dessa relação que são *a priori* fundamentais para o desenvolvimento psíquico de um sujeito, dentre as quais estão as tradições e os ritos que são passados adiante, a educação para controlar instintos básicos e a aquisição da linguagem (LACAN, 1938). A organização familiar possui, portanto, papel essencial para a transmissão da cultura. As normas primárias adquiridas dentro da família são basilares para regular as relações entre os sujeitos (SCOTT, 1996, apud RAMOS, Nascimento, 1996, p.12). No entanto, a relação dentro desta instituição não é sempre amistosa, pois dada a complexidade que as relações com o outro exigem, a família pode ser produtora de grande sofrimento para o sujeito.

Dentre os aspectos que podem marcar esta relação conflituosa está a não aceitação da homossexualidade de um sujeito. A homossexualidade na cultura ocidental é, desde a Grécia Antiga, objeto de interesse dos mais diversos campos do conhecimento. No entanto, no contemporâneo, o modo como a ciência se apropria do estudo da homossexualidade mostra-se por vezes balizado nos parâmetros de um preconceito enraizado desde o princípio na visão dos cientistas (TREVISAN, 2018). Tendo em vista que muitas foram as tentativas de descobrir uma possível origem da homossexualidade, através, por exemplo, de testes realizados com animais no intuito de descobrir se seria possível existir uma base neural para o comportamento homosexual (TREVISAN, 2018). Tais propostas de pesquisa evidenciam que,

ao se propor tal exame investigativo da origem homossexual, denota-se um julgamento valorativo, pois quando se pergunta a origem de algo tido como diferente, sugere-se a ideia de que aquilo desvia da norma esperada (TREVISAN, 2018). Nesse sentido, existe uma linha tênue entre a ciência estar de fato comprometida com a procura de mais saberes sobre as identidades sexuais, e a expectativa de encontrar respostas para a origem de algo que se apresenta como natural desde o princípio.

Em contraponto à ideia do discurso científico que analisa, por vezes de maneira determinista e enclausurante, a homossexualidade, outros campos do conhecimento articulam com esta ideia de maneira distinta, como a teoria Psicanalítica. Em 1935, Sigmund Freud, ao receber a carta de uma mulher americana angustiada com a homossexualidade de seu filho, responde-lhe dizendo que: “A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença” (IANNINI, 2019, p. 28). Ao abordar a homossexualidade por esta perspectiva, nota-se que, se para a psicanálise não há nenhum ganho, também pode-se dizer que não há nenhuma perda significativa. Uma vez que as orientações sexuais são, em suas mais diversas apresentações, apenas variações do desenvolvimento sexual humano. Além disso, para a psicanálise, a sexualidade não se constitui no ser humano apenas para cumprir um papel de reprodução, mas está relacionada ao desejo que não tem uma escolha antecipada de seu objeto. As pulsões性uais podem ser inúmeras e constituem-se no inconsciente, sua existência advém de um ponto longe da história do sujeito que pode remontar desde o período embrionário, vindo a findar apenas em sua morte (NASIO, 1995).

Nesse sentido, o desejo é algo que se difere do esforço científico em determinar de forma precisa como se daria o surgimento da homossexualidade, além de que isso só serviria para categorização. O desejo não cabe em uma definição final, é sempre algo singular e se apresenta de maneira singular para cada sujeito. Querer direcionar o desejo para algum lado é inútil, pois há sempre um mistério em sua origem (TREVISAN, 2018). Ou seja, a homossexualidade, neste sentido, é apenas mais uma manifestação da sexualidade humana. Apesar das tentativas de padronização da sexualidade, o desejo mostra um universo de possibilidades e traça seus próprios caminhos, mesmo em contraponto com as exigências dos padrões e normas estabelecidas (TREVISAN, 2018).

Pensando que o cinema apresenta linguagens que possibilitam o fluxo entre diversas temáticas de contextos transdisciplinares, pode-se constituir em uma valiosa

ferramenta de exploração para auxiliar na discussão apresentada (MARTINS, Eduardo *et al.* 2016). Segundo Foucault, as produções artísticas contribuem nas conjunções históricas no desenvolvimento de conhecimento. Além disso, a arte pode desempenhar importante colaboração no estabelecimento da subjetividade e na vida social (FOUCAULT, 1966, apud MARTINS, Eduardo *et al.* 2016, p.55). Assim, o filme apresentado serve de fomento para a interlocução da ficção criada nas obras artísticas e sua semelhança com os modos pelos quais a vida se desenlaça e transcorre.

Com base nisto, a pesquisa abordará alguns aspectos do filme *Eu matei minha mãe*, de Xavier Dolan, utilizando assim uma interface com a sétima arte, e ilustrando de que modo essa dinâmica pode se apresentar. Busca-se empregar o cinema na medida em que as produções cinematográficas podem exibir camadas que de outro modo não seriam percebidas. Entretanto, não se trata de aplicar à arte como um mecanismo de decifração final, mas de usá-la como dispositivo de apoio para revelar aquilo que a arte pode contribuir em seu ensinamento (MARCOS, Cristina *et al.* 2021).

2 O cinema de Xavier Dolan

Em seu filme de estreia *Eu Matei Minha Mãe*, de 2009, o diretor canadense Xavier Dolan foi recebido com grande prestígio pelo público, principalmente após ter sido triplamente premiado no festival de Cannes. O jovem cineasta, de apenas vinte anos na época em que o filme estreou, escreveu o roteiro, dirigiu, produziu e protagonizou o longa, tendo mais tarde revelado em entrevistas que a história contém partes autobiográficas.

No filme, Dolan retrata a trajetória de Hubert, um jovem homossexual de classe média que mora com sua mãe, Chantale. Com os pais separados, Hubert convive principalmente com a mãe, além de frequentar a escola e passar seu tempo livre com o namorado Antonin. A narrativa apresenta o conturbado relacionamento de mãe e filho, relação essa perpassada por momentos de desavenças profundas entre os dois. Hubert tem um discurso sobre a mãe que contém uma série de desaprovações contra o seu comportamento. O adolescente não gosta do jeito que a mãe come, de como ela dirige o carro, não gosta de suas roupas, não acha sequer que ele deveria ser filho dela. Ele aceitaria ser filho de qualquer outra mulher, mas não de Chantale.

Por meio de suas obras cinematográficas, Dolan consegue captar a atmosfera tensa que por vezes configura as relações entre as pessoas. Seus desentendimentos e frustrações

que podem se apresentar no campo amoroso, como em seu filme *Amores Imaginários* (2010), ou quando toca em um tema delicado como a questão da transição de gênero em *Laurence Anyways* (2012), ou mesmo quando aborda sobre o sofrimento do luto em *Tom na Fazenda* (2013). Em seu filme *Mommy* (2014) Dolan retoma a discussão da relação conturbada entre mãe e filho, mostrando-se mais maduro e experiente em suas técnicas cinematográficas. Em *É Apenas o Fim do Mundo* (2016) traz mais uma vez a angústia do mal-estar que parece intrínseca dentro da organização familiar. Em *A Morte e Vida de John F. Donovan* (2018) trata sobre um escândalo envolvendo um jovem ator. Com *Matthias & Maxime* (2019), coloca o desejo e os questionamentos sobre a identidade sexual em evidência.

2.1 A gramática do cinema

O cinema é uma arte que, ao lançar o espectador no escuro através de uma sucessão de imagens que contam uma narrativa, ao final da exibição traz à tona sensações diversas em uma brecha, fazendo dele um sujeito (RIVERA, 2008). Nesse sentido, a psicanálise se interessa pelo cinema, pois a sétima arte consegue captar com suas histórias as mais diversas temáticas que circundam a sociedade, aproximando, dessa forma, a obra cinematográfica daquele que a contempla. Como diz o filósofo francês Gilles Deleuze:

São estas imagens flutuantes, estes clichês anônimos que circulam no mundo exterior, mas também que penetram em cada um e constituem seu mundo interior, de modo tal que cada um só possui clichês psíquicos dentro de si, através dos quais pensa e sente, sendo ele próprio um clichê entre os outros no mundo que o cerca (DELEUZE, 1983, pp. 232-233).

Dessa forma, o cinema apenas capta os fatos e problemáticas daquilo que está exposto no mundo. Através da narrativa apresentada, o sujeito é levado a experimentar formas diversas de ser e sentir. Ao assistir um filme, surge a possibilidade de colocar-se diante do abismo que se abre entre o espectador e o diretor em relação às maneiras pelas quais a vida pode ser apresentada. Em um esforço de relacionar-se com a história que transparece diante de seus olhos e, logo, também com a visão daqueles que a compõem na tela, o sujeito entrega algo de si que desconhecia, permitindo que essa brecha o apresente a algo novo.

Além disso, cabe ressaltar que a obra de Xavier Dolan, como já citado anteriormente, contém partes autobiográficas. Expondo assim como o cinema ressoa às questões do cotidiano da vida. Um fato importante a se destacar é que o filme é o primeiro longa do diretor canadense. Nessa perspectiva, é como se Dolan estivesse se apresentando ao público e escancarando como um problema particular pode repercutir na gramática cinematográfica,

encontrando assim uma conexão com o outro. De acordo com Tarkovski, “O cinema deve ser um meio de explorar os problemas mais complexos do nosso tempo, tão vitais quanto aqueles que há tantos séculos vem servindo de tema à literatura, à música e à pintura.” (TARKOVSKI, 2002, p. 94).

Em seu longa, Dolan apresenta uma história em que mãe e filho são atravessados por uma incomunicabilidade latente que, mais tarde no filme, é também marcada pela homossexualidade do protagonista Hubert e pela desaprovação que sua mãe Chantale tem disso. Essa perspectiva também se repete fora das telas, visto que essa é uma problemática recorrente na vida de muitos homossexuais que sofrem conflitos advindos de sua orientação sexual quando esta não é acolhida dentro da família.

Dessa forma, o filme será utilizado para interpretar o modo como a homossexualidade se dá dentro da perspectiva familiar. Entretanto, não há o objetivo de analisá-lo de maneira definitiva, uma vez que são inúmeras as possibilidades e caminhos que podem ser percorridos para fazê-lo, mas sim utilizar a sétima arte como dispositivo de apoio para refletir sobre a temática abordada.

2.2 Relação mãe e filho

Em um filme existe uma série de conjuntos narrativos que, quando implementados, são responsáveis por contar a história. Isto se dá através de técnicas cinematográficas tais como os enquadramentos, a fotografia, os cortes, os movimentos de câmera, entre outros (BOCCA, 2015). Esses elementos fornecem forma ao filme, influenciam no desenvolvimento da narrativa e impactam a percepção que o espectador tem de determinadas cenas, bem como da obra como um todo.

Eu Matei Minha Mãe é uma narrativa contada sob a perspectiva de Hubert Minel e sua forma conturbada e angustiante de lidar com sua mãe. Na cena de abertura do filme, em uma fotografia em preto e branco, o jovem faz gravações de si mesmo relatando para a câmera – e logo também para o espectador de forma direta, como uma quebra da quarta parede –, as impressões, sentimentos e reflexões que têm sobre sua mãe Chantale. Em momentos banais de interação, discussões inflamadas surgem, demonstrando como a comunicação entre mãe e filho é árdua, ao perpassar a impossibilidade de Hubert revelar para a mãe sua homossexualidade, a qual ela só toma conhecimento tardivamente, através de terceiros.

Em uma das cenas iniciais do longa, Hubert e Chantale têm uma discussão quando ela o está levando de carro a caminho da escola. Após brigarem, a mãe pede que Hubert desça do carro e a cena exibe ambos indo em caminhos opostos, até que Hubert vira em uma esquina e some do quadro. Através de seus enquadramentos, o filme permite que se destaque a distância que existe entre mãe e filho, como quando os dois estão sentados lado a lado na mesa tentando conversar, e, ao empregar um plano fechado nos personagens, a fim de destacá-los em cena, o diretor cria também uma atmosfera na qual ressalta existir ali um muro invisível que os separa.

Outro elemento que chama a atenção é o contraste da fotografia. Nos momentos em que Hubert está em casa com a mãe, as cores das cenas são escuras e mais sombrias, salientando a angústia que ambos experimentam em diversos momentos juntos. Em contraponto, quando ele está na casa do namorado, Antonin, as cores aplicadas por Dolan são mais claras, captando assim, uma atmosfera calma e tranquila. O mesmo ocorre em relação à mãe de Antonin, que se mostra mais aberta à sexualidade do filho, tendo com este momentos de descontração e representando, então, o oposto da relação que Hubert experimenta com Chantale. Em uma cena em que Hubert presencia um momento de brincadeira entre Antonin e sua mãe, ele recorda de uma lembrança sua com Chantale, na qual ele, ainda na infância, vive um momento feliz em que ambos estão correndo por um campo. Com isso, o filme revela um outro aspecto da relação entre mãe e filho, em que já houveram momentos de proximidade entre os dois.

Em um momento do filme em que a professora de Hubert pede para que a turma faça um trabalho sobre a profissão dos pais, ele mente dizendo que sua mãe já morreu. Ao descobrir a mentira do filho, Chantale vai até a escola, e os dois brigam de maneira tão intensa que o confronto resulta em um embate corporal no qual Hubert derruba a mãe no chão, no meio do corredor da escola. Após a briga, Hubert foge, e na rua encontra com a professora que o chama para conversar. Durante o diálogo, o jovem se desculpa por ter mentido sobre a morte da mãe. A professora, com o intuito de oferecer-lhe apoio, revela que também tem uma relação difícil com o próprio pai, e que eles não se falam há anos. Ela cita uma frase de Cocteau que diz: “A mãe nunca será amiga de seu filho”. Tal frase diluída de maneira significativa o enredo que sufoca Hubert e Chantale, e que os apreende em uma relação marcada também por certas ambiguidades em alguns momentos.

De fato, a maior parte das cenas em que estão juntos resulta em brigas. Não obstante, tais interações também deixam transparecer uma afetuosidade contida a qual é

ofuscada pelas exaustivas ofensas e discordâncias. Isto fica evidente em uma cena em que Hubert pergunta para a mãe o que ela faria se ele morresse hoje. Chantale fica em silêncio e, quando Hubert se afasta, no momento seguinte ela responde em voz baixa “eu morreria amanhã”. Em outra cena, em uma das gravações de vídeo que realiza, Hubert diz que ama a mãe, e que embora este não seja como o amor de um filho, se alguém a ferisse, ele seria capaz até de matar.

Em certo momento, Hubert propõe a Chantale uma “solução” para a relação deles. Ele a sugere alugar um apartamento para morar sozinho com o dinheiro da herança que irá receber da avó. Embora a mãe concorde de início, depois não permite e os dois discutem novamente. De modo a persuadi-la, Hubert passa a realizar as tarefas de casa como lavar a roupa, cozinhar, ir ao mercado, etc. Nesse momento do filme, tudo indica que a relação dos dois se transformou. No entanto, no mesmo dia Chantale descobre sobre a homossexualidade do filho através da mãe de Antonin. A notícia a deixa perplexa, e ela passa a agir de modo ainda mais ríspido com o filho.

A sexualidade humana possui uma história, e os componentes que a integram tem início antes mesmo do nascimento do sujeito, em que ocupam uma posição profundamente relacionada ao imaginário dos pais, bem como aos seus desejos (CECCARELLI, 2008). Em meio a mais uma desavença, Chantale revela a Hubert que ela sabe sobre sua orientação sexual, dizendo-o que, por ser homossexual, ele não poderá ter filhos. Com isso, ela demonstra esperar que Hubert estivesse enquadrado na lógica heteronormativa, essa expectativa investida no filho é quebrada quando esse desejo não é alcançado, provocando-lhe assim uma angústia.

Um tempo depois de descobrir a homossexualidade do adolescente, como uma forma de punição, Chantale e o pai de Hubert decidem colocá-lo em uma escola interna. O intuito é de que, nessa nova instituição, seu corpo seja então disciplinado da maneira que Chantale não conseguiu realizar. Tal abordagem retrógrada, que remonta a heranças de outros séculos, serve apenas para que a relação entre os dois se torne mais espinhenta. Além disso, Hubert sofre um episódio de homofobia na escola, quando é espancado por outros alunos do colégio. Com isso, Dolan aborda uma questão muito comum na sociedade, que é a violência que assola pessoas LGBTQ+. Violência essa longínqua, e que já foi incorporada nos discursos de diversos campos, tais como os da política, religião, medicina, psiquiatria, psicologia, direito, etc, no qual esses corpos foram tratados de modo pecaminoso, criminoso e patológico (TREVISAN, 2018).

Após ser agredido na escola, Hubert foge para uma casa no lago que frequentava com os pais durante a infância. Chantale recebe uma ligação do diretor da escola informando de sua fuga. Ela vai ao encontro de Hubert na casa do lago, e o filme termina com ambos sentados lado a lado, olhando para as águas. Dessa forma, a obra termina em aberto, uma vez que não é possível saber o que acontecerá com a relação dos dois a partir daquele momento. Não se sabe se os últimos acontecimentos poderão modificar de algum modo este relacionamento, sugerindo-os outra trajetória para além da repetição da dinâmica que os consome.

3 O termo homossexual e suas terminologias

O termo homossexual surgiu com o austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, em 1869, na Alemanha, e é utilizado amplamente até hoje. É Kertbeny quem cria também o termo heterossexual. Em anonimato, Kertbeny escreveu panfletos, que tinham como intuito promover a substituição de outros termos empregados de forma moralizante, de modo a descriminalizar a homossexualidade. No entanto, o estudo sobre a homossexualidade ao longo do século XIX e XX foi transportado para o discurso moral médico-jurídico com inúmeras investigações nos campos da Medicina, Psiquiatria, Psicanálise e Jurídica. Ao realizar estudos sobre as sexualidades consideradas desviantes, o termo criado por Kertbeny, naquilo que possuía de libertador, passou a ser aproveitado enquanto instância taxativa pelos discursos da ciência, com o intuito de obter um aspecto mais científico do que subjetivo sobre as práticas sexuais (AMBRA, 2016; TREVISAN, 2018; VIEIRA, 2009).

Ao longo da história, diversos termos vêm sendo empregados para categorizar pessoas que se relacionam com o mesmo gênero. Em sua maior parte, tais expressões linguísticas são utilizadas de maneira negativa, de modo a depreciar a homossexualidade. Tais como: sodomita, que tem origem nos dogmas cristãos e traz uma alusão a Sodoma e Gomorra; uranista que vem da mitologia grega com o Deus Urano; pederasta que vem da Grécia Antiga, e era a função ocupada por um mestre, um homem mais velho, que exercia o papel de pedagogo para um mais jovem, muitas vezes evoluindo para uma relação sexual; bagaxa, utilizado como linguagem chula, entre outros. De todo modo, a intenção de estabelecer um termo normativo tinha como intuito a apropriação do discurso científico para intervir de maneira psicológica e física nesses corpos apontados como desviantes ou patológicos (TREVISAN, 2018).

Segundo Vieira (2009), no final do século XIX, ascendem investigações nos campos da sexologia e da psiquiatria a respeito das sexualidades, com o intuito de classificá-las, o qual fundava-se em uma noção de norma atrelada à heterossexualidade. No princípio, os estudos procuravam compreender as causas para a existência da homossexualidade. Nesse sentido, a ciência, ao realizar tais enquadramentos sobre a conduta homossexual, teve papel fundamental para incorporá-la em um discurso patológico.

4 Homossexualidade e a pulsão

Em um de seus escritos da metapsicologia, *As pulsões e seus destinos* de 1915, Freud traz a teoria de pulsão sexual, definindo-a como um conceito que está entre o somático e o psíquico. Ou seja, a pulsão se manifesta através dos representantes psíquicos, que se originam no interior do organismo e atingem a psique. Além disso, Freud designa outras características da pulsão, tais como: a fonte, pressão, meta e objeto (FREUD, 1915).

Em linhas gerais, a fonte da pulsão é sempre corporal, “[...] entende-se o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (FREUD, 1915, p. 33). Apresenta-se especialmente através das zonas erógenas do corpo como a boca, olhos, voz, pele, órgãos sexuais, etc; A pressão é o motor, ou seja, aquilo que promove o impulso à pulsão, podendo ser ativa ou passiva; A meta da pulsão consiste sempre em se satisfazer, o que ocorre quando há o processo de redução do estímulo causado pela pressão; E por fim, o objeto da pulsão é definido como o que o há de mais variado, podendo se apresentar de diversas formas, e é a maneira em relação à qual a pulsão alcança a sua meta. Nesse sentido, esse objeto pode compreender uma coisa, uma pessoa, ou mesmo o próprio sujeito. Além disso, o objeto se constitui na realidade, ou de maneira fantasmática (FREUD, 1915; GARCIA-ROZA, 2009).

Cabe apontar também a distinção entre os conceitos de pulsão e instinto. O instinto se apresenta enquanto possuindo um objeto fixo e específico, e a pulsão não possui um objeto pré-definido, tampouco específico. Essa é a principal diferença entre o instinto e a teoria pulsional, a sua variação quanto a meta e o objeto. (GARCIA-ROZA, 2009). Com isso, em contraponto ao modo como o instinto se apresenta nos animais, a pulsão nos seres humanos se expressa sempre através de aspectos imprecisos e ambíguos.

Além disso, Freud afirma em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, que nos seres humanos as pulsões sexuais não possuem um objeto fixo, podendo ser

diversos os seus destinos. Assim, diferente dos animais –, nos quais a sexualidade se restringe apenas a reprodução –, a sexualidade humana não está estritamente vinculada ao instinto, e não tem como único objetivo a reprodução da espécie, estando atrelada ao princípio de prazer. Freud exemplifica isso utilizando a sexualidade das crianças que, segundo ele, é perversa-polimorfa, onde as fontes de prazer podem ser inúmeras e se manifestam de diversas formas: oral, anal, genital, exibicionista, voyeurista, sádica, masoquista, entre outras. Desse modo, Freud retira a noção de que a sexualidade humana está limitada apenas à genitalidade, passando a considerá-la enquanto uma função mais abrangente (CECCARELLI, 2008).

Nesse sentido, a manifestação da homossexualidade em um sujeito não caberia em um discurso que considera tal prática desviante ou mesmo anormal. Pois as pulsões sexuais, ao se incorporarem à noção de psiquismo, habitam as mais diversas possibilidades de manifestação. Freud, em 1920, ao analisar o caso de uma jovem homossexual, diz que: “Não é papel da Psicanálise resolver o problema da homossexualidade. Ela precisa se contentar em revelar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão sobre a escolha de objeto e em rastrear seus caminhos até as disposições pulsionais” (1920, p. 143).

Desse modo, a maneira como os corpos dos sujeitos homossexuais foram incorporados em pesquisas médicas produziram, frequentemente, uma noção patologizante da sexualidade, onde não eram considerados os seus aspectos psíquicos, somente um enfoque mais fisiológico. Tal perspectiva contrariava a noção de que a homossexualidade, tal qual a heterossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, assexualidade, entre outros, está inclusa dentro da multiplicidade de fatores que compõem e constituem a sexualidade humana. De acordo com Freud, “[...] o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química” (1905, p. 35). Com isso, Freud procura destituir a ideia de que a heterossexualidade possa servir como parâmetro de normalidade no qual toda a sexualidade humana deveria se basear, o que ao longo da história acabou ocorrendo.

Dessa forma, a sexualidade não cumpre o papel característico de instinto empregado principalmente pela biologia, a qual corresponde a função reprodutiva e que recai também no discurso da norma heterossexual. Assim, do ponto de vista psicanalítico, no qual o prazer é fundamental e não a reprodução, algumas condutas sexuais seriam consideradas perversas e desviantes se fossem analisadas apenas através do instinto, mas ao empregar a noção de pulsão deixam de ser (GARCIA-ROZA, 2009; VIEIRA, 2009).

Nessa perspectiva, a homossexualidade é alvo de pesquisas e classificações do discurso científico, sendo considerada até ameaçadora, devido a representar uma divergência na estrutura social heteronormativa. Visto que dentre todas as sexualidades, a homossexualidade é a que deixa mais evidente estar contrapondo o papel da norma esperada de reprodução e continuidade da espécie. De acordo com Trevisan:

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir). Se talvez pareça impensável o extermínio maciço de homossexuais, como ocorreu no passado em nome de certa pureza de costumes, o que teríamos em lugar do triângulo rosa nazista seria uma generalizada desqualificação moral, de modo que “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante”, nas palavras de Pasolini (2018, p. 17).

Assim, a prática homossexual, posto que não conduz à perpetuação da espécie e, logo, à produção de mais mão de obra trabalhista, é vista não apenas como uma ameaça às estruturas sociais como a família, a pátria e a moral, mas também como um desvio da norma definida pelos discursos científicos. Com efeito, o mesmo ocorre com a própria sexualidade infantil, que é tolhida, provocando, dessa forma, os primeiros recalques na criança. Com isso, o que há é a negação em torno da ideia de sua existência, embora, ocorram tantas manifestações dela como já mencionado anteriormente.

A sexualidade humana, por se apresentar de maneira ampla e ilimitada, ultrapassa a noção colocada pela teoria de instinto, abrindo-se, portanto, à possibilidade de repensar a noção de desvio, ou mesmo a existência de patologias relacionadas à sexualidade (GARCIA-ROZA, 2009). Visto que suas manifestações excedem as normas estabelecidas pela cultura, e posto que não podem ser impedidas de vir à tona, mesmo ao sofrerem coerção de diversas parcelas da sociedade. Como afirma Trevisan “[...] de modo insuperável o desejo: este se inclina num movimento de polivalência pendular e mutabilidade básica dos indivíduos, para além das ideologias que procuram estabelecer padrões e normas sobre a natureza.” (2018, p.34). Nesse sentido, o mesmo decorre com as pulsões sexuais, que não se configuram através de um único modo de expressão, mas se apresentam de diversas formas para obter a satisfação. Em linhas gerais, a sexualidade é uma força polivalente.

Além disso, mesmo não representando o padrão designado pelo sistema regulador da sexualidade, ser homossexual é uma forma de subjetividade e identidade. Sua expressão instaura uma contradição perante as normas, validando assim uma incerteza que abre possibilidade para a diferença (TREVISAN, 2018). Dessa maneira, permanecem constantes as tentativas dos sujeitos homossexuais pela afirmação de suas existências, visibilizando-se através da sigla “LGBTQ+”, ao criarem uma comunidade com linguagens e formas de expressão próprias, assim como a todo instante mobilizada em prol da sobrevivência perante adversidades múltiplas decorrentes de diversas instâncias controladoras.

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus têm sido, ao longo da história, claro exemplo dessa projeção ideológica. Assim também se pôde constatar, por muito tempo, um recrudescimento do racismo contra os negros em vários moldes, inclusive científicos [...]. A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais” (TREVISAN, 2018, pp. 21-22).

Desse modo, as identidades sexuais que são de algum modo consideradas não enquadradas em uma perspectiva de norma estão, portanto, à mercê de riscos. Isso é expresso ao longo da história pelas inúmeras tentativas de classificação científica das sexualidades consideradas desviantes, bem como em acontecimentos históricos, tais como os de regimes ditatoriais, além das ameaças constantes que há sob os corpos homossexuais a partir de episódios de violência que são cometidos no cotidiano. Nesse sentido, a homossexualidade é, com frequência, apenas tolerada, sendo alvo das mais diversas repressões. Não obstante, ao ser abordada por concepções não normativas, aponta para a inescapável constatação de sua multiplicidade.

5 Considerações finais

Ao analisar a temática abordada, pode-se chegar a reflexão de que a sexualidade humana, em especial a homossexualidade, que foi o alvo de tratamento deste artigo junto ao próprio cinema, provém análises inesgotáveis, bem como numerosos percursos que podem ser seguidos e discutidos dentro deste campo. Logo, não buscou-se esgotar a discussão, mas trazer

considerações acerca do tema, uma vez que não é possível pôr um fim a essa discussão que na medida que é analisada mais elementos surgem para acrescer novas descobertas.

O cinema é uma arte que transborda seus limites. Ao colocar a sétima arte como um dispositivo que, dentre variadas possibilidades de existência, pode elucidar a elaboração de problemáticas da sociedade, Xavier Dolan, em *Eu Matei Minha Mãe*, capta e entoa através de uma obra de arte toda a imensidão do retrato da conturbada relação entre mãe e filho, como também a profunda dificuldade de lidar com a alteridade e a sexualidade do outro. A forma como o diretor conta a narrativa, ressaltando a maneira resistente com a qual a mãe lida com a descoberta da homossexualidade do filho, alcança uma conexão com a real ao elucidar uma problemática que persiste na sociedade. Dessa forma, é possível perceber como, ao mesmo tempo em que a sétima arte pode ser consumida muitas vezes como entretenimento, também é possível usá-la de maneira a expor questões subjetivas ao incorporar em sua narrativa vivências semelhantes ao cotidiano.

Dentre os diversos modos pelos quais a homossexualidade fora tratada através da história, destacam-se as excessivas vezes em que esta fora abordada de maneira problemática e excludente, ao ser tomada como objeto de estudo por perspectivas que englobaram sua análise ao campo moral. Esta visão, ao procurar investigar um parâmetro de normalidade na sexualidade, recai sempre na norma heterossexual, produzindo assim uma contradição que não contempla as sexualidades de modo amplo, isto é, como dimensões de múltiplas possibilidades, excluindo dessa forma todas as representações da sexualidade que se apresentam de outras maneiras.

Dentre outras possibilidades de reflexão, ao contemplar a homossexualidade sob o ponto de vista psicanalítico, contrapõe-se a ideia de que algo tão complexo e profundo possa ser medido de forma tão exata. A noção de pulsão sexual comporta a ideia de que são múltiplos os caminhos percorridos por um sujeito ao experimentar a sexualidade. Logo, as práticas homossexuais são apenas uma dentre várias maneiras de vivenciar a sexualidade e de se subjetivar afirmando assim uma identidade.

Diante da maneira como a obra cinematográfica e a homossexualidade foram abordadas nessa pesquisa, buscou-se analisar a forma relutante e violenta com que essa pode ser recebida dentro da família. Em linhas gerais, tais atitudes resultam de construções de pensamento fundamentadas ao longo da história da humanidade; seus resultados na cultura, expressos pelos diversos campos que a compõe, ressoam de maneira limitante e preconceituosa



no discurso não só da família, como também de toda uma sociedade produzida intrinsecamente por esses paradigmas.

REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. “A psicanálise é cismaterialista? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico”, *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 5, p. 101-120, maio-out. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17179>> Acessado em: 08. mar. 2023.

Amores Imaginários. Direção: Xavier Dolan. Produção: Xavier Dolan, Daniel Morin, Carole Mondello. Canadá: Remstar, 2010.

A Morte e Vida de John F. Donovan. Direção: Xavier Dolan. Produção: Lyse Lafontaine, Nancy Grant, Xavier Dolan, Michel Merkt. Canadá; Reino Unido: Lyla Films, Sons of Manual, Warp Films, 2018.

BOCCA, Jean. O estilo cinematográfico de Xavier Dolan. 2015. 89fs. Monografia (Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CECCARELLI, Paulo. “A invenção da homossexualidade”, *Bagoas*, v. 2, n. 02, p. 71-93, nov. 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268>> Acessado em: 19. abr. 2023.

DELEUZE, Gilles. Cinema 1: A imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

É Apenas o Fim do Mundo. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Sylvain Corbeil, Nathanaël Karmitz, Michel Merkt. Canadá: MK2, Sons of Manual, 2016.

Eu Matei Minha Mãe. Direção: Xavier Dolan. Produção: Xavier Dolan, Daniel Morin, Carole Mondello. Canadá: Mifilifilms, 2009.

FREUD, Sigmund. As Pulsões e Seus Destinos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Originalmente publicado em 1915.

_____. Sobre a Psicogênese de um Caso de Homossexualidade Feminina. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. Originalmente publicado em 1920.

_____. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Originalmente publicado em 1905.

GARCIA-ROZA, Luiz. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IANNINI, Gilson. Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



LACAN, Jacques. Os complexos familiares: na formação do indivíduo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Originalmente publicado em 1938.

Laurence Anyways. Direção: Xavier Dolan. Produção: Lyse Lafontaine, Nathanaël Karmitz, Charles Gillibert. Canadá: MK2, Lyla Films. 2012.

MARCOS, Cristina *et al.* “Retratos de família: as diversas faces da maternidade na literatura e no cinema”, Trivium: Estudos Interdisciplinares, v. 13, n. 1, p.55-68, mar. 2021. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.55>> Acessado em: 06. set. 2022.

MARTINS, Eduardo *et al.* “Cinema, Subjetividade e Sociedade: A Sétima Arte na Produção de Saberes”, Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, v. 8, n. 1, p.53-64, jan-jun. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v14isupl.p53-64>> Acessado em: 13. nov. 2022.

Matthias & Maxime. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Canadá: Sons of Manual, 2019.

Mommy. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nancy Grant, Xavier Dolan, Sylvain Corbeil. Canadá: Sons of Manual, 2014.

NASIO, J-D. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

RAMOS, Danielle; NASCIMENTO, Virgílio. “A família como instituição moderna”, Fractal: Revista de Psicologia, v. 20, n. 2, p.461-472, jul-dez. 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>> Acessado em: 05. out. 2022.

RIVERA, Tania. Cinema, Imagem e Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o Tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Tom na Fazenda. Direção: Xavier Dolan. Produção: Nathanaël Karmitz, Charles Gillibert, Xavier Dolan. Canadá: Sons of Manual, MK2, 2013.

TREVISAN, João. Devassos no Paraíso A Homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, Luciana. “As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana”, Revista Mal-estar e Subjetividade Fortaleza, v. 9, n. 2, p.487-525, jun. 2009. Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527568895007>> Acessado em: 28. abr. 2023.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



LAÇOS AMOROSOS, CONTEMPORANEIDADE E VIRTUALIDADE: UM ESTUDO TEÓRICO À LUZ DA PSICANÁLISE

João Vitor Damascena e Souza

LOVE TIES, CONTEMPORANEITY AND VIRTUALITY: a theoretical study in the light of psychoanalysis

LAZOS DE AMOR, CONTEMPORANEIDAD Y VIRTUALIDAD: un estudio teórico a la luz del psicoanálisis

RESUMO

Este estudo abordou a dinâmica dos relacionamentos amorosos no ambiente virtual, destacando a importância de compreender o sujeito do inconsciente e suas manifestações nesse contexto, além de analisar de modo mais profundo as interações virtuais. Nesse contexto, a literatura pesquisada localizou dois eixos principais indicados nos debates dos autores: “amor, consumo e o discurso do capitalista”; “o amor e a fantasia inconsciente no ciberespaço”. Por fim, compreendeu-se que a contemporaneidade se destaca pela fragilização dos vínculos afetivos e pela interseção entre a realidade física e virtual. Contudo, coube ressaltar que, apesar da busca por gratificações momentâneas e pela ilusão de completude e complementariedade entre os sexos, o ambiente virtual proporciona um espaço onde indivíduos com interesses similares podem se encontrar e explorar possíveis conexões.

Palavras-chave: Laços amorosos; Contemporaneidade; Virtualidade.

ABSTRACT

This study addressed the dynamics of romantic relationships in the virtual environment, highlighting the importance of understanding the subject of the unconscious and its manifestations in this context, in addition to analyzing virtual interactions in more depth. In this context, the researched literature located two main axes indicated in the authors' debates: “love, consumption and the capitalist discourse”; “love and unconscious fantasy in cyberspace”. Finally, it was understood that contemporary times stand out for the weakening of emotional bonds and the intersection between physical and virtual reality. However, it should be noted that, despite the search for momentary gratification and the illusion of completeness and complementarity between the sexes, the virtual environment provides a space where individuals with similar interests can meet and explore possible connections.

Key words: Love ties; Contemporaneity; Virtuality.

RESUMEN

Este estudio abordó la dinámica de las relaciones románticas en el entorno virtual, destacando la importancia de comprender el tema del inconsciente y sus manifestaciones en este contexto, además de analizar con mayor profundidad las interacciones virtuales. En este contexto, la literatura investigada ubicó dos ejes principales señalados en los debates de los autores: “el amor, el consumo y el discurso capitalista”; “Amor y fantasía inconsciente en el ciberespacio”. Finalmente, se entendió que la época contemporánea se destaca por el debilitamiento de los vínculos emocionales y la intersección entre la realidad física y virtual. Sin embargo, cabe señalar que, a pesar de la búsqueda de gratificación momentánea y la ilusión de plenitud y complementariedad entre los sexos, el entorno virtual proporciona un espacio donde individuos con intereses similares pueden encontrarse y explorar posibles conexiones.

Palabras clave: Vínculos amorosos; Contemporáneo; Virtualidad.

Introdução

Atualmente, testemunhamos uma mudança histórica no modo de vida dos indivíduos. Uma série de transformações, abrangendo aspectos socioculturais, científicos, políticos, econômicos, ambientais e morais, têm afetado a sociedade de maneira profunda. Essas mudanças, em curso ao longo das últimas décadas, têm impulsionado o rápido desenvolvimento de novas tecnologias, novos modos de fazer laços através do ciberespaço, as quais exercem um impacto direto na experiência existencial do ser humano. Essa aceleração tecnológica não apenas influencia o modo como vivemos, mas também como sentimos e pensamos nossas vidas e nossas relações com os outros (KALLAS, 2016).

Sabe-se o quanto os avanços proporcionados pelas tecnologias e pelo ciberespaço têm beneficiado a sociedade. Atualmente, desfrutamos de um acesso sem precedentes a um fluxo constante de informações que impulsionam o desenvolvimento técnico e científico. Além disso, contamos com uma vasta quantidade de bancos de dados contendo informações relevantes que enriquecem nossos estudos em diversas áreas de interesse. O surgimento do ciberespaço também facilita a manutenção e o fortalecimento de amizades antigas, permitindo uma conexão contínua mesmo à distância (PIMENTEL, 2019). A velocidade a qual as informações circulam é outra vantagem significativa, proporcionando agilidade na disseminação de conhecimento e na comunicação entre indivíduos em diferentes partes do mundo. Outro aspecto positivo é a ampliação do alcance de campanhas de todos os

tipos, que agora podem atingir um público maior em um período de tempo mais curto. Isso possibilita uma mobilização mais acelerada e eficaz em questões sociais, ambientais, de saúde e outras áreas de interesse coletivo (PIMENTEL, 2019).

Contudo, a aceleração, a rapidez e a superficialidade dos processos regidos pelo ciberespaço trazem consequências preocupantes. Kallas (2016) indica que os usuários do espaço virtual mergulham em uma experiência de imersão que frequentemente resulta em uma desconexão da consciência semelhante a um estado de transe. Nesse contexto, é como se o indivíduo se transformasse em um outro de si mesmo, adotando uma persona virtual que frequentemente se diferencia significativamente de sua identidade na realidade tangível. Esse processo revela a delicada linha que separa a realidade virtual da realidade física, destacando a profunda subordinação do domínio da vida real ao domínio da vida virtual atualmente (KALLAS, 2016).

Neste contexto, chama a atenção o fato de que os relacionamentos que se desenvolvem no meio virtual podem se estabelecer regidos pela “dependência” do ciberespaço. A dependência da rede é reconhecida como uma condição clínica, exigindo abordagens de tratamento semelhantes às empregadas para lidar com outros tipos de dependência. Assim, os gestos, os comportamentos, o uso do tempo, o uso da imagem real, a produção das fantasias amorosas está marcada pela dependência da lógica do ciberespaço. Nos tornamos inibidos, embaracados e envergonhados de expressar sentimentos, gestos e afetos no mundo real. O impossível de fazer ou de ser na realidade física, pode acontecer na realidade virtual, potencializados, inclusive, pelo véu da invisibilidade e do anonimato (KALLAS, 2016).

Segundo Viganò, o meio virtual não é somente um veículo para expressar as subjetividades contemporâneas, mas se constitui como uma influência ativa na formação dessas subjetividades: "o advento da internet potencialmente contribui para fazer da chamada realidade virtual um componente essencial da realidade social" (VIGANÒ, 2009, p. 245).

Nesse mesmo sentido, Sibilia (2015, p. 65) indica que "as subjetividades e os corpos contemporâneos são moldados pelas tecnologias da virtualidade". Em outras palavras, "essa mesma existência 'virtual' desempenha um papel transformador na existência 'real'" (NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p. 35).

Em nosso trabalho de pesquisa, voltamos o olhar para o campo dos laços amorosos no ciberespaço, o qual também será marcado por esses novos regimes temporais de rapidez, da aceleração, da superficialidade e da dependência. Essa dinâmica conduz o amor para trajetórias diferentes das coordenadas temporais que antes o definiam. Um exemplo disso é a dimensão da “pausa” e da “espera”, dimensões temporais que organizam os tempos do amor, o tempo do encontro físico, o tempo necessário para que as pessoas se conheçam, se aproximem, produzam intimidade, reduzam inseguranças, desenvolvam o amor (VENTURA, 2021).

No entanto, a modernidade supriu o tempo da espera, considerando-o como algo a ser evitado, desconfortável, desnecessário. Não obter a resposta imediata no campo do outro, sobretudo no ciberespaço, parece traduzir desinteresse, desdém, indiferença. Deseja-se gratificações imediatas, com poucas palavras, simplificadas por *emojis*, encontros presenciais rápidos e, muitas vezes, superficiais.

As redes sociais emergiram como um dos principais meios de interação e busca por relacionamentos amorosos e sexuais. Além disso, os aplicativos de relacionamento assumiram uma importância significativa na vida das pessoas, inicialmente adotados por aqueles que enfrentavam desafios em suas vidas sociais, mas agora amplamente utilizados por uma grande parcela da população, tornando-se um importante veículo de encontros entre parceiros. No entanto, persiste uma incerteza sobre a genuinidade, ou se estes encontros nas “nuvens” podem se traduzir em experiências amorosas profundas e reais (DESSAL, 2019).

Neste sentido, esta pesquisa buscou abordar a dinâmica dos relacionamentos amorosos no ambiente virtual, destacando a importância de compreender o sujeito do inconsciente e suas manifestações nesse contexto, além de analisar de modo mais profundo as interações virtuais. Reconhecemos que a experiência contemporânea do sujeito na internet é permeada por novos paradigmas, abrindo caminhos ainda inexplorados para a formação de laços sociais e expressão da subjetividade. Nesse contexto, a literatura pesquisada localizou dois eixos principais indicados nos debates dos autores: “amor, consumo e o discurso do capitalista”; e “o amor e a fantasia inconsciente no ciberespaço”.

A seguir, faremos o debate situando a discussão a partir destes dois eixos.

O Sujeito Contemporâneo e o Discurso Capitalista: entre o amor e o consumo.

As subjetividades hoje se constituem de modo bastante distinto dos modos como se organizavam há algumas décadas, marcadas por mudanças culturais, tecnológicas, políticas e sociais (DUFOUR, 2005).

Com o declínio das bases que sustentavam a modernidade clássica, emergem o individualismo, a retração do papel do Estado, a compressão dos usos do tempo, a instantaneidade da informação, o crescimento e a hegemonia das tecnologias (DUFOUR, 2005). No campo dos laços, os encontros se dão de modo mais efêmero, contingente e superficial.

De acordo com Dufour (2005), o novo paradigma da pós-modernidade se fundamenta na autonomia do indivíduo. Entretanto, nascemos estruturalmente desamparados, e, com isso, sabemos que é impossível que um sujeito se sustente de modo totalmente autônomo ou isolado, sendo marcado pela necessidade estrutural do vínculo com o outro. Na era pós-moderna, o sujeito não encontra mais uma figura representativa que encarne esse outro, nem qualquer grande entidade para oferecer-lhe amparo. Para a psicanálise, a função de “autoridade paterna”, o chamado “Nome-do-Pai” se degrada, as relações se tornam horizontais e frágeis. Esta nova base de sociabilidade acontece justamente a partir do capitalismo neoliberal, e passará, então, a regular os laços de modo predominante (DUFOUR, 2005). Há uma substituição da figura simbólica de autoridade pelo mundo imaginário dos objetos.

Neste sentido, Miller (2005) indica uma transformação na maneira como os indivíduos se relacionam com o objeto *a* na contemporaneidade. Anteriormente, este objeto *a*, o chamado “objeto de desejo”, escapava, se escondia, não parecia ao alcance de ninguém. No entanto, nos tempos atuais, o discurso capitalista altera essa lógica fundamental, disseminando a ideia do “mais gozar”, fazendo parecer que o objeto existe e está ao alcance de todos. Seguindo essa linha de raciocínio, o gozo se torna acessível a todos, sem nenhum modo de restrição. Carente de uma figura paterna e do amor, o discurso capitalista estabelece uma nova forma de gratificação, uma nova abordagem em relação ao gozo, progressivamente desconectada do Outro (AMORIM; BARROS, 2022), e fortemente baseada no consumo de objetos.

Os laços amorosos diante da predominância do capitalismo neoliberal, acabam por se tornar mais frágeis. O capitalismo tenta fazer do amor um modelo universal que



compõem uma infinidade de práticas e desconsidera os impasses e singularidades que caracterizam os laços amorosos (VENTURA, 2021).

Lacan (1969-70/1992) irá compreender e analisar esse contexto de fragilização dos laços a partir da teoria dos discursos, estabelecendo os fundamentos teóricos para pensar a relação entre o sujeito e o Outro. A partir dessa investigação, Lacan propõe os quatro discursos que configuram o laço social: o discurso da histérica, do mestre, do universitário e do analista. Essa abordagem permite compreender como o discurso opera na articulação dos laços sociais. Cada um desses discursos vai promover um “freio de gozo”, permitindo que haja laço, que haja encontros.

No entanto, Lacan (1969-1970) identifica a emergência de um novo discurso resultante da inversão do discurso do mestre, por meio de sua fusão com o discurso universitário, conhecido como o discurso capitalista. Lacan aponta para uma transformação na dinâmica discursiva, na qual o discurso do capitalista surge como uma nova configuração que reflete a interseção entre o discurso do mestre e o discurso universitário (LEMOS, 2018).

No discurso do capitalista, não há freio de gozo, o que significa dizer que esse discurso faz parecer que os objetos podem suprir completamente qualquer falta. Posso me satisfazer comprando coisas, tomando fármacos, mudando minha imagem nas redes e vivendo com traços e características que não existem em mim, podemos tudo. Sendo hegemônico, o discurso do capitalista produz subjetividades egoístas, iludidas, individualistas. O discurso do capitalista, portanto, dificulta a preservação do laço. Com o objeto nas mãos, posso gozar ilimitadamente, não preciso de nada, nem de ninguém (LEMOS, 2018).

Para a psicanálise, portanto, houve uma mutação do laço social. O discurso capitalista é um sinalizador dessas mutações, considerando que, diferente dos outros discursos, esse discurso promove a degradação do laço social. Trata-se de uma era caracterizada por um sujeito que oscila entre excessos e carências, não se submetendo a uma medida definida, em que o consumo desenfreado reflete essa falta de limites (LIPOVETSKY, 2004).

Enquanto antes o imperativo de gozo estava voltado para o Eu, resultando em uma posição subjetiva de culpa e de renúncia pulsional explorada por Freud (1929-1930/1996),

agora ele está menos focado no Eu e mais excessivamente voltado para objetos externos e para a ilusão de prazer e completude estabelecidos por estes (QUINTELLA, 2012).

Um exemplo é o uso de aplicativos voltados para encontros amorosos, podemos observar uma distinção fundamental entre duas abordagens. A primeira envolve o uso desses aplicativos por indivíduos que buscam o amor e desejam encontrar alguém, abordando o aplicativo como um meio para alcançar um desejo que, embora possa ser sempre elusivo, está fundamentado na busca de uma conexão genuína e significativa. Neste contexto, o aplicativo é um revelador da falta, um instrumento na busca pelo amor e na realização de um desejo que inclui também o gozo (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Por outro lado, existe uma abordagem onde os aplicativos são utilizados como ferramentas para a busca de prazer imediato, enquadrando-se no discurso do capitalismo. Nesta perspectiva, o sujeito utiliza o aplicativo de encontros como um mero objeto de consumo, focando exclusivamente no gozo e na satisfação instantânea, sem considerar a dimensão mais profunda do desejo ou a busca por uma conexão amorosa duradoura (OLIVEIRA; CORREA, 2023). Esse uso reflete uma postura onde o aplicativo serve apenas como um meio para obter prazer, reduzindo as interações a transações consumistas (LACAN, 1960-1961/2010).

No contexto atual, a proliferação exponencial de produtos disponíveis para consumo contribui para uma dificuldade crescente entre os indivíduos em entender e lidar com a noção de falta. Esta abundância pode entorpecer e apagar a função da falta, levando muitos a não reconhecer ou não compreender plenamente sua própria incompletude. Como resultado, observamos uma manifestação desse vazio emocional em uma variedade de sintomas psicológicos, tais como depressão, isolamento e angústia, que são paulatinamente mais comuns nos consultórios clínicos contemporâneos. As demandas da vida contemporânea, caracterizadas pela velocidade e intensidade, contribuem para um ambiente onde há pouco tempo e espaço para reflexão e adaptação às adversidades do cotidiano. Esta falta de oportunidade para processar e integrar experiências resulta em uma tensão crescente sobre a saúde mental (JACOB; COHEN, 2010).

É um período no qual a lógica de mercado permeia várias esferas da vida, exercendo influência sobre o indivíduo contemporâneo, dado que essa dinâmica passa a controlar não

apenas o ambiente de trabalho, mas também a cultura, os laços amorosos, os impulsos pessoais, os vínculos sociais, dentre outras esferas (BAUDRILLARD, 1991; VIANA, 2002).

Segundo Lacan, os dispositivos engendrados pelo discurso capitalista são denominados "gadgets", os quais são considerados como um sintoma instituído socialmente no contemporâneo que coloca o objeto como uma fonte primordial de satisfação (ANTELO, 2016, p. 2). Frequentemente, esses objetos são percebidos como garantias de bem-estar, sendo vistos como produtos da superação da castração. No entanto, o momento de felicidade experimentado após a aquisição desses produtos é breve. Assim, os sujeitos se veem envolvidos em um circuito de repetições incessantes, buscando incessantemente recuperar o gozo perdido (BADIN & MARTINO, 2018).

Quinet (1999) argumenta que a vinculação entre as pessoas segue essa mesma dinâmica sob a intervenção do discurso capitalista. Nesse contexto, os laços sociais não são construídos com base em vínculos sólidos, levando os sujeitos a enxergarem o outro como um mero "gadget", um produto a ser consumido e descartado conforme conveniência. Essa mentalidade induz os sujeitos a se envolverem em um padrão de comportamento autoerótico, no qual a busca pelo prazer está centralizada em si mesmos. Essa conduta não se ampara na constituição de uma parceria genuína entre o Eu e o Outro, mas sim na concepção do Outro como um objeto disponível para a satisfação pessoal. Como resultado, o sujeito contemporâneo tende a buscar o prazer de forma solitária, evidenciando sua incapacidade de estabelecer uma verdadeira alteridade com o Outro. Isso resulta em uma desconexão de relações interpessoais significativas e, consequentemente, em uma falha na experiência da alteridade (QUINET, 1999).

É fundamental destacar que o discurso capitalista exerce influência na configuração e na dinâmica da cibercultura. Visto que o saber na cibercultura é predominantemente utilizado para facilitar a obtenção de bens materiais. As informações coletadas sobre os indivíduos concentram-se principalmente em aspectos como renda, padrões de consumo, interesses e histórico de compras, retratando-os primordialmente como consumidores. Ademais, na contemporaneidade, há uma valorização extrema do ciberespaço em prejuízo da realidade material. Isso nos leva a discutir o fenômeno do fetichismo do virtual, uma fixação da sociedade nos objetos virtuais (CASTRO, 2013).

Nesse contexto, o ciberespaço funciona como uma simulação da realidade material, ampliando as limitações do mundo offline, simultaneamente o mundo offline é convocado, também como uma simulação, para atender às restrições do ciberespaço. Na medida em que a cultura virtual determina os corpos no mundo real. Nesse movimento entre a realidade virtual e material, tudo parece possível, pois as restrições são dissimuladas, de forma semelhante ao que Lacan destaca em relação ao discurso capitalista (CASTRO, 2013).

O amor e a fantasia inconsciente no Ciberespaço:

Uma importante chave teórica indicada na literatura sobre os laços amorosos no ambiente virtual, é a marca subjetiva da fantasia nesse contexto. A psicanálise vem indicando que as tecnologias, seus métodos e os discursos que as permeiam exercem uma influência profunda no âmbito psíquico, sobretudo na perspectiva da fantasia inconsciente. De acordo com a literatura pesquisada, quatro elementos se sobressaem para o entendimento dos laços amorosos no ciberespaço: a imaginação, a desterritorialização, a destemporalização e a ausência da moralidade.

De acordo com Laplanche (1982, p. 169) a fantasia é compreendida como um:

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a psicanálise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias.

Nesse contexto, Freud já indicava que a fantasia concede um alívio para o Eu, como exemplificado quando o indivíduo se entrega a devaneios tão comuns à vida cotidiana. Ou seja, a fantasia em seu componente “imaginativo” serve como uma válvula de escape para o Eu, permitindo uma espécie de fuga individual dos desconfortos e desafios imediatos da realidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

No contexto abordado e impulsionado pelo desejo, a função primordial da fantasia se revela. Atuando como um mecanismo de defesa do Eu, ela desempenha o papel de um véu para os impulsos inconscientes do Id, enquanto navega ao redor da censura e facilita a passagem desses conteúdos pelo psiquismo. Sua íntima conexão com a realidade psíquica

inconsciente a isenta da exigência de validação pela realidade externa, conforme discutido por Nobre e Moreira (2013).

Nesse contexto, é importante ressaltar que a fantasia não é meramente uma produção aleatória do desejo ou da imaginação; ela é uma função que ativamente confere significado à realidade. Sendo assim, a fantasia é uma representação do desejo, atuando na mediação entre o sujeito e o objeto. Como destacado por Safatle (2009, p. 31), o desejo desempenha um papel crucial na capacidade do sujeito de compreender o mundo, pois revela seu caráter intencional determinante na interação do sujeito com o ambiente.

É essencial apontar que o inconsciente, em sua essência, é efeito da marca do Outro, da presença do Outro, mas se estrutura de modo singular. Quando Freud (2007, p. 204) sugere que a fantasia surge através de "coisas vistas e ouvidas, mas apenas compreendidas mais tarde", ele está sugerindo que o sujeito desempenha um papel ativo na posição inconsciente que assume ao utilizar determinados fragmentos da realidade e não outros.

Nesse contexto, ao adentrar no cenário virtual que é repleto de linguagens e símbolos que possibilitam novos modos de manifestação do desejo, o conflito psíquico tende a ser reduzido. Assim, as diversas modalidades de interações proporcionadas pela internet emergem como fontes abundantes de prazer para os indivíduos, abrangendo desde entretenimento até relações sociais, explorações na esfera da sexualidade, laços afetivos e diversas outras funções que caracterizam esse meio (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Outros dois pontos importantes e que aparecem juntos, é a marca da desterritorialidade e da destemporalidade que caracterizam tanto a produção fantasmática, quanto o funcionamento dos conteúdos no mundo virtual. A fantasia viabiliza a chance de ser acessada a qualquer instante e em qualquer localidade, através dos arranjos mentais que compõem o imaginário (NOBRE; MOREIRA, 2013). Conforme observado por Freud (1908/1996, vol.9, p.139), a fantasia permite que o desejo se manifeste no presente, empregando experiências passadas como base para construir expectativas futuras. A qualquer tempo e lugar, a fantasia pode se estabelecer e marcar a produção dos conteúdos psíquicos dos sujeitos.

Com isso, é possível perceber que a subjetividade influenciada pelo ambiente virtual está se adequando a novos paradigmas de tempo e espaço, agora compartilhados com a

diversidade. A concepção tradicional de tempo linear está sendo substituída por efeitos de fragmentação, vazio e fugacidade conceituados por alguns estudiosos como destemporalização (SIBILIA, 2008).

Ademais, a imaginação se movimenta livremente pelo ciberespaço quando concerne a desterritorialização do espaço, impulsionada pela curiosidade e pelas inclinações do sujeito, que não se sente mais confinado entre quatro paredes, nem limitado pelas fronteiras da realidade material. Baseado nessa ideia de onipresença, o sujeito se imerge na fluidez da navegação, guiado por seus interesses por diferentes trajetórias virtuais, explorando os símbolos culturais presentes no espaço virtual (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Além de transcender as limitações do espaço para a interação social no contexto contemporâneo, é importante destacar que o sujeito se revela onipresente no ambiente virtual, tal qual a própria fantasia no psiquismo humano. A dissolução das fronteiras espaciais no ciberespaço parece refletir a mobilidade da fantasia pelos diferentes "territórios" psíquicos. A natureza fluida e transgressora da fantasia a torna uma entidade híbrida, conforme explicado por Freud, o que não apenas promove sua adaptabilidade, mas também sua integração em toda a extensão do aparelho psíquico (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Assim como as dimensões de tempo e espaço, a moralidade parece não ser uma preocupação central na fantasia e no inconsciente. No ciberespaço, onde tempo e espaço são fluidos, as questões de moralidade constantemente não estão em destaque. No entanto, embora as considerações morais possam não ser proeminentes no contexto virtual, elas continuam a ser uma parte intrínseca de cada ser humano, sendo desafiador abordá-las de maneira virtual (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Nesse contexto, é perceptível uma mudança significativa na percepção da moralidade pelo sujeito por meio da interação entre os reinos da realidade psíquica e virtual. No ciberespaço, a fantasia desfruta de uma maior liberdade para contornar os mecanismos psíquicos que regem as normas sociais, especialmente durante momentos de atividade anônima e solitária diante da tela. Isso resulta em uma diminuição da influência das regras sociais e facilita a busca pelo prazer, em função da distância física entre os usuários, o que reduz a

pressão da moralidade que geralmente molda as interações sociais face a face (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Isto posto, ao considerarmos a perspectiva teórica freudiana, observamos que o mundo virtual não apenas promove a circulação da fantasia, mas também oferece um ambiente para a expressão fluida dos conteúdos inconscientes, permitindo que o sujeito se envolva nesse ambiente virtual de forma mais independente das restrições típicas da realidade material (NOBRE; MOREIRA, 2013). Diante disso, Prestes (2005) analisa o uso da Internet nas relações sociais. Em sua pesquisa sobre a evolução dos vínculos conjugais formados online, ele indaga: "por que um relacionamento online deveria ser 100% eficaz, quando os relacionamentos offline mostram resultados diferentes?" (PRESTES, 2005, p. 79). Essa análise desafia o paradigma de que os relacionamentos iniciados na Internet têm menos chances de se concretizar e são menos sérios.

Ainda, a suspeita sobre distanciamento entre os corpos, que alimenta os julgamentos sobre as relações virtuais, não deve ser analisado de forma isolada dos diferentes registros em que o corpo está envolvido (OLIVEIRA; CORREA, 2023). É essencial destacar que, para Lacan, o conceito de corpo vai além da materialidade orgânica, abrangendo dimensões no imaginário, no simbólico e no Real (LACAN, 1949/1998, 1953/1998, 1962-1963/2005). Lacan enfatiza em seu estudo todas as dimensões que o corpo pode ocupar, que além daquilo que é concreto, incluem a linguagem e a dimensão pulsional que, desde Freud, revela uma gramática de satisfação que transcende as funções orgânicas.

Além disso, um exemplo claro da interseção entre o meio virtual e a produção fantasmática é o uso de aplicativos de relacionamento para fins afetivos e sexuais. Esses aplicativos se destacam por possuir um grande número de usuários que escolhem avatares com características que podem ou não coincidir com a realidade. Nesse ambiente, é possível ajustar os próprios traços conforme os desejos, compartilhar interesses com seguidores, reagir a publicações de outros usuários com curtidas e comentários, marcar encontros e fazer amigos, tudo no cenário do mundo virtual. Esse exemplo ilustra a liberdade que a fantasia possui para criar seu próprio contexto. Além disso, alguns usuários desses aplicativos frequentemente optam por passar várias horas do dia vivendo a vida de seus avatares, muitas vezes em detrimento de suas vidas reais (DESSAL, 2019).

No entanto, é crucial destacar que as redes sociais só exercem influência sobre a realidade quando conseguem acessar os elementos internos da subjetividade do indivíduo. Isso ocorre porque a mensagem ressoa com as fantasias inconscientes e os modos de satisfação que definem o indivíduo. Além disso, essas tecnologias empregam técnicas de automação que possibilitam a disseminação viral de mensagens. O essencial do impacto viral de um conteúdo não se limita apenas ao seu alcance e número de visualizações, mas também às consequências que ele acarreta na percepção da realidade ficcional (DESSAL, 2019).

Portanto, é notável que as especificidades da internet não apenas direcionam, mas também incentivam efetivamente a participação do sujeito na constante construção da realidade virtual, proporcionando uma experiência que parece oferecer uma abundância de prazer. Nesse contexto, é perceptível uma inclinação do sujeito em direção ao princípio do prazer, conforme delineado por Freud, em detrimento do princípio da realidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Além disso, uma análise clara revela que o sujeito contemporâneo apresenta uma identidade mais fluida e diversificada, conforme discutido por diversos autores. Sem dúvida, este sujeito é influenciado pela revolução tecnológica, como também por elementos do repertório simbólico e cultural. Como resultado, a capacidade do indivíduo de se destacar em relação aos padrões sociais parece ser comprometida, em parte devido à grande flexibilidade desses padrões na sociedade atual. Nesse contexto, é evidente que a fantasia desempenha um papel significativo na busca pelo prazer pessoal, como argumentado por Nobre e Moreira (2013).

É perceptível que esse mecanismo que impulsiona o universo virtual gera uma forte inércia do significante. Essa característica repetitiva busca estabelecer redes nas quais o indivíduo se encontra tanto cativo quanto fascinado. Escapar do domínio do ciberespaço se tornou uma tarefa quase impossível, e o ritmo desse processo só parece acelerar. É evidente que a transição para o discurso capitalista reflete a impedimentos para regular o desenvolvimento e a implementação de tecnologias (DESSAL, 2019).

Baseado nesse cenário, torna-se evidente que as necessidades individuais de desejo se confrontam com as opções disponibilizadas pelo sistema capitalista. Esse fenômeno oferece

um panorama no qual uma variedade de aplicativos é utilizada, com destaque para os aplicativos de relacionamento. Estes podem tanto facilitar o encontro de indivíduos que suportem a falta quanto funcionar como produtos comerciais (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Portanto, é crucial direcionar nossa análise não apenas para as ferramentas tecnológicas em si, avaliando sua utilidade ou criticando seus impactos, mas sim discutir as características relacionadas às escolhas dos indivíduos, desde a concepção dessas tecnologias até a maneira como são integradas em suas vidas (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Considerações finais:

A presente pesquisa teve como principal objetivo investigar a forma que o campo psicanalítico tem abordado na contemporaneidade os laços amorosos no contexto do ambiente virtual, analisando os achados teóricos e categorizando-os em temáticas expositivas, destacando os principais modos de compreensão do fenômeno.

Duas percepções principais emergiram a partir da compreensão psicanalítica dos laços amorosos no mundo virtual: o imperativo do gozo imposto ao sujeito pela sociedade contemporânea e as intersecções entre a produção fantasmática do sujeito e o ciberespaço. Indubitavelmente, a experiência subjetiva no ciberespaço possui tanto efeitos positivos quanto negativos. Enquanto permite uma expansão do imaginário, é essencial destacar a falta de limites que pode resultar em consequências significativas para as gerações em desenvolvimento. A busca por gratificações passageiras nas redes, aliada ao individualismo narcisista e alienante predominante nas sociedades capitalistas, evidencia um arranjo potencialmente perigoso, capaz de influenciar profundamente a estruturação da subjetividade na contemporaneidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Por outro lado, os aplicativos de relacionamento têm como propósito promover a conexão entre pessoas que compartilham interesses comuns, inclusive facilitando encontros de natureza afetiva/sexual. Eles visam encorajar o estabelecimento de relações, sejam elas passageiras ou longevas. No entanto, é importante ressaltar que esses aplicativos não buscam necessariamente propiciar uma complementaridade entre os sexos, nem garantir o Um da relação sexual. Em vez disso, oferecem apetrechos para que os usuários possam avaliar suas próprias interações e relacionamentos em conformidade com seus interesses e desejos

individuais. Dessa forma, os aplicativos de relacionamento podem ser vistos como favorecem as interações humanas, em que o desenvolvimento das relações é moldado pelas escolhas dos usuários (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Tais aplicativos de relacionamento se dedicam a facilitar a identificação de possíveis parceiros compatíveis com base nas preferências relacionadas a um relacionamento, através de artifícios como algoritmos de correspondência, filtros de busca e perfis detalhados. A noção de "match" representa uma estratégia para identificar aqueles que têm potencial para estabelecer uma conexão significativa, seja ela emocional ou sexual (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Diante disso, os aplicativos de relacionamento permitem a busca e a troca de mensagens, cabendo ao usuário decidir como deseja desenvolver essas relações e se estas transcenderão o ambiente virtual. Ou seja, criam um ambiente propício para que indivíduos com interesses mútuos possam explorar potenciais conexões (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

As limitações da pesquisa incluem o número reduzido de estudos selecionados e a falta de trabalhos em idiomas além do português. Ainda, é válido ressaltar que todo o debate realizado até o momento, sobre a compreensão do fenômeno contemporâneo dos laços amorosos no ambiente virtual, evidencia nossa principal pretensão de suscitar questionamentos, em vez de simplesmente chegar a conclusões definitivas. Isso ressalta a natureza parcial da elaboração do nosso entendimento, que constantemente se confronta com a lacuna intrínseca ao Real.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, Marcela. “Os gadgets”, *Revista Estudos Lacanianos*, n.1, v.1, 2008, p. 1-16.
- AMORIM, Jaqueline Oliveira; BARROS, Rogério de Andrade. “Mal-Estar do Sujeito Contemporâneo: Os efeitos do Discurso Capitalista”, *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, n. 1, v. 11, 2022.
- BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. “O discurso capitalista e seus gadgets”. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, n.10, v.02, 2018, p. 140-154.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D’água, 1991.



COSTA, Ana. “Iniciação e saber na relação sexual”. In: ___. Alberti, Sonia (Org). *A sexualidade na aurora do século XXI* (2008). Rio de Janeiro: Cia. de Freud, jul. 2016, p. 307-314.

CASTRO, Julio Cesar Lemos de. “Cibercultura e matriz lacaniana dos discursos”, *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.28, julho 2013, p. 118-136.

DESSAL, Gustavo. *Inconsciente 3.0: Lo que hacemos com las tecnologías e lo que las tecnologías hacen con nosotros*. Argentina: Xoroi Edicions, 2019.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberlal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1929-1930). Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1996.

FREUD, Sigmund. *Los orígenes del psicoanálisis*, Madrid, Alianza, 2007, p. 204.

FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios* (1907-1908). Rio de Janeiro: Imago. v.9, 1996, p.147-160.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JACOB, Claudia Alves; COHEN, Ruth Helena Pinto. “O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico” *Mal-Estar Subj*, Fortaleza, v. 10, n. 2, jun. 2010, p. 537-554.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. “O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise” *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016.

LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103.

LACAN, Jacques. *O Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Jorge Zahar, 1992, p. 192.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LEMOS, Patrícia do Prado Ferreira. “Amplificação do discurso do capitalista no sujeito e nos laços sociais digitais”, *Barroco em Revista*, S. l., v. 14, n. 1, 2018.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise* (1982). Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 169.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MILLER, Jacques-Alain. “Seminário de Jacques-Alain Miller em colaboração com Éric Laurent”, *Paidós*, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: “Uma nova plataforma de vida”. In_____. A. M. Nicolaci-da-Costa (Org.), *Cabeças digitais: O cotidiano na era da informação*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola 2006, p. 19-39.

NOBRE, Márcio Rimet; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. “A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade”, *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, n.2, jul. 2013, p. 283-298.

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de; CORREA, Hevellyn Ciely da Silva. “Entre encontros faltosos e excessivos: laços amorosos e uso de tecnologias para pensar o sujeito”. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, jun. 2023, p. 32-56. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382023000100002&lng=pt&nrm=iso.

PRESTES, Roberto Balaguer. “Amor on-line: refúgios, resistencias e inícios pós-modernos”, *la CiberSociedad*, n.7, 2005, p. 79.

PIMENTEL, Deborah. “O sujeito contemporâneo e a realidade virtual”, *Estud. Psicanal.*, Belo Horizonte, n.52, p.51-58, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 abr. 2024.

QUINET, Atonio. “A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade”. In:_____. N. Viana. (Org.). *Psicanálise, capitalismo e cotidiano*. Germinal, 2002/ 1999.

QUINTELLA, Rogerio. “Considerações psicanalíticas sobre o existir no mal-estar contemporâneo”, *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 83-103, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v34n27/a05.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. *Lacan*. São Paulo: Publifolha, 2009.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho científico*. São Paulo: Cortez. e-PUB, 2013.

VIANA, Nildo. (org.) *Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano*. São Paulo: Germinal, 2002.

VENTURA, Oscar. “O amor. sempre Outro”. In:_____. ALVARENGA, Elisa & MACÊDO, Lucíola (Orgs.). *Mutações do laço social - o novo nas parcerias*. Belo Horizonte, EBP-MG, 2021, p. 47.



VENTURA, Oscar. “O amor. sempre Outro”. In:_____. ALVARENGA, Elisa & MACÊDO, Lucíola (Orgs). *Mutações do laço social - o novo nas parcerias*. Belo Horizonte, EBP-MG, 2021, p. 57.

VIGANÒ, Carlo. “Realidade virtual e realidade sexual”, *A peste: Revista de psicanálise e sociedade e filosofia*, v.1, n.2, 2009, p.245-251. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/6279>



A MEDICALIZAÇÃO DO LUTO

Luana Monar Sousa Alcântara¹

Isabela Nunes Pizzotti Ferreira²

THE MEDICALIZATION OF GRIEF

LA MEDICALIZACIÓN DEL DUELO

RESUMO

O estudo teórico aborda a influência da medicalização no processo de luto, contrastando com abordagens psicanalíticas. Destaca-se a evolução histórica da percepção da morte, da era medieval à contemporaneidade. Na Idade Média, a morte era ritualizada e familiar, mas com o tempo tornou-se estigmatizada e medicalizada. Os psicofármacos, embora aliviem o sofrimento do luto, podem dificultar a necessária elaboração emocional. A psicanálise oferece uma alternativa, promovendo a expressão e compreensão das emoções ligadas à perda, permitindo uma outra maneira de elaboração do luto. Essa abordagem compreende a dor do processo de luto e a eventual gratificação da superação, contribuindo para uma experiência mais significativa e pessoal diante da finitude e do luto.

Palavras-chave: Luto; Medicalização; Psicanalise.

ABSTRACT

The theoretical study addresses the influence of medicalization on the grieving process, contrasting with psychoanalytic approaches. The historical evolution of the perception of death stands out, from the medieval era to contemporary times. In the Middle Ages, death was ritualized and familiar, but over time it became stigmatized and medicalized. Psychotropic drugs, although they alleviate the suffering of grief, can obstruct the necessary emotional elaboration. Psychoanalysis offers an alternative, promoting the expression and understanding of emotions linked to loss, allowing a true elaboration of grief. This approach encompasses the pain of the grieving process and the eventual gratification of overcoming it, contributing to a more meaningful and personal experience in the face of finitude and mourning.

Key words: Mourning; Medicalization; Psychoanalysis.

¹ Graduação em Psicologia da Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem – FAESSA. E-mail: luanamonar@hotmail.com.

² Professora e Orientadora do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem – FAESSA. Graduação, especialização e mestrado acadêmico. E-mail: isabelanpf@gmail.com.

RESUMEN

El estudio teórico aborda la influencia de la medicalización en el proceso de duelo, contrastando con los enfoques psicoanalíticos. Destaca la evolución histórica de la percepción de la muerte, desde la época medieval hasta la época contemporánea. En la Edad Media la muerte era ritualizada y familiar, pero con el tiempo pasó a ser estigmatizada y medicalizada. Los psicofármacos, si bien alivian el sufrimiento del duelo, pueden dificultar la necesaria elaboración emocional. El psicoanálisis ofrece una alternativa, promoviendo la expresión y comprensión de las emociones vinculadas a la pérdida, permitiendo otra forma de procesar el duelo. Este enfoque comprende el dolor del proceso de duelo y la eventual gratificación de superarlo, contribuyendo a una experiencia más significativa y personal frente a la finitud y el duelo.

Palabras clave: Duelo; Medicalización; Psicoanálisis.

Introdução: considerações sobre a morte

Sabemos que a morte no contemporâneo é vista pela ótica de um fracasso e, em função disso, tanto ela quanto o luto advindo de uma perda devem ser evitados. Entretanto, nem sempre foi assim. Segundo Ariès (1977/2003), na era medieval a morte era compreendida de duas formas. A primeira era a morte terrível, oriunda de doenças e perdas fulminantes. A segunda era a morte domada, conhecida por desenrolar-se no seio familiar e carregar rituais e cerimônias de espera, despedida e contemplação à margem do leito de um ente querido próximo de partir. Ela vinha acompanhada de um aviso prévio, aceitação e preparação através de rituais como a extrema unção e a despedida dos entes queridos; 'não tinham pressa em morrer, mas quando viam chegar a hora, sem precipitação nem atraso, como devia ser, morriam cristãos. Mas outros indivíduos, não cristãos, morriam de modo igualmente simples' (p.36).

No entanto, a atitude perante a morte, de acordo com Ariès (1977/2003), foi modificada no decorrer das décadas. No capítulo denominado 'a morte interdita', o autor afirma que em meados do século XIX, na Idade Média, os antigos costumes e rituais começaram a desaparecer e a morte passou a ser um fenômeno inaudito. Ou seja, o morrer perdeu o tom familiar, ceremonial e simbólico e começou a tornar-se objeto de constrangimento e interdição; a morte passou a ser um evento desagradável. Morrer em casa se tornou inoportuno, e, com isso, a morte foi transferida para o hospital. As casas passaram a ser consideradas ambientes limitados para tratamento, e o hospital se converteu no local onde ocorre a cura e a luta contra a morte. Iniciou-se o processo de dar outra narrativa para a morte, na qual o ambiente hospitalar anulava a tradição e os elementos ritualísticos.

Com a chegada das ideias capitalistas, em meados do século XX, a morte passou a ser percebida como um fracasso da humanidade e algo que deveria ser suprimido. A frustração da vivência da morte se estendeu também para a privação da comoção que a morte causa. Essa configuração da sociedade moderna a respeito da morte a retira do cotidiano e a transforma em um fenômeno inconcebível e inadmissível, o que impacta diretamente a maneira como elaboramos o luto e as experiências subjetivas de perda (Ariès, 1977/2003).

Podemos afirmar que o luto vem sendo reestruturado na sociedade e isso não atravessa os sujeitos sem consequências. Uma maneira de acompanhar as mudanças ocorridas em relação ao luto é pelas transformações vistas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Segundo Venâncio (2018), o luto não aparecia como uma categoria nosológica no DSM II, porém, neste tempo do manual, pode-se observar que a depressão já estava relacionada como psicopatologia e uma possível resposta à perda de um ente querido, o que leva a autora a questionar se a correlação entre a depressão e a perda foi o que suscitou a discussão e a inclusão do luto como categoria nosológica nos manuais seguintes. Uma vez que, no DSM III, há a perspectiva de o luto tornar-se um transtorno distímico (VENÂNCIO, 2018).

Essa leitura ganha força no DSM-IV-TR, pois é nele que observamos a abertura e a possibilidade de o luto ser categorizado como um Transtorno Depressivo Maior (TDM). No entanto, neste manual, o luto ainda é compreendido enquanto um diagnóstico diferencial. Ou seja, após dois meses de sintomas, não havendo melhora do quadro emocional, o diagnóstico caminha para algo disfuncional, patológico (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Já no DSM-V, embora encontremos uma diferenciação entre o luto normal e os episódios depressivos maiores, não há mais a recomendação de um prazo, como visto no DSM-IV-TR, sugerindo que a qualquer momento o sujeito enlutado pode vir a ser diagnosticado com Transtorno Depressivo Maior. Ou seja, a diferença entre o DSM-IV-TR e o DSM-V no que tange ao luto resume-se na eliminação da regra que delimitava que o sujeito enlutado não poderia ser diagnosticado com Transtorno Depressivo Maior, não encontrando mais a hipótese de compreender o luto enquanto um diagnóstico diferencial (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Entretanto, observa-se uma semelhança que aproxima as duas versões do manual, a medicação é a orientação principal para o tratamento dos diversos transtornos mentais,

incluindo o luto. Bocchi (2018) afirma que, na atualidade, há uma crescente categorização de sofrimentos que são habituais ao sujeito, e que agora vêm sendo transformados em patologias; o luto participa dessa realidade. Nesse sentido, notamos que a patologização do que é inerente ao sujeito origina consequências que reduzem os processos de elaboração, sofrimento e vivência do luto. Dessa forma, este artigo busca compreender os impactos da medicalização na elaboração do luto; além disso, propomos, posteriormente, apontar outros caminhos, através da psicanálise, para o trabalho e elaboração do processo de luto.

A medicalização do luto

De um modo geral, a vivência do luto está atrelada, incontestavelmente, à dor de uma perda. A dor da morte é oriunda de elos arruinados, afetos rompidos e vivências que jamais poderão ser revividas. Para Veras L. & Soares (2016), a morte é indesejável e insuportável, pois além de mostrar a dor de perder um objeto amado, ela escancara a finitude da vida, ou seja, o sujeito se depara com a ideia do seu próprio fim. Percebe-se que essa maneira de entender a morte na sociedade moderna, atesta como comprovação de um fracasso da humanidade.

Nesse sentido, a morte desvela um ato cruel, porém, inevitável da natureza humana. Ela arranca o sujeito de seu mundo conhecido, tornando-o completamente incógnito. Além de não ser possível compreender e prever como serão os dias posteriores da ausência do perda. A única certeza existente é de que a vida nunca mais voltará a ser a mesma de quando havia a existência do objeto amado (SALMAZO-SILVA *et al.*, 2012).

Acontece que, o que temos presenciado na contemporaneidade, é um aumento do uso da medicação para o tratamento do luto sustentado pelo saber médico. De acordo com Ilíchi (1975/2010), a medicina é um saber que viabiliza o controle social e têm como foco a tentativa da extinção completa da dor, para contemplação do bem-estar. Isso implica em dizer que o que deveria ser considerado como política de promoção da saúde se torna, na verdade, uma medida higienista, pois denomina o homem como um instrumento de ajuste, gerido pela instituição médica. Uma das consequências deste ato é a remoção do protagonismo do sujeito em suas próprias elaborações, incluindo a morte e o luto. Nesta medida, Ilíchi (1975/2010) descreve os efeitos da intervenção médica na vida e existência dos sujeitos e das sociedades, os quais ele chama de iatrogênese. Se recorrermos à gênese da palavra iatrogênese, percebemos a junção de duas palavras gregas, iatos (médico) e geneseis (origem). Além disto, para o autor, a iatrogênese

denomina que o aparecimento de uma doença é empregado ao sujeito após a intervenção médica.

De acordo com Ilichi (1975/2010), o fenômeno da iatrogênese pode ser descrito em três categorias: a iatrogênese clínica, social e cultural ou estrutural. Produzida pelo médico, após seus cuidados ao paciente ou aplicação medicamentosa, a iatrogênese clínica, relata os efeitos secundários causados após intervenção médica. Além disso, ela retrata o poder exercido pelos médicos sobre a autonomia dos sujeitos quando decidem, de forma arbitrária, o tratamento medicamentoso sem considerar o contexto da saúde do indivíduo. Já a iatrogênese social, expressa o efeito social da medicalização na vida do sujeito. Pode-se dizer que ela é o resultado social indesejado e nocivo que a medicina provoca para além de sua ação técnica particular, ou seja, é quando a ação médica promove desajustes entre o sujeito e a cultura. Isto é, a iatrogênese social expressa como a medicina visa o desejo de obtenção da saúde física por intermédio apenas da medicação, o que reduz o olhar a outras demandas fundamentais do sujeito, tornando-o débil e coadjuvante de sua própria história. Isto parece ser contraditório, pois, ainda com Ilichi (1975/2010), ter saúde não se resume apenas na manifestação física de um corpo saudável, sem enfermidades. Podemos pensar que o conceito de saúde desenvolvido por Ilichi (1975/2010) se aproxima da conceituação, a posteriori, feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e autoras como Rocha (2020), que compreendem a saúde como estado de bem-estar social, físico e mental e não somente a falta de doenças e está para além de consultórios médicos e hospitalares.

Por último, a iatrogênese cultural ou estrutural, contempla a interferência deliberada da prática médica na autonomia do sujeito em lidar com suas dores, doenças e morte. Esta conceituação se refere a como o sujeito é impulsionado a não lidar com questões da própria existência. Para além disso, ao descrever a iatrogênese, o autor aponta como as técnicas medicinais delongam a finitude e a chegada da morte. Este acontecimento é nomeado por Ilichi (1975/2010) de morte medicalizada. Ela narra um incansável movimento da medicina em manter a vida a qualquer custo. Em outras palavras, é como se houvesse um trabalho da medicina para exercer o controle da morte, tirando do sujeito a singularidade de governar seu ritual e passagem da morte.

Podemos pensar que a crescente medicalização da morte impacta, também, na medicalização do luto. Faria (2018), discorre sobre o destaque em nossa contemporaneidade, da psiquiatrização e medicalização do luto. Ela ressalta que as questões naturais da vida do

sujeito têm ganhado, cada vez mais, um viés biológico e limitante entre o que é considerado normal e patológico. Acerca dessa relação entre o normal e o patológico construído pelo saber médico, Faria e Lerner (2019) afirmam que a medicalização torna conteúdos naturais da vida do sujeito em interações médicas observadas unicamente pelo panorama biológico.

Para as autoras, é crescente o movimento que inclui questões subjetivas dos sujeitos cada vez mais presentes no vocabulário psiquiátrico e biomédico, em um deslocamento de questões subjetivas para ordem biológica, abrindo fronteiras para que as questões médicas reestruitem o patológico e o normal. Da mesma maneira, em relação ao luto, quando há separação entre o normal e o patológico, a vivência do luto torna-se igual “para todos” e suscetível ao tratamento medicamentoso proposto pela medicina. A conclusão das pesquisadoras é que a medicalização atravessa o luto, e é vista pelo sujeito como uma saída para lidar com a dor que reside no trabalho de luto. Para elas, o luto é um processo que gera angústia, tristeza e dor, e a medicalização passa a ser notada como uma maneira de gerir e atenuar o sofrimento causado pela dor do luto durante sua elaboração.

[...] “olha aí, quando é que isso vai passar” e ele disse para mim, “não, não vai passar”, entende, e a partir desse ponto, admitindo que não vai passar, que é uma dor para vida inteira, eu fui trabalhando essa dor. É um trabalho de luto não é à toa, né porque realmente é um trabalho interno que você tem que fazer [...] (Faria e Lerner, 2019, p.17).

A iminência da categorização dos diagnósticos estabelece um lugar de ascensão para a medicalização. Segundo Venâncio (2018), a sociedade, de um modo geral, tem sido atravessada por um viés mercantil e os medicamentos fazem parte desta lógica. Isso implica em dizer que a saúde é vista como mercadoria. Ocorre que, se o luto é patologizado de forma deliberada, essa efervescência de tratamentos e medicações impede diagnósticos singulares. Em outras palavras, o tratamento do luto também se torna uma mercadoria, o que impossibilita uma análise cautelosa e cuidadosa do sofrimento que respeite a subjetividade e individualidade dos sujeitos.

Já para Alves (2021), os psicofármacos são compreendidos como mediadores dos conflitos, eles atenuam as dores causadas pelo processo do luto, porém, similarmente, usurparam o lugar de elaboração do ato inevitável que é o morrer. Narrativa esta que causa a compreensão de que o sofrimento psíquico pode ser tratado como patologia. Para a autora, esta conduta interfere diretamente no processo de elaboração da dor e do novo significado que o objeto perdido deveria obter. A medicação da dor psíquica é uma opção insuficiente, pois comprehende

apenas uma camada do sujeito e reforça o pensamento de supressão da dor de forma farmacológica. De tal modo, o luto passa a ser equiparado às dores físicas, reforçando o pensamento de anulação da dor e suspensão da singularidade do sujeito.

Os autores que discutimos mostram como a medicação é a principal via de tratamento para o luto, além dos efeitos da lógica mercantil medicamentosa na subjetividade dos sujeitos. Também, conforme sinalizado pelos pesquisadores, isto inviabiliza a elaboração do luto, pois ele passa a ser entendido como uma vivência igual para todos. A psicanálise propõe uma outra saída, a elaboração singular, que é possível quando sustentada e enfrentada pelo sujeito.

O trabalho de elaboração do luto: um olhar para além da medicação

Contrariando a lógica diagnóstica dos DSMs, para Freud (1917/2020), mesmo que o luto promova dificuldades para o cotidiano do sujeito, ele não deve ser julgado apenas pelo viés patológico ou encaminhado para intervenção médica seguindo a lógica que determina prazos para seu término e a recomendação medicamentosa para seu manejo. Ao contrário, segundo Freud (1917/2020), tal conduta não contribui no processo de cura, pois cada sujeito possui um tempo necessário para a vivência e elaboração do luto. Através do olhar da psicanálise, o autor afirma que o luto não é apenas a perda de um ente querido para a morte, mas a perda de qualquer objeto libidinal que ocupe o mesmo lugar de afeto que o objeto ocupava, seja ele o de um ente querido, nação, um relacionamento ou a própria autonomia.

Além disso, de acordo com Freud (1917/2020), o processo de luto resulta em inúmeras perdas, inclusive a perda de uma parte do Eu, pois a parte do objeto que integrava o sujeito não existe mais. No luto, a realidade colocada diante da vida do sujeito escancara que o objeto de amor já não está mais presente. Sendo assim, todo investimento que era voltado para esse objeto necessita ser retirado do Eu pela falta de sua existência, o que obriga o sujeito a fazer a retirada dos investimentos libidinais do mesmo. Freud (1907/2020) destaca que este processo exige ao sujeito um intenso trabalho psíquico e ainda que encontre ou possua um objeto equivalente ao que foi perdido, o sujeito, por vezes, se recusa a abandoná-lo. Tal recusa, se dá de maneira tão intensa que pode deslocar o sujeito de sua realidade promovendo o que Freud chamou de psicose alucinatória de desejo. Embora Freud (1917/2020) aponte que o luto não é um estado patológico, reforça que ele causa um estado de ânimo doloroso, perda de interesse no laço social, afastamentos de atividades e inibições.

No recente livro do Dunker (2023), “Lutos finitos e infinitos”, ao retomar a obra freudiana “luto e melancolia”, afirma que mesmo não ocupando uma posição patológica, o luto promove inúmeros desencontros e angústias na vida do sujeito, como sentimentos de estranheza, afastamento, desinteresse na vida atual, abatimento profundo, cancelamento de entusiasmo pelo mundo, contenção de atribuições, ausência da capacidade de amar, constante rememoração do objeto e uma busca intensa do que se foi junto com ele. A psicanálise também aponta, a respeito do luto, que nem sempre ele pode ser vivenciado e nesse campo têm-se os lutos patológicos que são determinados através das identificações narcísicas que aconteceram no desenrolar da infância. Nesse sentido, os lutos patológicos não acontecem apenas por causa de um evento traumático; eles podem advir ao longo de toda a vida do sujeito através da organização inicial de seu psiquismo e por interferência das identificações simbólicas na infância. Ou seja, os traumas, eventos pessoais e simbolizações experimentados anteriormente pelo sujeito, poderão determinar sua maneira singular de vivência do luto, influenciando se ele será ou não um luto patológico (Campos, 2013).

Isso porque o inconsciente não possui capacidade de lidar com a vivência da morte por não possuir representações psíquicas desta experiência. Em outras palavras, o luto possui algo de inassimilável, pois o inconsciente se fixa nas representações já vivenciadas e no caso da morte é impossível que o sujeito consiga elaborá-la como experiência propriamente dita sem tê-la vivido antes. Desta maneira, não há a pretensão da ideia do morrer na fantasia inconsciente, o que consequentemente o leva a não alcançar tal experiência que representa a morte (Polletto, 2021; Campos, 2013).

Dunker (2023) também acrescenta novos conceitos em relação à ideia do luto. Se para Freud (1917/2020) o luto tinha início meio e fim, Dunker (2023) promove um pensamento diferente ao introduzir o conceito dos lutos infinitos. Para ele, o luto é um processo interminável que caminha pela ancestralidade, continuidade e cultura. À vista disso, o autor nomeia os sujeitos vivos de intermediários, pois são eles que assumem o papel de manter o lugar, agora simbólico, deixado pelos que partiram; os intermediários são pontes singulares para os que morreram, vivem e para os que estão por vir. Ou seja, eles se encarregam de manter vivos os que se foram, relembrando e testemunhando para os que vivem e os que ainda estão por nascer e é disto que se faz o luto, não apenas por um período ou no decorrer do processo de elaboração, mas ao longo de toda uma existência.

Outro conceito produzido pelo autor é a ideia de luto coletivo. Especificamente falando do Brasil, Dunker (2023) percorre a fundação da nação e as consequências ocasionadas pela invasão de Portugal, a catequização forçada dos povos indígenas seguidos por guerra com os holandeses, impostos abusivos e para completar, o acréscimo do tráfico negreiro. Este contexto nos faz contemplar a constituição do Brasil apoiados no que o autor chama de “nação de enlutados”. O pesquisador lança a hipótese de que o luto coletivo é o maior afeto fundador da nação e, em grande medida, ainda não elaborado.

Para compreender melhor o luto, é necessário falar também da melancolia. Para Freud (1917/2020), na melancolia, o sujeito não sabe localizar o que foi perdido. Se no luto a dor é da perda do objeto, na melancolia, a dor é projetada para o Eu, pois não se reconhece o objeto perdido. Ou seja, o sujeito não sabe ao certo sobre a perda, ele não entende claramente o que dele se perdeu no objeto. Se, para Freud (1917/2020), no luto há um empobrecimento ao mundo externo, na melancolia, isso ocorre no próprio EU.

Dunker (2023) aponta que a melancolia possui a maioria dos sintomas do luto. No entanto, o que a diferencia é que para além dos sintomas do luto, ela afeta diretamente a autoestima e a forma como o sujeito lida com o Eu, pois como o sujeito não sabe ao certo o que perdeu, ele ataca o seu próprio EU na tentativa de elaboração ou punição.

Por não conseguir identificar o objeto da perda, o melancólico, a fim de elaborar a dor ou atingir o objeto, ataca a si mesmo para atingir o que Freud chama de desejo delirante de punição. Tal condição torna o melancólico queixoso e profundamente crítico de si mesmo. A desordem do melancólico consiste em sua intensa rejeição à perda do objeto a ponto de perder-se com ele. O que dificulta a elaboração, já que a mesma se desenvolve na aceitação e cisão entre eu e o objeto (Alves, 2014; Riveira, 2013).

Nesta perspectiva, em diálogo com Dunker (2023), para Safatle (2016), Freud entendia a melancolia como uma fixação a um objeto, crença ou ideal perdido. No processo melancólico, um pedaço do Eu volta-se contra si mesmo através de recriminações e discriminações. O pesquisador, ainda em Freud, ressaltou que, na melancolia, uma porção do Eu acaba se identificando com o objeto de amor perdido. “Tudo se passa como se a sombra desse objeto fosse internalizada por incorporação, como se a melancolia fosse a continuação desesperada de um amor que não pode lidar com suas perdas” (p.62). A perda do objeto de amor colocaria em xeque parâmetros da própria identidade do sujeito.

Decorrido a respeito do luto e melancolia, a psicanálise aponta um caminho de elaboração para além da patologização e associação da medicação protagonizando o processo de “cura” do luto. Apontando este caminho na direção do trabalho de elaboração do luto. Segundo Freud (1917/2020), o trabalho de luto move-se em direção ao desligamento do objeto perdido, e tal desligamento do objeto move o sujeito a uma reestruturação psíquica. Para além da compreensão de que o trabalho do luto é a percepção por parte do sujeito de que algo foi perdido, no trabalho de luto ocorre um outro evento importante, a assimilação no EU de algo que foi perdido do “objeto de amor”. Ou melhor, é um resto, um traço daquele objeto de amor que, de alguma maneira, foi assimilado no EU (Freud, 1917/2020).

Dessa forma, para Rivera (2011), o trabalho de luto é uma atividade dolorosa que consiste não apenas no abandono do objeto de desejo, mas no trabalho de se redirecionar ao desligamento pulsional gradativo e a transição para uma nova relação com o objeto, pois mesmo que perdido, ele não abandona a subjetividade do sujeito. Em outras palavras, o processo de luto é extremamente difícil porque exige que o sujeito abandone o objeto de amor, visto que ele já não existe mais. Apesar de ser um trabalho exigente e doloroso para o sujeito, ele constrói um novo simbolismo para a perda apontando novas vias desejantes. A partir dessa simbolização abre-se um caminho para a elaboração da perda e um novo lugar para a falta do objeto pode advir, a saber, o trabalho de luto se dá construindo um novo caminho onde o sujeito começa a desinvestir do objeto de amor e volta a encontrar outros objetos de desejo (Campos, 2013).

Todavia, conforme dito anteriormente, tal elaboração não é um processo simples, Freud (1917/2020) descreve que mesmo que seja fundamental para o sujeito abandonar o objeto libidinal, ele tende a resistir em fazê-lo. Neste sentido, pode-se dizer que nem todo trabalho de luto pode ser elaborado. Segundo Campos (2013), em alguns casos, o trabalho de luto se paralisa, o que pode promover uma relação direta com a melancolia. Em outras palavras, é possível dizer que quando o luto não é elaborado incorre no risco de se instaurar o processo patológico da melancolia, condição em que o sujeito cria uma profunda identificação com o objeto de amor que foi perdido. Dada a essa identificação, o objeto se internaliza com tamanha intensidade no Eu e retorna-se a problemática da melancolia: um ataque do Eu sobre ele mesmo para que ele possa se descolar, punir e abandonar a presença do objeto.

Porém, para Freud (1917/2020), é no decorrer do tempo que o sujeito entende que aquele objeto de amor já não existe. O apropriado nesta ocasião seria que a realidade que a perda do objeto seja acolhida pelo sujeito, o que facilitaria o caminho da elaboração. Entretanto,

este trabalho de elaboração não é de rápida execução e para que o sujeito suporte o processo precisa ser realizado pouco a pouco, à medida em que dê conta.

Carneiro, Murupuranga, Silva & Costa (2006) afirmam que há um paradoxo no trabalho de elaboração do luto, ao mesmo tempo em que o sujeito precisa admitir e aceitar que perdeu o objeto possibilitando, assim, o caminho de desligamento da libido, as lembranças do objeto sempre estarão presentes. Mas para os autores, é possível perceber a manifestação de liberdade, ressignificação e desinibição do Eu ao término do trabalho de luto.

Já para Dunker (2023), o trabalho de luto termina entre a dor da elaboração e a gratificação da sobrevivência, pois o ônus de passar por todo processo se encerra com o bônus da elaboração e do novo significado para vida do sujeito. Para o autor, o trabalho de elaboração do luto é uma mistura paradoxal de sentimentos e a construção de um outro lugar que vai ao encontro, da libertação do Eu, semelhante ao que sinaliza Freud (1917/2020) “O curioso é que esse desprazer doloroso nos parece natural. Mas de fato, e Eu se torna novamente livre e desimpedido [ungehemmt], depois de concluído o trabalho de luto.” (DUNKER, 2023, p.101)

Considerações finais

Inicialmente, este artigo percorreu a respeito da história da morte, de como ela era entendida na Idade Média até as suas modificações simbólicas e sociais nos dias atuais. Mostramos que as transformações ocorridas na maneira de experienciar a morte refletiram no modo como se percebe e se vivencia o luto na contemporaneidade. A partir destas mudanças, a pesquisa se estendeu aos DSMs – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – para sinalizar as mutações em relação à localização e leitura do luto nos próprios manuais diagnósticos. Compreendemos que as mudanças ocorridas ao longo da história dos DSMs contribuíram para que o tema fosse abordado como patologia e passível de categorização, além do destaque ao panorama biológico em detrimento das questões subjetivas e sociais.

A partir da discussão de autores como Ilíchi (1975/2010), Venâncio (2018), dentre outros, é possível perceber o movimento que tem apresentado o luto como evento patológico e que prevê a medicação como orientação principal para tratamento. Entendendo que a medicina contemporânea vê o luto como patologia e a medicalização como medida exclusiva, este trabalho tentou analisar a influência da medicalização do luto na vida do sujeito e o impacto que esta provoca na elaboração do mesmo. Diante disso, explanamos outras possibilidades para elaboração do luto, para além da medicação, a partir de Freud (1917/2020) e Dunker (2023),



que defendem que o trabalho de luto é uma resposta natural diante de uma perda e não necessita de intervenção médica, por não ser uma doença.

As questões suscitadas apresentam como a psicanálise, através de seus saberes, evidencia um olhar factual para a subjetividade do sujeito em sua elaboração de luto, reconhecendo a dificuldade e a exigência que é atravessar o trabalho de luto, porém, se faz necessário enaltecer o caminho de extrema beleza e reencontro do Eu que se dá ao término deste processo. Por fim, o intuito deste trabalho é apresentar, a partir da leitura da psicanálise, a via de elaboração como um outro caminho que não a medicalização dos corpos em meio à dor. Também, nos inquietamos com a seguinte questão para aprofundamento em posteriores pesquisas: seria a medicação uma via que impede a elaboração do trabalho de luto tal como proposto pela psicanálise?

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. M.; COUTO, S. B.; SANTANA, M. de P.; BAGGIO, M. R. V.; GAZARINI, L. Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 9, e00133221, 2021.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2013.
- ARIÈS, P. História da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003. Originalmente publicado em 1977.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-III. 3. ed. Washington, DC: APA, 1980.
- BOCCHI, J. C. A psicopatologização da vida contemporânea: quem faz os diagnósticos? *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, v. 20, n. 1, p. 97-109, 2018.
- CAMPOS, É. B. V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2013.
- CARNEIRO, H. F.; MAPURUNGA, J. R. S.; SILVA, J. S. B.; COSTA, R. M. L. Melancolia, ressentimento e laço social: repercussões na clínica psicanalítica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 6, n. 2, p. 450-471, 2006.
- DUNKER, C. I. L. Lutos finitos e infinitos. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- FARIA, A. F. D.; LERNER, K. Luto e medicalização: gestão do sofrimento entre mães que perderam filhos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, n. 3, e290317, 2019.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Originalmente publicado em 1917).
- FORESTI, Taimara; HODECKER, Maísa; BOUSFIELD, Andréa Barbará S. A concepção de morte na história e a COVID-19: uma retrospectiva teórica. *Revista Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 39, n. 105, p. 390-407, jul./set. 2021.
- ILICHI, I. A expropriação da saúde: nêmesis da Medicina. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- POLETTO, A. A. de A. Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19. *Estudos de Psicanálise*, n. 55, p. 113-119, 2021.
- RIVERA, T. Luto e melancolia, de Freud, Sigmund. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 94, p. 231-237, 2012.



ROCHA, J. Pacientes que curam: o cotidiano de uma médica do SUS. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2020.

SAFATLE, V. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2016.

VENÂNCIO, M. A patologização do luto: uma revisão dos manuais diagnósticos e estatísticos de transtornos mentais. In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE, 2018, p. 143-147.

VERAS, L.; SOARES, J. C. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.



O QUE PODE O CORPO?

REPENSANDO SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO EM WINNICOTT

Christiana Paiva Oliveira

WHAT CAN THE BODY DO? Rethinking sexuality and gender identity in Winnicott

¿QUÉ PUEDE HACER EL CUERPO? Repensar la sexualidad y la identidad de género en Winnicott

RESUMO

O corpo é um espaço de interação e expressão da psique, como sugere Winnicott. Ele destaca a importância da integração entre corpo e mente para o desenvolvimento saudável do sujeito, enfatizando que um ambiente adequado facilita a personalização e a adaptação à realidade. Essa relação contínua entre corpo e psique é fundamental para o amadurecimento emocional e a construção da identidade. O texto discute a escuta analítica no contexto da transexualidade, destacando a importância de reconhecer o sofrimento psíquico associado à disforia de gênero, exemplificado pelo caso de Lara, personagem trans do filme “Girl” (2018). O artigo defende que a identidade de gênero não está intrinsecamente ligada ao corpo, sendo influenciada por construções sociais que perpetuam estigmas e normatizações. Logo, a psicanálise tem o papel de desafiar essas normas, contribuindo para que os sujeitos expressem suas identidades de forma autêntica e espontânea, conectando-se com o âmago do verdadeiro Self.

Palavras-chave: Transexualidade; Corpo; Psicanálise.

ABSTRACT

The body is a space for interaction and expression of the psyche, as suggested by Winnicott. He highlights the importance of integration between body and mind for the healthy development of the individual, emphasizing that an adequate environment facilitates personalization and adaptation to reality. This continuous relationship between body and psyche is fundamental for emotional maturation and the construction of identity. The text discusses analytical listening in the context of transsexuality, highlighting the importance of recognizing the psychological suffering associated with gender dysphoria, exemplified by the case of Lara, a trans character in the film “Girl” (2018). The article argues that gender identity is not intrinsically linked to the body, being influenced by social constructs that perpetuate stigmas and standardizations. Therefore, psychoanalysis has the role of challenging these norms, helping individuals express their identities in an authentic and spontaneous way, connecting with the core of their true Self.

Key words: Transsexuality; Body; Psychoanalysis.

RESUMEN

El cuerpo es un espacio de interacción y expresión de la psique, como sugiere Winnicott. Destaca la importancia de la integración entre cuerpo y mente para el sano desarrollo del sujeto, enfatizando que un entorno adecuado facilita la personalización y adaptación a la realidad. Esta relación continua entre cuerpo y psique es fundamental para la maduración emocional y la construcción de la identidad. El texto analiza la escucha analítica en el contexto de la transexualidad, destacando la importancia de reconocer el sufrimiento psicológico asociado a la disforia de género, exemplificado por el caso de Lara, personaje trans de la película “Niña” (2018). El artículo sostiene que la identidad de género no está intrínsecamente ligada al cuerpo, siendo influenciada por construcciones sociales que perpetúan estigmas y normas. Por tanto, el psicoanálisis tiene el papel de desafiar estas normas, ayudando a los sujetos a expresar sus identidades de forma auténtica y espontánea, conectando con el núcleo del verdadero Yo.

Palabras clave: Transexualidad; Cuerpo; Psicoanálisis.

Introdução

“A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa”.

Eduardo Galeano

Corpo, nossa estrutura mais antiga e mais enigmática não cessa de nos surpreender em suas manifestações. O corpo denuncia e desnuda o lugar do real, se impõe enquanto uma realidade palpável, viva e permeável a outros seres. Que corpo é este, que presentificado na realidade é muito mais que nossas sensações fisiológicas? Como diz Galeano, o corpo sim pode ser uma festa, pode se mover e se manifestar de forma sensível, espontâneo em seus gestos, posturas e estabelecer relações onde afeta e é afetado pelo mundo de forma criativa. Um mesmo corpo que pode perder a esperança e também dói, sangra, sofre e é atravessado pela culpa em seu desejo, pela ausência de sensações, por não se sentir em casa e pelo vazio, descrição que cada vez mais se registra em nossos consultórios. Como o próprio Winnicott (1998) nos aponta, a maior solidão é a da ausência de si, nos convidando a refletir sobre a importância de contactar o que há de verdadeiro no sujeito, considerando corpo e mente, a fim de possibilitar um alcance maturacional satisfatório em seu desenvolvimento, escutando-o de maneira ampla e integrada.

Para o autor, corpo e soma não são sinônimos. O ser humano nasce em um soma, porém o corpo só acontece na interação com seu ambiente. Em outras palavras, o soma é o corpo vivo que vai sendo personificado, habitado por uma psique.

Teremos, pois, pensar o desenvolvimento do indivíduo, pensando do início. Eis aqui um corpo, sendo que a psique e o soma não devem ser distinguidos um do outro, exceto quanto à direção desde a qual estivermos olhando. É possível olhar para o desenvolvimento do corpo ou da mente. Suponho que a palavra psique, aqui, significa elaboração imaginária (imaginative) dos

elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física. Sabemos que essa elaboração imaginativa depende da existência de um cérebro saudável em funcionamento, especialmente de certas partes do mesmo. A psique, entretanto, não é sentida pelo indivíduo como localizando-se no cérebro, ou em outra parte qualquer (WINNICOTT, 1949, p. 334).

Assim, o autor é contrário à ideia de separação entre corpo e mente, apontando a psique como uma organização que surge a partir da elaboração imaginativa das funções corporais. Entretanto, Winnicott não considerava Self e corpo como naturalmente sobrepostos. Tal sobreposição ocorre com um desenvolvimento saudável, a partir do qual as fronteiras da mente passam a coincidir com os limites da pele. Para o autor, tão importante quanto a integração, é o desenvolvimento da sensação de estar dentro do próprio corpo, que estaria relacionada com a personalização satisfatória (WINNICOTT, 1945/ 1978a). Esta percepção enquanto um esboço do eu se dá em torno dos 4/5 meses onde um ego corporal no caminho saudável do amadurecimento se instala.

Assim como o postulado de Freud, o Ego é antes de tudo um Ego corporal. Freud estrutura sua metapsicologia ao transformar os dizeres do corpo em palavras, possibilitando o entendimento de que o ego-corporal necessita de holding para o Self se estruturar. Portanto, o referencial freudiano introduz a importância do corpo para acessarmos o sujeito de maneira mais ampla, como Frochtengarten (2006) aponta “Caso contrário, caso a metapsicologia não fosse esta propulsão à criação, caso ela fosse um sistema bem acabado de lógicas irrefutáveis, estaríamos em nosso dia-a-dia na clínica a reproduzir, vezes e vezes, uma técnica extraída de uma teoria e... só!” (p. 170). Cabe lembrar que para Winnicott (1990) nosso corpo não é vivido como próprio em seu princípio, aludindo à citação de que o bebê não existe: o que temos é uma extensão (do corpo) da mãe.

Corpo e desenvolvimento

A teoria do amadurecimento pessoal é considerada a espinha dorsal do trabalho de Winnicott. Para o autor, todo ser humano é munido de uma tendência inata ao amadurecimento que, na presença de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons, permite que o indivíduo se integre em um ser unitário e caminhe rumo à independência (DIAS, 2003).

Winnicott (1945/ 1978a) expõe três processos presentes no Desenvolvimento Emocional Inicial, que permitirão a construção de um si mesmo como identidade: 1- Integração;

2- Personalização e 3- Adaptação à Realidade. Para o avanço satisfatório de cada uma dessas etapas, são necessários cuidados específicos:

à integração no espaço e no tempo corresponde o segurar ou sustentar (holding); o alojamento da psique no corpo é facilitado pelo manejo (handling), que é um aspecto mais específico do segurar, relativo aos cuidados físicos; o contato com os objetos é propiciado pela apresentação de objeto (object-presenting) (DIAS, 2003, p. 161).

Para o psicanalista inglês, o ambiente facilitador acontece quando a mãe suficientemente boa (ou o cuidador suficientemente bom), em estado de identificação com o bebê, consegue adaptar-se e satisfazer suas necessidades, sem falhas ou frustrações maiores do que ele pode tolerar naquele momento (WINNICOTT, 1949/1978b). Nesta condição o bebê pode experimentar sua criatividade originária e, através do gesto espontâneo, sentir que criou o mundo, encontrando aquilo que necessita (DIAS, 2003). Por outro lado, o ambiente insuficientemente bom aconteceria quando não há uma adaptação ao bebê, fazendo-o reagir e perturbando sua continuidade de seguir vivendo. Assim, o desenvolvimento inicial satisfatório implica em um “continuar a ser”, isto é, o psicossoma segue por uma linha de desenvolvimento, desde que continue a não ser perturbado (WINNICOTT, 1949/1978b).

A continuidade do ser significa, antes de tudo, saúde. Neste estado, o bebê é capaz de existir de forma contínua, sem interrupções significativas. Winnicott (1990) utiliza a analogia de uma bolha para ilustrar esse conceito: quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo, ou seja, "sendo". Por outro lado, se houver uma diferença significativa de pressão, a bolha reage à intrusão, interrompendo temporariamente seu estado de ser. Assim, a continuidade do ser implica em uma harmonia entre o indivíduo e seu ambiente, permitindo uma existência contínua e saudável, onde as fronteiras corporais se tornam também as fronteiras da psique.

Winnicott destaca que os processos começados no desenvolvimento inicial nunca estão completamente concluídos. Esses processos continuam ocorrendo incessantemente, consolidando posições que podem ser perdidas e recuperadas (WINNICOTT, 1948/2005). Desta maneira, pode-se pensar sobre os movimentos de maior ou menor concomitância entre corpo e mente, assim como a eventuais descontinuidades do ser em diferentes contextos e momentos da vida.

Portanto, pode-se compreender que para Winnicott o ser humano não nasce com uma psique, o corpo como primeira morada se dá pelos braços da figura de cuidado

(experiências de handling e holding) surgindo gradualmente um psico-soma. Através destas experiências corpóreas a psique transfigura o soma pela elaboração imaginativa, reunindo assim as memórias destas experiências. De acordo com Dias (2003, p.103):

À medida que o amadurecimento prossegue, estas vão se tornando cada vez mais sofisticadas, e a psique, gradualmente, vai interligando ‘as experiências passadas, as potencialidade, a consciência do momento presente e as expectativas do futuro’ (WINNICOTT 1988, p. 37). É esta operação que fornece sentido ao sentimento de si mesmo, e justifica ‘a nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo’ (WINNICOTT 1988, p. 46).

Logo, a estruturação do Self se baseia nas operações do processo maturacional via sustentação do ambiente, sendo que “O Self encontra a si mesmo naturalmente colocado no corpo, mas pode em certas circunstâncias tornar-se dissociado do corpo, e o corpo do Self.” (SAFRA, 1999, sem p.). O autor enfatiza que o Self se desenvolve pela soma de identificações realizadas pela criança com seus cuidadores, se organizando em uma realidade psíquica viva.

Corpo, sexualidade e gênero

Assim como o desenvolvimento do Self, a sexualidade nasce através das interações realizadas entre a criança e seu meio, sendo o corpo uma noção física e não-física, culminando na questão de Frochtengarten (2006) “Se há prazer no corpo e simultaneamente idéias, trabalho de fantasia, na fantasia, elaboração imaginativa, já não estaríamos na vigência do registro sexual?” (p. 178). Portanto, a dimensão da sexualidade engloba a potencialidade criativa e interativa do ser.

Em nosso desenvolvimento maturacional somos sustentados por sujeitos dotados de sexualidade e erotismo. Sendo assim, como nossos processos identificatórios se dão a partir desse enlace? A autora nos traz pontuações iniciais, fundamentais para o tema:

Aqui temos, no estudo nada simples da sexualidade humana, uma turbulência tipicamente winniciotiana, uma dificuldade no cerne de seu pensamento sobre a sexualidade infantil. Dificuldade gerada, em parte pelo menos, pelo fato de que ele precisou artificialmente, como ele próprio reconhece, isolar o pulsional ou minimizar seu efeito traumatizante para poder ressaltar a importância das necessidades psíquicas. (FROCHTENGARTEN, 2006, p. 179).

Apesar das colocações da autora, temos em *O brincar e a realidade* de Winnicott (2019) um capítulo dedicado aos elementos masculinos e femininos que estão cindidos nos sujeitos, independentemente de seu sexo. Podemos ou não ter contato direto com esse lado

cindido, que faz parte de nossa constituição psíquica, relacionando-se com a ideia da bissexualidade. Para exemplificar tal proposição o autor descreve um caso clínico:

Um homem de meia idade, casado e com filhos, chega ao seu consultório após ter experienciado anos de análise com diversos terapeutas. Dizia sentir que algo o impedia de largar a análise em sua vida; aspecto revelado durante o processo de análise com Winnicott relacionado ao seu lado feminino. Ao mencionar na sessão sobre a inveja do pênis, o analista afirma para o paciente que ele estava escutando uma menina, mesmo sabendo que o paciente era homem - e destaca que ouvir o lado feminino em alguém do sexo masculino não necessariamente remete à homossexualidade. O paciente recebe bem a interpretação e menciona que se tivesse falado para alguém sobre essa menina, ele seria visto como louco. Winnicott o acolhe e afirma que o louco ali é ele, pois ele é quem vê a menina, produzindo o efeito do paciente se sentir são em um ambiente louco, tendo finalmente os seus dois lados escutados: o masculino e o feminino. Ao explorar o caso, o analista descobre que a mãe desse homem o cuidava como uma menina, passando a organizar suas defesas com base no desejo da mãe. Na sessão seguinte o paciente volta gripado e Winnicott pontua sobre esse adoecimento ser um protesto do Self feminino que invejava seu lado masculino, concluindo que o único fim para a análise dessa menina seria a descoberta de que esse homem é menina, sendo algo impossível. Diante de tal interpretação o paciente não sente mais que sua análise seria interminável.

O autor traz o caso em questão para refletir sobre o mecanismo da dissociação e também sobre a bissexualidade, nos servindo aqui para pensar questões de gênero, afinal “[...] o paciente sentia que tinha um relacionamento comigo e esse sentimento era extremamente vívido, pois tinha a ver com a identidade” (Winnicott, 2019, p. 100). Sendo assim, a noção de identidade ligada ao feminino se relaciona com o seio e a mãe suficientemente e insuficientemente boa. Já os elementos masculinos são ligados ao impulso relativo aos objetos (Ibid., p. 112). Logo, tais categorias são a base necessária para o sentimento de Self.

O senso de identidade é conquistado ao longo do tempo, de acordo com o processo maturacional da criança. Este senso comporta o sentimento vital de si mesmo, relacionando-se com a sensação de segurança pessoal e, quando questionado ou não aceito, traz sensação de ameaça ou descontinuidade para o ser. Desse modo, o sujeito encontra a si quando encontra o objeto que satisfaz suas necessidades: aspectos observados na descrição do caso supracitado, no qual o paciente não sente mais que sua análise seria interminável, afinal pôde ser escutado em sua integralidade. A comunicação verdadeira entre paciente e analista sugere a escuta de

seu verdadeiro Self através da disponibilidade afetiva do terapeuta, interesse genuíno, capacidade de amar e de integrar aspectos cindidos, promovendo amadurecimento e senso de realidade. Além disso, o caso nos aponta que as diferenças constituintes existentes entre os sujeitos não se resumem às distinções anatômicas, mas englobam os manejos realizados nos cuidados e os desejos das figuras parentais desde os primórdios.

Corpo e transidentidade

Ao passo que sexualidade diz respeito aos padrões de atração sexual, desejo e relacionamentos, o gênero se refere aos papéis, comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres, tendo como referência um modelo binário. Dentre as identidades de gênero, cisgênero é um termo usado para descrever pessoas cuja identidade corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento, enquanto transgênero é um termo que descreve pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído ao nascer (DE JESUS, 2012). Além destes termos, outros são utilizados para descrever as diferentes expressões de identidades não cis, como gênero fluído e não binário.

Butler (2003), traz a ideia de que o gênero não é uma essência fixa, mas sim uma performance socialmente construída por uma série de ações repetidas que criam a ilusão de uma identidade coerente. A autora questiona a noção de que o gênero é algo inato ou biologicamente determinado, argumentando que ele é formado por normas culturais e sociais. Além disso, ela destaca a importância da subversão dessas normas, defendendo a ideia de que a liberdade de gênero só pode ser alcançada através da desconstrução das categorias tradicionais de masculinidade e feminilidade.

Diante das normas de gênero e sexualidade hegemônicas presentes na sociedade, pessoas que não se enquadram em tais padrões são expostas à exclusão, marginalização e violências em diferentes contextos, desde o âmbito familiar até ambientes educacionais, institucionais e de saúde (ZERBINATI e BRUNS, 2019). Ainda segundo os autores, a chamada transfobia se manifesta em diferentes formas de agressões verbais, psicológicas e físicas, chegando a taxas alarmantes de episódios letais. Este sofrimento que vem de fora gera também um sofrimento interno, levando grande parte da população que não se enquadra na cis-heteronormatividade a renunciar de sua identidade e potencial criativo referentes ao sexo e ao gênero, buscando se enquadrar dentro das possibilidades vigentes (ZERBINATI e BRUNS, 2023).

Assim, no contexto da transgeneridez, a relação entre o corpo e a identidade de gênero pode ser complexa e trazer sofrimentos. Indivíduos não cis podem experimentar uma desconexão entre o corpo biológico e a identidade de gênero vivida, o que pode gerar conflitos internos e externos. Traçando um paralelo com Winnicott, nos questionamos se esses conflitos poderiam ser compreendidos como uma ruptura na integração entre as experiências corporais e a identidade do Self.

Antes de prosseguirmos, é importante salientar que o objetivo desta análise não é patologizar ou generalizar as experiências de gênero. As identidades trans não necessariamente estão associadas ao sofrimento psíquico ou físico, sendo que as vivências e possíveis confrontamentos são subjetivos e individuais. Aqui, tentamos traçar uma análise experimental, arriscando um diálogo com a psicanálise winniciotiana, tema que nos parece pouco explorado até o momento. Para tanto, utilizamos um filme para ilustrar algumas vivências relacionadas ao assunto em questão, mas uma vez com a ressalva de se tratar de um recorte de tal realidade.

Filme girl (2018)

"Girl" é um filme belga de 2018 dirigido por Lukas Dhont, que narra a história de Lara, uma adolescente transgênero de 15 anos que sonha em se tornar uma bailarina profissional. O filme retrata os desafios enfrentados pela jovem, enquanto ela passa por sua transição de gênero e luta contra as pressões sociais e emocionais. Ao mesmo tempo em que aprende a desenvolver a dança, aprende a acompanhar mais de perto as mudanças e expectativas de seu corpo-psíquico.

Lara reside com o pai, figura atenciosa e presente, e o irmão de 6 anos, com quem por vezes parece desempenhar o papel de mãe. Paralelamente aos desafios relacionados ao mundo da dança e da adolescência, ela enfrenta conflitos internos relacionados à sua identidade de gênero, bem como dificuldades externas, incluindo a incompreensão e a discriminação de seus colegas e da comunidade em geral. Embora o pai mostre-se presente e dê apoio aos processos de transição, Lara tem grande dificuldade em expor seus sentimentos e conflitos, mantendo uma postura tímida e educada, sempre afirmado estar bem. Repetidamente o pai busca estabelecer um cuidado, chegando a ofertar o holding físico quando necessário. Apesar das poucas palavras, através de imagens do corpo e expressões faciais, o filme destaca o

sofrimento e a agonia crescente da garota, que, além dos tratamentos médicos, chega a tomar medidas perigosas para modificar o corpo.

As vivências no ballet, mundo associado ao feminino, porém marcado por grande pressão de perfeição e estética, podem ilustrar conflitos da jovem. Se por um lado, neste local Lara pode se inserir em um grupo de meninas e expressar sua feminilidade, por outro lida com sofrimentos, diferenciação e enfrenta dificuldades em tal inserção.

Na escola de dança, a adolescente recebe treinamentos particulares de uma professora, que traz diálogos cheios de simbologia. Logo no início, ao treinar as pontas dos pés (que Lara provavelmente não havia praticado anteriormente tanto quanto as outras garotas, por ter iniciado no mundo da dança enquanto menino), a professora afirma: “Tem coisas que não dá pra mudar, não dá para arrancar um pedaço do seu pé”, trazendo uma alusão ao desejo de mudança corporal da jovem e os limites (ou não) de tal transformação.

Em outro momento, a treinadora a incentiva a se soltar: “dance, mexa-se com vida”. Pode-se pensar em um estímulo ao viver criativo, conceito de Winnicott sobre uma forma de experienciar o próprio corpo e a vida de forma autônoma e única, afinal é impossível elaborar nossas experiências sem o corpo, da mesma forma em que muitas vezes as memórias só são acessíveis através deste.

Já em diálogo com o pai, o mesmo traz a ideia do amadurecimento, integração e desenvolvimento da personalidade: “Você quer ser uma mulher imediatamente? (...) acha que eu era um homem assim quando nasci?”. A fala remete também ao postulado por Simone de Beauvoir – “Não se nasce mulher: torna-se”, referida por Buttler (2003) como a ideia de desenvolvimento cultural do gênero, concluindo que se tornar mulher não tem necessariamente relação com ser biologicamente fêmea. Além disso, o excesso de autocobrança de Lara para tornar-se logo uma mulher remete a ideia de que a exigência de uma imposição maturacional na realidade inibe o desenvolvimento criativo do ser, interferindo em seu próprio processo maturacional. Nesse sentido, acompanhamos Lara imersa em espelhos de angústia e frustração sobre o tempo e o corpo que habita.

O longa traz em evidência o corpo, mostrando suas potências e fragilidades. Em diferentes momentos, o corpo de Lara é exposto, visto e tocado, tanto de forma violenta (quando outras bailarinas exigem vê-la nua), como por um cuidado pelos médicos que a acompanham. Winnicott, ao reiterar sobre a importância da corporeidade no desenvolvimento, aponta para a necessidade de sermos vistos nus, tanto quando bebês, quanto como crianças ou adultos,

afirmando que algumas pessoas dependem do médico para serem vistas. Enquanto médico e psicanalista, o autor considera importante poder examinar a criança tanto física como mentalmente, afirmando que “para algumas crianças é realmente importante que uma pessoa veja o corpo e a psicologia como uma coisa só” (WINNICOTT, 1948/2005, p. 46-47). Mais uma vez, pode-se pensar no paralelo que Winnicott traz sobre a sobreposição entre psique e corpo, o que não é inato, sendo necessário um desenvolvimento para que ocupem o mesmo espaço, isto é, corpo e mente passem a habitar as mesmas fronteiras.

O filme ilustra uma luta da jovem na busca de si mesma. Retomando o incentivo simbólico da treinadora “mexa-se com vida”, pode-se entender a jornada como uma busca pela continuidade do ser e a expressão do verdadeiro self, que só são possíveis através da criatividade. Apesar disso, em muitos momentos Lara se apresenta de forma apática ou contida, não demonstrando grandes emoções. Ao mirar-se cirurgicamente no espelho, aguardando a cirurgia de redesignação sexual, a personagem demonstra lidar com seu corpo de forma proibida e expõe sentimentos de inadequação à imagem refletida. Logo, como um corpo que não pode experienciar sua integralidade pode viver a profundidade afetiva?

Winnicott (1975) conceitua criatividade em contraponto à submissão a uma realidade externa. Para ele, viver criativamente é o estado saudável e faz com que o indivíduo sinta que a vida é digna de ser vivida. Já a submissão, onde o mundo e seus pormenores colocam-se como algo a que ajustar-se ou adaptar-se, está relacionada a um sentido de inutilidade e não importância da vida, sendo considerada a base doentia para a vida. Assim, a criatividade está relacionada ao próprio desenvolvimento do self, conforme apontado por Dias (2003):

Intimamente relacionada à espontaneidade básica- oposta à reatividade-, a criatividade originária participa da constituição do que será o si-mesmo unitário, visto que “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (si mesmo)” (WINNICOTT, 1975, p.80).

Segundo Lobo (2017), a sexualidade é construída, mas de “dentro para fora”. Traçando um paralelo ao desenvolvimento descrito por Winnicott, no qual, a partir da criatividade primária, o bebê cria o mundo que encontra, o autor aponta que a sexualidade- seja ela qual for - também é criada e encontrada, sendo a conquista da sexualidade um reflexo da autonomia sobre si mesmo.

No mesmo sentido, para Bezerra (2023), a criatividade está intrinsecamente relacionada à esperança. Segundo a autora, ao sentir que criou a si mesmo, aos objetos e ao

mundo, experimentando a ilusão de onipotência, o bebê desenvolve a esperança, conceito não apenas relacionado ao futuro e realização de sonhos, mas à própria continuidade do ser. Esperança esta que, segundo Motta (2021, p. 21), “nos direciona para a confiança em encontrar o que se necessita, o que se busca”.

Quando tratamos da escuta analítica, temos Zerbinati e Bruns (2023) afirmando que “Adentrar no campo emocional é poder ouvir e reconhecer o sofrimento psíquico implícito na transexualidade” (p. 2), afinal Lara negava seu sofrimento, ao passo em que o atuava em seu corpo, seja ilustrado de forma metafórica no ballet, seja direcionando de maneira direta em seu órgão genital, o lesionando - aspecto caracterizado como disforia de gênero (DIG), no qual o sujeito expressa incômodo ou sofrimento perante a discrepância entre sua identidade de gênero e o sexo que lhe foi atribuído no nascimento.

Os autores endossam a discussão de que a identidade não está inscrita em alguma parte dos corpos, sendo tal crença sustentada pelas tecnologias que produzem subjetividades e engessam as reflexões sobre o tema. Em suas palavras temos que “Nesse sentido, o gênero, tal como foi construído historicamente, traz elementos de uma postura identitária imaginária, organizada a partir da fantasia de uma essência masculina ou feminina” (p. 3). Ou seja, nosso corpo pode mais do que o define e, além de tudo, é papel da psicanálise combater discursos normatizadores que produzem sofrimento, auxiliando o sujeito em seu percurso singular de tornar-se si mesmo.

Conclusão

Voltemos à questão inicial: o que pode o corpo?

Para responder ao questionamento, pode-se refletir sobre o que é ou não permitido ao corpo, especialmente no que tange às questões de sexualidade e gênero, tema que não é novo, mas se destaca nos tempos atuais, seja nas diferentes mídias, redes sociais ou em nossas clínicas. Neste sentido, nos deparamos com grandes dificuldades, pressões sociais e violências, culminando em tentativas de adaptação às demandas externas, o que pode ser visto como submissão à realidade, forma não saudável de viver.

Por outro lado, pode-se interpretar o que pode um corpo na direção do “poder” como potência de sua estrutura e identidade. Desta forma, as diferentes expressões da sexualidade e gênero podem se configurar como uma luta pelo direito à expressão da criatividade e da identidade pessoal. Afinal, se o soma é o corpo vivo que se personifica na

temporalidade, habitado por uma psique, sua dimensão pulsional se dá através das experiências de vivacidade que o sustenta e transforma. Logo, as fronteiras corporais se estabelecem como fronteiras psíquicas, nos convidando a refletir sobre a territorialidade do corpo.

Diante da complexa tarefa de tornar-se si mesmo via estruturação de um verdadeiro Self, nos deparamos que em contextos de transgeneridez a relação entre corpo e identidade de gênero pode ser demarcada pela disforia, como no caso de Lara, ilustrado no filme *Girl*. Assim, podemos pensar nos atos, por vezes arriscados, da jovem Lara como um grito desesperado em busca da esperança. A ficção ilustra o sofrimento real de tantas crianças, jovens e adultos, sendo nosso objetivo repensar interpretações conservadoras e patologizantes, buscando não apenas uma compreensão, mas uma psicanálise inclusiva que, ao ouvir e reconhecer, possa favorecer os diferentes corpos a desenvolverem suas potências criativas.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, M. Criatividade e esperança na clínica psicanalítica: Ideias a partir de Melanie Klein e Donald Winnicott. Diss. Universidade de São Paulo, 2023.
- BUTLER, J. Problemas de gênero - feminismo e subversão de identidade (1990). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DA MOTTA, Ivonise Fernandes; DA SILVA, Cláudia Yaísa G. Esperança e Fases da Vida. Ideias e Letras, 2021.
- DIAS, E. O. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DE JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, p. 42, 2012.
- DOHNOT, L. (Dir.) (2018). *Girl* (Drama). Bélgica , 2018.
- FROCHTENGARTEN, Janete. Assinalando tempos, contornando espaços: sexualidade e metapsicologia em Winnicott. *Psyche (Sao Paulo)*, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 169-182, jun. 2006.
- JUNIOR, C. A. P. Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 8, n. 4, p. 927-958, 2008.
- LOBO, Reinaldo. Qual o seu sexo?. *Ide*, v. 39, n. 63, p. 125-134, 2017.
- SAFRA, G. A face estética do self. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.



SAFRA, Gilberto. A clínica em Winnicott. *Nat. hum.*, São Paulo , v. 1, n. 1, p. 91-101, jun. 1999.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise* (pp. 269-286). Rio de Janeiro: F. Alves. (1978a. Originalmente publicado em 1945).

WINNICOTT, D. W. A mente e sua relação com o psique-soma. In *Da pediatria à psicanálise* (pp.409-426). Rio de Janeiro: F. Alves. (1978b. Originalmente publicado em 1945).

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso. In D. Winnicott. In *Explorações psicanalíticas* (2^a ed., pp. 70-76). Porto Alegre: Artmed. (2005. Trabalho original publicado em 1974).

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar-só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 31-37. (1998. Originalmente publicado em 1958)

WINNICOTT, D. W. *A Criatividade e Suas Origens*. In *O Brincar e a Realidade*. UBU Editora , 2019.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. *Revista Periódicus*, v. 2, n. 11, p. 195-216, 2019.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. de T. Desenvolvimento emocional na transexualidade: da ruptura patologizante ao matiz da criação e verdade subjetiva. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 25, n. 1, Winnicott, pp.1-31, jan.- dez, 2023.



INFÂNCIA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES, DE CLARICE LISPECTOR

Jenifer Ianof de La Fuente

CHILDHOOD AND THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN AN APPRENTICESHIP OR THE BOOK OF PLEASURES, BY CLARICE LISPECTOR

LA INFANCIA Y LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO EN UN APRENDIZAJE O EL LIBRO DEL PLACER, POR CLARICE LISPECTOR

RESUMO

Este artigo propõe, mediante um diálogo entre psicanálise e literatura, um olhar sobre a infância e a constituição do sujeito no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, escrito por Clarice Lispector e publicado em 1969, com base nos pressupostos teóricos de Lacan, Sauret, Erica Burman e Ilana Katz.

Palavras-chave: Lispector; Uma aprendizagem; infância; constituição; Lacan.

ABSTRACT

This article proposes, through a dialogue between psychoanalysis and literature, a look at childhood and the constitution of the subject in the novel *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, written by Clarice Lispector and published in 1969, based on the theoretical assumptions of Lacan, Sauret, Erica Burman and Ilana Katz.

Key words: Lispector; An apprenticeship; childhood; constitution; Lacan.

RESUMEN

Este artículo propone, a través de un diálogo entre psicoanálisis y literatura, una mirada a la infancia y la constitución del sujeto en la novela *Uma Aprendiz ou O Livro dos Pleasures*, escrita por Clarice Lispector y publicada en 1969, a partir de los presupuestos teóricos de Lacan, Sauret, Erica Burman e Ilana Katz.

Palabras clave: Lispector; Un aprendizaje; infancia; constitución; Lacan.

Este ensaio propõe, mediante um diálogo entre psicanálise e literatura, um olhar sobre a infância e a constituição do sujeito no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, escrito por Clarice Lispector e publicado em 1969. A psicanálise estabeleceu desde

cedo relações estreitas com a literatura, uma vez que ambas se inscrevem culturalmente e lidam com a experiência humana veiculada pela linguagem, que constitui a dimensão simbólica.

Na obra *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Loreley, ou Lóri, como é chamada, é uma professora primária que procura passar a vida sem dor (“A vida inteira tomara cuidado em não ser grande dentro de si para não ter dor.” (LISPECTOR, 2017, p. 56) e, ao evitar esse sentimento, renuncia a vínculos afetivos (“Então fechei-me numa individualização” (ibid., 130) e é consumida por uma angústia existencial (“Só com Ulisses viera aprender que não se podia cortar a dor — senão se sofreria o tempo todo” (ibid., p. 40). Ao conhecer Ulisses, um professor de filosofia que lhe coloca como condição para a realização amorosa o conhecimento de si própria e o fim de seu autoanestesiamento, a protagonista clariceana passa a empreender um percurso de aprendizagem que a levará a repensar sua relação consigo mesma e com o mundo, ao mesmo tempo que a aproximará de um feminino mais livre, em consonância com seu corpo.

Somente o lugar de falta a que Ulisses a conduz a faz deixar de tamponar a angústia que lhe acompanha. Dessa forma, pode-se pensar a peregrinação amorosa das personagens Lóri e Ulisses como uma metáfora da constituição do sujeito faltante, uma vez que é a falta que move o sujeito em direção à realização do seu desejo (LACAN, 1964). Ainda segundo Lacan, o sujeito se constitui no campo do Outro, imerso da linguagem e efeitos de operações da alienação e separação: “Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer (ibid., pp.193-194).

Além da alteridade, outros fatores contribuem para a jornada de Lóri. É importante lembrar que a publicação do romance se insere em um contexto de contracultura, manifestações revolucionárias e feministas, que já se haviam iniciado anos antes na Europa e que repercutiram no Brasil. Além disso, no ano em que o livro foi lançado, o Brasil passava por um dos momentos mais delicados da ditadura militar: em 1968, foi instituído o Ato Institucional Número Cinco (AI-5), considerado o instrumento jurídico mais violento do regime militar. Assim, *Uma aprendizagem* é um livro libertário, que clama não só pela liberdade feminina, mas também de toda uma sociedade que tinha seus direitos cerceados.

Portanto, para entender o percurso ontológico pelo qual passa Lóri, faz-se necessário considerar o momento histórico em que ela está inserida, além de outras determinações exteriores, como sua classe social e seu gênero.

Da mesma forma, embora não tenhamos muitas informações sobre a infância da protagonista, sabemos que os marcadores culturais e sociais a atravessaram. Conforme argumenta Burman (2019), deve-se ter em consideração as singularidades e as condições culturais, materiais e sociais de cada criança. A autora, além de criticar uma visão tradicional que tende a ver as crianças como seres passivos e incompletos que precisam ser moldados pelos adultos, discorreu sobre os riscos de interpretar de forma unidirecional o sentimento de infância. Nas palavras de Ilana Katz: “Nesta perspectiva, ‘criança’ é o significante que conjuga os termos do desenvolvimento, as possibilidades do corpo e as determinações da época. Comporta, também, as diferenças de cultura e os efeitos da divisão de classes e de marcadores como raça, gênero e deficiência no interior de uma mesma cultura” (KATZ, p. 3).

Propomo-nos, pois, na esteira de Burman e Lacan, a observar como se dá a constituição como sujeito de Lóri no intervalo do romance e como sua infância – entendida como uma construção que deve considerar aspectos sociais, culturais e de gênero etc. – e sua família podem ter deixado marcas na constituição da personagem.

Lóri provém de uma família rica que, depois da morte da mãe, perde um terço da fortuna. Depois disso, ela se muda de Campos, no interior, onde morava com os quatro irmãos e o pai, para o Rio de Janeiro, com o intuito de morar sozinha e distanciar-se dos familiares, como fica claro em um dos seus diálogos com Ulisses:

Não sei o que você quer dizer, mas se é sobre minha família, tenho só pai e quatro irmãos. Não me dou com eles. Tentaram me marcar mas sempre foram gente de segundo plano na minha vida, e ainda mais em segundo plano ficaram quando perderam grande parte da fortuna e quase que a maioria dos criados. Aproveitei da confusão e vim para o Rio. [...]

— E quem era de primeiro plano na sua vida?

— Ninguém.

Lóri minimiza a importância e a influência de sua família, talvez em uma tentativa de negação. No entanto, algo nos fica claro: a moça buscou o isolamento, não apenas de sua família, mas também na relação com os demais, pois ninguém era prioridade em sua vida. Seu medo de se machucar era tão grande que ela não dava abertura para relacionamentos mais íntimos: “O que acontecia na verdade com Lóri é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam — ela havia por medo cortado a dor” (ibid., p. 43).

Essa “decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam” parece corresponder a uma atitude inconsciente, cujas razões Lóri desconhece, resultado de múltiplas experiências que a constituem.

Pouco sabemos sobre a infância de Lóri, porém o romance nos dá algumas pistas sobre essa época e sobre sua relação familiar. Imaginamos que a perda da mãe tenha causado-lhe grande impacto, assim como a relação com o pai e os irmãos — notamos que ser mulher entre tantos homens também é um fator a considerar, bem como sua classe social. Inferimos que todos esses acontecimentos tenham deixado marcas em Lóri de alguma maneira, afinal, segundo Lacan, em *Duas notas sobre a criança*, o sujeito só pode ser pensado a partir da função paterna e materna: “o sintoma da criança se situa de forma a corresponder ao que há de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 1969/1998).

De acordo com o psicanalista, ainda, a família é um lugar de transmissão do gozo — o que ajudaria a pensar o gozo que atravessa Lóri — em virtude de sua tentativa de não sentir dor — e perpassa todo o romance. Como mencionamos brevemente, será o amor por Ulisses que possibilitará o encontro com seu desejo, uma vez que, conforme Lacan: “Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1998).

Se a família tem inegável impacto na formação do eu, ela não pode ser considerada a única responsável, nem a culpada — muitas vezes, uma visão comum trazida pela psicanálise. Assim, sob um viés psicanalista, seria muito comum buscar nos pais a culpa por Lóri haver se fechado ao mundo. No entanto, sabemos também que a intensidade das experiências familiares pode assumir maiores ou menores proporções. No entanto, entendemos aqui, assim como Sauret, que as crianças têm um papel ativo nas situações de que participam, respondendo ao lugar que lhes é designado, aceitando ou recusando, porém sempre transformando-o: “trata-se de uma resposta do real ao significante — quer ela seja feita de aceitação ou de recusa, o sujeito surge como consequência, levando a marca dessa recusa ou dessa aceitação” (SAURET, 1998, p. 16).

No fragmento de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* a seguir, observamos uma menção importante sobre a infância de Lóri:

Lóri só tinha um medo: de que Ulisses, o grande Ulisses cuja cabeça ela segurava, a decepcionasse. Como seu pai que a sobrecregara de contraditórios: ele a transformara ela, sua filha, em sua protetora. E ela, na infância, não pudera olhar sequer para o pai quando este tinha uma alegria, porque ele, o forte, o sábio, nas alegrias ficava inteiramente inocente e tão desarmado. Oh Deus, o pai se esquecia por uns momentos que era mortal. E

obrigava ela, uma menina, a arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam. Nesses instantes em que ele esquecia que ia morrer, ele a transformava menina em Pietà, a mãe dos homens. (LISPECTOR, p. 130)

Lorelei, quando criança, não suportava ver o pai desarmado, vulnerável como ele ficava em seus momentos de alegria. Ela atua nessa situação e faz sua própria interpretação do que ocorria. Notamos também a atribuição (seria do narrador ou da própria Lóri) de certa culpa ao pai, que a teria designado como sua protetora, papel que deveria corresponder ao progenitor, e não à filha: “seu pai que a sobrecregara de contraditórios”; “obrigava ela, uma menina a arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam”; “transformava a menina em Pièta, a mãe dos homens”.

Pietà significa piedade, e é símbolo de devoção, de idealização. Pelo que nos conta o narrador, a relação de Lóri com o pai na infância pode ter influenciado em sua postura buscar afastar-se da dor — e, por consequência, da alegria também.

As marcas deixadas nas crianças não são instantâneas e elas provêm do Outro (“o puro e simples Outro equivale a toda a lei da constituição do sujeito (LACAN, 1964, p. 406), como já apontamos, no entanto, é a criança quem faz a leitura e a interpretação dessas marcas que recebe. Ainda segundo Sauret:

O sujeito não responde à psicologia do outro, de seu pai ou de sua mãe, embora exista uma tendência a considerar que determinado tipo de pai ou de mãe acarretaria ou levaria a tal tipo de sujeito. A psicologia toda está construída nessa ideia de tipologia, ou seja, “determinado tipo de pai + determinado tipo de mãe = a tal tipo de sujeito”. Bom, bastaria então tomarmos as coisas por esse lado para percebermos que todos os indivíduos que tivessem um determinado tipo de mãe, um determinado tipo de pai, seriam equivalentes entre si. (SAURET, p. 51)

Dessa forma, podemos afirmar que, além de a constituição do sujeito se dar na alteridade, ela ocorre por meio de esboços, recuos e redefinições. O sentido e o valor das marcas podem ser reinterpretados, porém, o sujeito necessita fazer sua relação com o tempo para estabelecer um sentido a essas marcas. Isso significa que não se pode forçar ou adiantar isso: “Para essa marca assumir um destino, ela precisará se encadear com outra marca, que é efeito de outras experiências e mais outra [...]” (KATZ, 2021).

O sentido atribuído a essas situações vividas é, pois, resultado do encadeamento e da concatenação com outras experiências, que por sua vez deixam outras marcas. É por isso

que, na idade adulta, após o encontro com Ulisses, Lóri pôde revisitar e modificar a significação das marcas que atravessaram sua infância.

Quando criança, Lóri interpretou as marcas deixadas pela relação com seu pai de determinada forma, foi ela quem atribuiu significado a elas. Segundo Sauret, “Não importa o que induza o pai ou a mãe, a resposta do sujeito é a resposta do sujeito” (1998, p. 92). Adulta, ela foi capaz de revê-las, e, se antes tinha medo da felicidade, ela aos poucos foi-se permitindo abrir a esse sentimento: “A primeira calidez fresca da primavera... mas aquilo era amor! A felicidade a deixava com um sorriso de filha” (LISPECTOR, 2017, p. 122, grifos meus). É notório que, ao experimentar a felicidade, ela adquiriu um sorriso de filha, o que sentia haver-lhe sido roubado antes.

Segundo Ilana Katz, “É necessário que o sujeito lide com o que acontece, que sua experiência seja subjetivada, que o sujeito se tense para construir o seu lugar no momento, e o modo como isso vai se dar é radicalmente singular” (KATZ, 2021). Lóri conseguiu fazê-lo depois de uma difícil jornada de autoconhecimento: “Que é que eu faço, e de noite estou viva. Estar viva está me matando aos poucos, e eu estou toda alerta no escuro” (LISPECTOR, 2017, p. 115); “— Que é que eu faço? Não estou aguentando viver. A vida é tão curta e eu não estou aguentando viver.” (ibid., p. 130), que a possibilitou aproximar-se de seu desejo. Assim, essas indagações e esse sentimento de perturbação a impulsionaram a indagar suas demandas e restituir seu desejo.

Cabe lembrar que o processo de constituição de Lóri não termina no fim da obra, como nos revela o final inconclusivo e suspenso por meio dos dois-pontos finais, pois nossa constituição ocorre durante toda a vida, como postula Lacan. Assim, Lóri não está formada nem livre de suas marcas no término do romance, porém, atravessada por seu entorno, contexto, cultura, gênero e trajetória pessoal, apresenta-se mais consciente de si mesma, adquire maior consciência de liberdade íntima e social e constrói, ao mesmo tempo, um novo feminino para si, ressignificando suas experiências e marcas do passado, bem como suas relações — familiares ou não.



REFERÊNCIAS

- BURMAN, Erica. *Fanon, Education, Action: child as method*. London: Routledge, 2019.
- KATZ, Ilana. As marcas da infância são indeléveis? Critique em um instante. Spotify, 2021.
- KATZ, Ilana. Infâncias contra hegemônicas para descolonizar a psicanálise. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/infancias-contra-hegemonicas-para-descolonizar-a-psicanalise>. Acesso em: 28 de abril de 2023.
- LACAN, Jacques. O sujeito e o outro (I): A alienação (1964a). In: _____. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 191- 204.
- LACAN, Jacques. *Seminário Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017a.
- SAURET, Marie-Jean. *O infantil e a estrutura*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.



SERIAL KILLERS: CRIATURAS ATROZES OU PESSOAS FERIDAS?

REPETIÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL DE ASSASSINOS EM SÉRIE À LUZ DA TEORIA DO TRAUMA

Ana Beatriz Sales¹

Guaíra Moreira Camilo de Melo Dutra²

SERIAL KILLERS: ATROCIOUS CREATURES OR WOUNDED PEOPLE? Origin and Repetition of Sexual Violence by Serial Killers in Light of Trauma Theory

ASESINOS EN SERIE: ¿CRIATURAS ATROCES O PERSONAS HERIDAS? Origen y repetición de la violencia sexual por parte de asesinos en serie a la luz de la teoría del trauma

RESUMO

Este trabalho explora a relação entre traumas infantis e comportamentos criminosos em série, fundamentando-se na teoria do trauma de Sándor Ferenczi. Busca-se investigar como abusos na infância influenciam tendências violentas e comportamentos sexuais desviantes. São analisados casos como os de Luis Garavito, "La Bestia", e Marcelo Costa de Andrade, o "Vampiro de Niterói", cujos históricos de abuso e negligência podem ter moldado suas trajetórias criminosas. O estudo interpreta a violência sexual praticada por esses indivíduos como uma repetição compulsiva de traumas não resolvidos, onde a vítima torna-se agressor em um esforço patológico para recuperar o controle perdido na infância. Adotando uma abordagem de estudo de caso, destaca-se a relevância de compreender fatores psíquicos subjacentes para prevenir tais crimes. No Brasil, a escassez de estudos nessa área reforça a urgência de políticas públicas e programas de apoio às vítimas de abuso infantil.

Palavras-chave: Teoria do Trauma; Serial Killers; Violência Sexual; Abuso Infantil.

ABSTRACT

This paper explores the relationship between childhood trauma and serial criminal behavior, based on Sándor Ferenczi's trauma theory. The aim is to investigate how childhood abuse

¹ Graduanda do Curso Superior em Psicologia pela UNIFACISA. psi.anabeatrizas@gmail.com.

² Professora Orientadora. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Pós Graduada em Criminologia e Psicologia Criminal, pelo Centro Universitário de João Pessoa, Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Docente do Curso de Psicologia da UNIFACISA. guaira.dutra@maisunifacisa.com.br

influences violent tendencies and deviant sexual behavior. Cases such as those of Luis Garavito, "La Bestia", and Marcelo Costa de Andrade, the "Vampire of Niterói", whose histories of abuse and neglect may have shaped their criminal trajectories, are analyzed. The study interprets the sexual violence practiced by these individuals as a compulsive repetition of unresolved traumas, where the victim becomes the aggressor in a pathological effort to regain the control lost in childhood. Adopting a case study approach, the study highlights the importance of understanding underlying psychological factors in order to prevent such crimes. In Brazil, the scarcity of studies in this area reinforces the urgency of public policies and programs to support victims of child abuse.

Key words: Trauma Theory; Serial Killers; Sexual Violence; Child Abuse.

RESUMEN

Este trabajo explora la relación entre el trauma infantil y la conducta criminal en serie, basándose en la teoría del trauma de Sándor Ferenczi. El objetivo es investigar cómo el abuso infantil influye en las tendencias violentas y el comportamiento sexual desviado. Se analizan casos como los de Luis Garavito, "La Bestia", y Marcelo Costa de Andrade, el "Vampiro de Niterói", cuyas historias de abuso y abandono pueden haber marcado sus trayectorias criminales. El estudio interpreta la violencia sexual cometida por estos individuos como una repetición compulsiva de traumas no resueltos, donde la víctima se convierte en agresor en un esfuerzo patológico por recuperar el control perdido en la infancia. Al adoptar un enfoque de estudio de caso, se destaca la relevancia de comprender los factores psíquicos subyacentes para prevenir tales delitos. En Brasil, la escasez de estudios en esta área refuerza la urgencia de políticas públicas y programas de apoyo a las víctimas de abuso infantil.

Palabras clave: Teoría del Trauma; Asesinos en serie; Violencia Sexual; Abuso infantil.

Introdução

Frequentemente caracterizados como "monstros" ou "criaturas atrozes", os *serial killers* são figuras centrais em representações midiáticas de ficção ou do gênero *True Crime* que tendem a enfatizar a brutalidade de seus crimes e a aparente desumanidade desses indivíduos. A cultura popular, por meio de filmes, séries e noticiários, amplifica essa percepção ao destacar o horror e a bizarrice de suas ações, perpetuando uma visão simplista que separa esses assassinos da condição humana e os coloca em uma categoria de maldade intrínseca.

Entretanto, uma análise mais profunda, fundamentada nas teorias psicológicas e psicanalíticas, revela que, por trás desses comportamentos violentos, há, muitas vezes, histórias complexas de abusos e traumas infantis. Esses elementos podem desempenhar um papel significativo na formação de padrões comportamentais violentos e repetitivos. A psicologia e a psicanálise, ao explorarem os fatores ambientais, emocionais e psíquicos que moldam essas

vidas, oferecem uma compreensão mais nuançada dos *serial killers*, considerando-os não apenas como perpetradores de atrocidades, mas também como resultado de experiências traumáticas profundamente enraizadas na psiquê.

Os assassinos sexuais em série são tipicamente definidos como indivíduos que cometem múltiplos assassinatos, geralmente com um intervalo de tempo entre os crimes, e cuja motivação está arraigada em fantasias sexuais. De acordo com os estudiosos Ressler, Burgess e Douglas (1988), que cunharam o termo "*serial killer*" no contexto do FBI, essas figuras não matam por ganho material ou vingança, mas sim para satisfazer desejos internos, muitas vezes distorcidos e violentos, relacionados à sexualidade. Esses crimes são frequentemente premeditados e envolvem elementos como tortura, estupro e mutilação, com o ato de matar servindo como a culminação de uma fantasia que foi alimentada ao longo do tempo.

O relatório divulgado em 1988, pelo Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos dos Estados Unidos (NCAVC), apresentou como principais características de um assassino em série, ter sofrido abusos físicos e sexuais na infância, ter pais infieis ou divorciados, envolvimento em relações incestuosas e ter experiências homossexuais³. A escritora e criminóloga Ilana Casoy (2022a), aponta que é comum que a explosão de violência do criminoso seja dirigida para o grupo que supostamente o oprimiu, ameaçou ou rejeitou.

A teoria do trauma, conforme desenvolvida pelo psicanalista Sándor Ferenczi, é particularmente elucidativa ao abordar a dinâmica entre abusos na infância e o desenvolvimento de comportamentos patológicos. Ferenczi (1933) introduziu o conceito de "confusão de línguas", no qual adultos impõem sua linguagem de paixão e agressão sobre a linguagem de ternura da criança, resultando em traumas que se manifestam na vida adulta como comportamentos disfuncionais e violentos.

Esta perspectiva sublinha a vulnerabilidade das crianças em face do abuso e como essas experiências podem ser internalizadas, conduzindo a uma repetição compulsiva do trauma (FERENZI, 1933). Diante do exposto, este estudo propõe-se a explorar a complexa relação

³ À época da publicação, a homossexualidade havia acabado de ser retirada do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM- III (1987) e ainda constava na Classificação Internacional de Doenças, por este motivo, ainda era considerada um fator desviante e de risco para muitos pesquisadores, argumento que não encontra respaldo científico atualmente.

entre trauma infantil e comportamentos de assassinos em série, com foco especial na violência sexual.

Examinar a conexão entre o abuso infantil e o desenvolvimento de comportamentos assassinos sexuais em série não apenas proporciona uma compreensão mais profunda da psique desses indivíduos, mas também serve como base para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção. Ao identificar fatores de risco e sinais precoces de trauma, torna-se possível intervir antes que esses indivíduos sigam um caminho de violência extrema. Ademais, compreender as raízes psicológicas e emocionais desses comportamentos pode corroborar com práticas que visem à reabilitação e reintegração dos agressores, em vez de se limitarem à punição, e também possibilita a criação de estratégias de prevenção de comportamentos violentos para vítimas de abuso infantil.

O presente estudo, portanto, investiga detalhadamente a relação entre o abuso infantil e o desenvolvimento de comportamentos assassinos sexuais em série, utilizando a teoria do trauma de Sándor Ferenczi como arcabouço teórico. Especificamente, pretende-se analisar como o abuso na infância influencia a formação de tendências violentas e comportamentos sexuais desviantes; explorar a aplicação da teoria de Ferenczi na compreensão dos processos psíquicos que moldam a personalidade de *serial killers*; examinar casos concretos, como os de Luis Garavito e Marcelo Costa de Andrade, à luz dessa abordagem teórica; e também descrever e interpretar os elementos simbólicos e inconscientes que emergem nas histórias de vida de Garavito e Andrade. Ao iluminar essas questões, espera-se contribuir para um entendimento mais amplo dos *serial killers*, reconhecendo-os não apenas como perpetradores de crimes hediondos, mas também como indivíduos profundamente feridos por suas experiências traumáticas.

Nesse contexto, o presente trabalho visa explorar a trajetória de vida de Luis Garavito, colombiano conhecido como “La Bestia”, e Marcelo Costa de Andrade, o “Vampiro de Niterói”, sob a lente da teoria do trauma, buscando identificar os mecanismos psicológicos que contribuíram para a formação de suas personalidades criminosas.

Ao investigar suas histórias de vida e os horrores que perpetraram, pretende-se fornecer uma compreensão mais profunda das raízes da violência extrema e das implicações psicanalíticas dessas tragédias humanas. Com base nesta análise, espera-se não apenas contribuir para o campo da criminologia e psicologia forense, mas também lançar luz sobre

possíveis estratégias de intervenção e prevenção que possam mitigar o surgimento de novos casos similares.

Este estudo se justifica pela relevância e gravidade dos crimes cometidos por esses indivíduos, e pela necessidade de compreender os fatores subjacentes que levam ao desenvolvimento de comportamentos tão violentos. Através de uma análise detalhada dos casos de Garavito e Andrade, e da aplicação da teoria do trauma, busca-se não apenas contextualizar suas ações dentro de uma perspectiva psicológica, mas também discutir as implicações éticas e sociais de tais estudos, questionando até que ponto é possível ou adequado empregar o trauma como uma explicação para a violência extrema.

Metodologia

Neste artigo, analisamos, através do viés psicanalítico, os casos dos assassinos sexuais em série latinoamericanos Luis Garavito e Marcelo Costa de Andrade. O estudo de caso se configura como uma metodologia que envolve uma pesquisa empírica sobre um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, principalmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o ambiente não são bem definidas. (FLICK, 2008). Essa abordagem se torna especialmente importante para se obter uma compreensão mais profunda das dinâmicas associadas a comportamentos complexos, como os de *serial killers*, que possuem múltiplas camadas de história, traumas e patologia.

Pela perspectiva da psicanálise, o estudo de caso é empregado para exemplificar e examinar princípios teóricos e conceituais. Ao investigar detalhadamente um caso individual, é possível explorar os conflitos, mecanismos de defesa, fantasias e processos inconscientes que impactam o comportamento e o funcionamento psíquico do sujeito. É a partir desta perspectiva teórica que iremos examinar as narrativas e correspondências dos indivíduos que foram objeto de estudo neste trabalho (FLICK, 2008).

Este estudo visa não apenas descrever os eventos e comportamentos, mas também interpretar os elementos simbólicos e inconscientes que emergem nas histórias de vida de Garavito e Andrade, procurando entender como suas experiências traumáticas contribuíram para a formação de suas identidades e comportamentos desviantes. Por esta razão, a escolha desses dois casos se justifica pela relevância histórica e clínica dos mesmos, assim como pela abundância de dados disponíveis, que possibilitam uma análise detalhada dos fatores que podem ter contribuído para suas trajetórias criminais.

A metodologia deste trabalho, portanto, se ancorará na análise qualitativa desses relatos, utilizando a teoria do trauma como lente interpretativa central para examinar as origens e a repetição da violência sexual nos comportamentos de Garavito e Andrade. A coleta de dados será realizada a partir de documentos, entrevistas e relatos já existentes, todos de domínio público, permitindo uma reconstrução e interpretação psicanalítica dos eventos significativos na vida desses indivíduos (YIN, 2015).

Resultados e Discussões

O estudo *Sexual Homicide: Patterns and Motives*, de John Douglas, Ann Burgess e Robert Ressler (1995), é uma obra fundamental para a compreensão dos assassinos sexuais em série. Estes são definidos pelos autores supracitados como indivíduos que cometem múltiplos homicídios com um significativo componente sexual. A sexualidade, nesses casos, não se refere necessariamente à atividade sexual convencional, mas sim à satisfação derivada do controle, dominação e degradação da vítima. Esses criminosos frequentemente utilizam a violência sexual como um meio de expressão de fantasias agressivas e de obtenção de poder sobre suas vítimas.

De acordo com Douglas et al. (1995), esses homicídios são frequentemente premeditados, e o assassino seleciona vítimas que satisfaçam suas fantasias específicas. As vítimas geralmente compartilham características particulares que são significativas para o agressor, muitas vezes representando um símbolo ou objeto de suas frustrações, desejos ou ressentimentos.

Os assassinos sexuais em série demonstram um grau significativo de planejamento emeticulidade. Douglas et al. (1995) apontam que esses criminosos tendem a exibir comportamentos meticolosos antes, durante e após o ato homicida, incluindo a escolha cuidadosa do local do crime, a forma de abordagem da vítima e os métodos de ocultação ou destruição de provas. O comportamento pós-crime pode incluir a manipulação do corpo da vítima, coleta de troféus (objetos pessoais da vítima ou da cena do crime) ou registros fotográficos, todos voltados para a revivência da experiência traumática.

A motivação por trás dos assassinatos sexuais em série é complexa e multifacetada. Uma das principais motivações é o desejo de poder e controle. A dominação sobre a vítima e o processo de subjugar e destruir sua identidade é, em si, uma fonte de excitação sexual para o agressor. Esses atos são frequentemente o culminar de uma fantasia que pode ter se

desenvolvido ao longo de anos, refletindo uma história de abusos e traumas pessoais (DOUGLAS et al., 1995).

Em muitos casos, a violência sexual perpetrada por esses indivíduos pode ser entendida como uma expressão patológica de um ciclo de poder e controle que se originou em suas próprias experiências de vitimização na infância. Nesses casos, a infância, marcada por abusos e negligências, gera um sentimento profundo de impotência e vulnerabilidade. À medida que esses indivíduos crescem, a incapacidade de lidar de maneira saudável com esse trauma os leva a distorcer a realidade, acreditando que, ao infligir sofrimento a outros, eles podem reconstituir o poder que lhes foi negado.

A teoria do trauma proposta por Sándor Ferenczi, em 1933, marca um ponto crucial na psicanálise ao ressaltar a relevância do trauma na infância e suas repercussões na formação da subjetividade e no surgimento de graves distúrbios psíquicos, o que pode auxiliar na análise do comportamento de assassinos sexuais em série. Ferenczi (1933) introduziu o conceito de identificação com o agressor, onde a vítima, diante de uma experiência traumática intensa, se defende psiquicamente ao se identificar com o perpetrador do abuso, internalizando, assim, os aspectos violentos e agressivos do outro. Este mecanismo pode ser especialmente relevante para a compreensão dos comportamentos violentos e destrutivos de Luis Garavito e Marcelo Costa de Andrade.

Luis Garavito, também conhecido como "La Bestia", é um dos assassinos em série mais prolíficos da história, com um número estimado de 170 a 300 vítimas, todas crianças e adolescentes. Nascido em 1957, na Colômbia, Garavito cresceu em um ambiente de extrema pobreza, negligência, e abuso físico e sexual. Segundo relatos, o pai de Garavito era um alcoólatra violento, que o agredia constantemente, enquanto um vizinho o abusou sexualmente durante a infância. Estes eventos traumáticos, combinados com a falta de apoio e proteção, podem ter criado um terreno fértil para o desenvolvimento de uma personalidade marcada por distúrbios psicológicos graves (SCHECHTER, 2013).

Garavito começou sua série de crimes em 1992, se aproveitando de crianças vulneráveis em áreas rurais e pobres da Colômbia. Suas ações eram meticulosamente planejadas, envolvendo sequestros, torturas e assassinatos brutais. Em sua confissão, Garavito revelou detalhes de sua meticulosidade e frieza, demonstrando uma desconexão emocional completa e uma falta de empatia profunda.

Preso em 1999, Garavito foi condenado a uma soma de mais de 1.800 anos de prisão, embora a sentença máxima na Colômbia seja de apenas 40 anos. Ele morreu aos 66 anos, enquanto cumpria sua pena em uma clínica em Valledupar, no norte do país, em 12 de outubro de 2023, data que, no Brasil, é coincidentemente conhecida como o Dia das Crianças.

No Brasil, o caso de Marcelo Costa de Andrade, conhecido como "Vampiro de Niterói", também expõe as cicatrizes deixadas por uma infância tumultuada e abusiva. Nascido em 1967, no Rio de Janeiro, Andrade enfrentou uma série de eventos traumáticos desde tenra idade. Filho de um pai alcoólatra e violento, e de uma mãe empregada doméstica, que viviam em constante conflito, Marcelo foi exposto a situações de negligência e abuso, tanto físico quanto sexual. Após a separação dos pais, ele foi morar com os avós maternos em condições adversas no interior do Ceará, onde sofria castigos severos e era alvo de bullying na escola.

Aos 10 anos, Marcelo foi vítima de abuso sexual enquanto perambulava pelas ruas do Rio de Janeiro. Este período de sua vida foi marcado por uma crescente marginalização e envolvimento em atividades ilegais, culminando em uma série de assassinatos brutais.

Marcelo, assim como Garavito, demonstrava um sadismo extremo em suas ações, torturando, matando e bebendo o sangue de suas vítimas. Em 1992, ele foi preso e diagnosticado com distúrbios mentais, sendo considerado inimputável e internado em um hospital psiquiátrico judiciário. Atualmente, ainda cumpre pena no Hospital Henrique Roxo⁴, onde é o único interno.

A teoria do trauma, especialmente nas formulações de Sándor Ferenczi, fornece uma estrutura valiosa para entender como experiências de abuso e negligência podem impactar profundamente o desenvolvimento psicológico de indivíduos como Garavito e Marcelo. Ferenczi sugeriu que traumas precoces, especialmente aqueles infligidos por figuras de autoridade ou cuidadores primários, podem levar a uma dissociação psíquica, onde o indivíduo internaliza o agressor e desenvolve padrões destrutivos de comportamento.

No trabalho "Confusão de Línguas entre o Adulto e a Criança" (FERENCZI, 1933), o autor aprofunda as dinâmicas psíquicas complexas que emergem quando uma criança é vítima de violência e abuso. Ferenczi (1933) descreve como, em situações de vulnerabilidade extrema, a criança enfrenta um dilema doloroso: ou se identifica com a figura materna protetora, que no momento do abuso está ausente ou incapaz, gerando sentimentos de medo e impotência, ou se

⁴ Foi prevista a desativação desta instituição em maio de 2024, mas não aconteceu. Ainda não há informações de quais encaminhamentos serão dados para Marcelo.

identifica com o agressor, incorporando suas características como uma estratégia de autoproteção.

Essa identificação com o agressor funciona como uma defesa psíquica, permitindo que a criança construa uma ilusão de poder e controle que suaviza a dor da vitimização e atenua a sensação de vulnerabilidade e impotência. Ferenczi sugeriu que essa identificação pode resultar na fragmentação do *self*, onde aspectos da identidade da pessoa são divididos entre uma parte vítima e uma parte agressora (FERENCZI, 1933).

Para Ferenczi (1933), a fragmentação, ou clivagem do eu, representa uma divisão psíquica que permite ao indivíduo manter separados sentimentos e experiências conflitantes, evitando a dor intolerável que resultaria da integração desses aspectos opostos. Embora essa clivagem seja uma defesa útil no curto prazo, pode levar a uma dissociação mais profunda, na qual os impulsos violentos e destrutivos são segregados da consciência e manifestados de forma descontrolada e sem empatia.

Essa defesa psíquica pode se cristalizar na personalidade do indivíduo, criando uma predisposição para reencenar, compulsivamente, a violência sofrida. Nos assassinos sexuais em série, essa identificação com o agressor se manifesta principalmente nos métodos violentos utilizados, que frequentemente reverberam o trauma primário vivenciado na infância. O ato de violência torna-se, assim, uma tentativa patológica de se reconectar com o trauma original e, paradoxalmente, de exercer controle sobre ele. (FERENCZI, 1933)

Ademais, o conceito de compulsão à repetição, inicialmente proposto por Freud (1920), e posteriormente expandido por Ferenczi (1933), refere-se ao impulso inconsciente de reviver e reencenar experiências traumáticas não resolvidas. Para Ferenczi (1933), essa compulsão não é uma revivência passiva, mas uma expressão de uma tentativa de resolver um conflito interno profundamente enraizado.

Nos assassinos sexuais em série, essa compulsão à repetição manifesta-se na forma de padrões comportamentais específicos ao selecionar suas vítimas e ao executar seus crimes. Esses padrões não são meras preferências, mas reencenações do trauma infantil, onde o assassino busca, de maneira inconsciente, uma resolução para o sofrimento psíquico que ainda o aflige.

A violência de negação foi mais um conceito elaborado por Sándor Ferenczi, para descrever a resposta defensiva de uma criança frente ao abuso. Ele propõe que, diante do abuso,

a criança, incapaz de compreender e resistir à agressão, nega a própria realidade do trauma para manter o vínculo com o adulto. (FERENCZI, 1933)

Esse mecanismo de negação leva à internalização do trauma de forma dissociada, resultando em uma submissão psíquica, onde a criança transforma sua passividade e impotência em uma aceitação inconsciente do abuso. O psicanalista destaca que a criança desenvolve uma espécie de anestesia emocional frente à dor e ao sofrimento, um mecanismo de defesa para lidar com a impossibilidade de se defender. (FERENCZI, 1933)

Para melhor ilustrar e discutir tais conceitos psicanalíticos, nos aprofundaremos mais detalhadamente nas características da vida e dos crimes de Luis Garavito e Marcelo Andrade. Ambos os casos exemplificam, de forma trágica, como traumas da infância, especialmente envolvendo abuso e abandono, podem se manifestar em comportamentos violentos e extremos na vida adulta.

Caso “La Bestia”

Como citado anteriormente, Luis Garavito, apelidado de "La Bestia", foi um dos assassinos em série mais notórios da América Latina. Sua história expõe uma infância repleta de negligência, abusos físicos, sexuais e emocionais intensos que teriam contribuído para a prática dos abusos e crimes na idade adulta.

Nesse caso, a identificação com o agressor pode ser vista nas características sádicas e predatórias que ele desenvolveu e expressou em sua vida adulta. A violência que ele infligiu a suas vítimas era uma repetição do abuso que ele mesmo sofreu, agora com ele assumindo o papel do agressor. Essa repetição compulsiva pode ser compreendida como uma tentativa de dominar e processar o trauma original, algo que Ferenczi descreveu como a repetição traumática (FERENCZI, 1933).

A negligência e os abusos contínuos que Garavito sofreu em casa contribuíram para o desenvolvimento de profundas feridas psíquicas. Conforme a teoria do trauma, a criança que é submetida a experiências traumáticas intensas, especialmente aquelas que envolvem abuso sexual, enfrenta um enorme desafio para integrar essas experiências dolorosas em sua psique. Em muitos casos, como no de Garavito, a mente infantil recorre a mecanismos de defesa extremos, como a clivagem e a identificação com o agressor.

No caso de Garavito, a clivagem pode ser observada na divisão de seu *self* em partes distintas: uma parte que carregava o trauma da vítima, repleta de medo e impotência, e outra

que internalizou as características agressivas e sádicas do perpetrador. Essa clivagem permitiu que ele mantivesse essas duas partes de sua psique separadas, o que, a curto prazo, oferecia alívio da dor intolerável. No entanto, a longo prazo, essa divisão contribuiu para o desenvolvimento de uma personalidade profundamente distorcida, onde os impulsos destrutivos se manifestavam de forma descontrolada.

Ao incorporar as características do agressor, Garavito não apenas encontrou uma maneira de mitigar o terror e a impotência que sentia, mas também desenvolveu uma necessidade compulsiva de reencenar o abuso que sofreu. Essa compulsão à repetição, tão central à teoria freudiana e expandida por Ferenczi, é evidente na escolha de suas vítimas, que eram crianças, de idades aproximadas à que ele tinha na época em que sofreu os abusos.

Além disso, é importante considerar o contexto social e econômico em que Garavito cresceu. A Colômbia dos anos 1960 e 1970 era marcada por extrema pobreza, violência política e falta de acesso a serviços básicos, como educação e saúde mental. Esse ambiente desolador, combinado com a ausência de redes de apoio, isolou ainda mais Garavito, deixando-o sem os recursos necessários para lidar com seus traumas de maneira saudável. Esse isolamento, provavelmente, reforçou seus mecanismos de defesa e exacerbou sua compulsão à repetição.

Ademais, é amplamente reconhecido que homens e meninos que sofreram abuso e assédio enfrentam grandes dificuldades para relatar essas situações, em função de normas sociais e expectativas relacionadas ao gênero. A forma como a masculinidade é vista na sociedade está ligada a atributos como força, independência e autocontrole, criando um cenário onde os homens sentem vergonha ou vulnerabilidade ao se abrir sobre suas experiências enquanto vítimas.

Essa norma cultural leva muitos homens a crerem que, ao denunciar a violência sofrida, sua masculinidade será posta em dúvida, intensificando o silêncio em torno do tema. Essa falta de visibilidade das vítimas masculinas se reflete na carência de políticas públicas e serviços especializados, que, por norma, são direcionados principalmente às mulheres. Portanto, muitos homens e meninos optam por enfrentar sozinhos o trauma, o que pode acarretar consequências sérias em termos emocionais e psicológicos.

Não há certeza se Garavito tentou comunicar a alguém sobre os abusos que sofreu, mas Ferenczi (1933) notou que o verdadeiro trauma não reside apenas no abuso em si, mas no momento em que a criança tenta compartilhar sua dor com figuras adultas e é confrontada com o desmentido — a negação ou minimização da gravidade do que ocorreu. Esse desmentido,

também denominado por Ferenczi como a "violência da negação", inaugura o trauma de fato, pois invalida a experiência da criança e a deixa sem suporte emocional, agravando profundamente os danos psíquicos. Essa negação cria um cenário em que a criança, já fragilizada pelo abuso, é forçada a internalizar a experiência como algo que não pode ser reconhecido ou validado, intensificando os efeitos destrutivos do trauma.

À medida que Garavito crescia, os traços sádicos e predatórios que ele desenvolveu na infância por não ter tido uma rede de apoio, que aparentemente se cristalizaram em sua personalidade adulta. Ele começou a procurar meninos que, em muitos aspectos, lembravam a si mesmo quando criança: vulneráveis, desprotegidos e abandonados. A violência que ele infligia a suas vítimas pode ser vista como uma reencenação do abuso que ele próprio sofreu, mas com ele no papel de perpetrador. Essa inversão de papéis permitia a Garavito uma ilusória sensação de poder e controle, sentimentos que lhe foram negados durante a infância.

Caso “Vampiro de Niterói”

Outro assassino sexual em série, em quem podemos observar padrões semelhantes através da teoria do trauma, é Marcelo Costa de Andrade, que ficou conhecido na mídia brasileira como "O Vampiro de Niterói", pelo seu *modus operandi* peculiar, que incluía não apenas o assassinato de suas vítimas, mas também o comportamento canibalístico de beber o sangue delas. Se tornou um dos casos mais conhecidos de *serial killers* no Brasil, tendo sua história descrita por Ilana Casoy, no livro "Serial Killers: Made in Brazil" (CASOY, 2022b).

Marcelo Costa de Andrade nasceu em 1967, no Rio de Janeiro, Brasil. Desde cedo, enfrentou uma série de adversidades e traumas que moldaram seu desenvolvimento psicológico. De acordo com Casoy (2022b), Andrade foi criado em um ambiente de extrema pobreza e negligência. Sua infância foi marcada por abusos físicos e emocionais, e ele vivia em constante instabilidade familiar. Durante esta fase, era comum o garoto perambular sozinho pelas ruas da Central do Brasil, onde foi vítima de abusos sexuais. Em uma carta escrita por Marcelo a próprio punho, ele relata alguns acontecimentos desse período:

...com 10 anos de idade, fugi do apartamento do meu pai, em Magalhães Bastos, pois ele morava com minha madrasta Vilma; e na rua eu vivia prostituindo com as pessoas para ganhar dinheiro, e fiquei assim até os 18 anos de idade, e eu ficava cheio de chupões no rosto, pernas e nádegas e adoravam me beijar na boca até introduziam a língua dentro do meu anus, por eu ser garoto novo e bonito... (ANDRADE, 2003 apud CASOY, 2022b)

Além das adversidades familiares e a exploração sexual na infância, Andrade desenvolveu comportamentos sádicos desde jovem, que se manifestaram, inicialmente, na forma de violência contra animais. Segundo Casoy (2022b), Andrade tinha o hábito de matar gatos, o que ele descreveu como um "hobbie", esse foi um dos fatores que levou à sua internação em instituições na adolescência, devido a problemas comportamentais. Esses atos, frequentemente associados a traços psicopáticos e à incapacidade de sentir empatia, podem ser vistos como precursores de suas ações posteriores, funcionando como um terreno de experimentação para suas tendências violentas e sua necessidade de exercer controle.

Fazendo uma relação com a teoria do trauma para entender o impacto desses abusos na psique de Andrade, pensamos que, ao sofrer abusos nas instituições onde foi internado quando adolescente, ele pode ter desenvolvido uma identificação inconsciente com seus agressores, um mecanismo que Ferenczi (1933) chamou de "identificação com o agressor". Esse processo leva a uma reversão de papéis, onde a vítima, para sobreviver psiquicamente, se torna o agressor, em uma tentativa de controlar o que outrora era incontrolável.

Além disso, Andrade, durante sua infância e adolescência, provavelmente experienciou uma "confusão de línguas", que distorceu seu desenvolvimento psicossexual, levando-o a associar violência, poder e sexualidade de maneira patológica. Ele não foi acolhido pela família diante dos abusos que sofreu; muito pelo contrário, era constantemente levado de um lugar para outro, pois a família não sabia lidar com seu comportamento.

Os abusos que sofreu podem ter sido interpretados por ele como uma forma de afeto ou amor, o que reforça o argumento da distorção de seu desenvolvimento psicossexual. Esse quadro pode ter contribuído para que Andrade internalizasse a violência como uma expressão de poder e domínio, uma maneira de compensar a vulnerabilidade e o abandono que vivenciou desde cedo.

O trauma não resolvido e a constante exposição ao abuso teriam contribuído para a formação de uma identidade fragmentada e dissociada, onde os comportamentos sádicos e a fixação com sangue podem ser vistos como tentativas de Andrade de reconstituir seu *self* traumatizado e buscar uma purificação impossível de alcançar.

Andrade cometeu seus crimes entre os anos de 1991 e 1992. Ele escolhia como vítimas principalmente meninos de rua ou crianças de famílias muito pobres, ou seja, o mesmo perfil que ele tinha quando foi negligenciado, atraiendo-os com promessas de dinheiro, brinquedos ou comida. Uma vez que ganhava a confiança das crianças, ele as levava para locais

isolados, onde as estrangulava e, em seguida, praticava atos sexuais com os corpos. Em alguns casos, Andrade mutilava as vítimas e bebia o sangue, acreditando que esse ritual lhe concederia juventude eterna e purificação espiritual (CASOY, 2022b).

Nos detalhes revelados nas cartas e entrevistas presentes no livro de Casoy (2022b), Andrade expressa uma visão distorcida da realidade e uma justificação de seus atos através de um prisma religioso e quase messiânico. Em uma das entrevistas transcritas no livro, ele relata: “Mas só pegava menino de 6 a 13 anos. Eu tinha medo de fazer com meninos de 13 anos acima, deles morrerem assassinados e não irem pro céu. Já tavam pecando né, eu pensava assim.” (ANDRADE, 2003 apud CASOY, 2022b).

Sob a ótica da teoria de Ferenczi, esses atos podem ser interpretados como uma repetição compulsiva do trauma sofrido na infância. Andrade, ao repetir os atos de violência e abuso que ele próprio sofreu, pode ter buscado uma maneira de se sentir no controle, de inverter os papéis de vítima e agressor, na esperança de aliviar sua angústia psíquica. No entanto, essa repetição compulsiva nunca traz o alívio desejado, apenas perpetua o ciclo de violência e sofrimento.

Após sua prisão, Marcelo Costa de Andrade foi submetido a uma avaliação psiquiátrica que o diagnosticou com esquizofrenia e psicopatia (CASOY, 2022b). Durante o julgamento, sua defesa argumentou insanidade, e ele foi considerado incapaz de compreender a natureza de seus atos devido à sua condição mental. Como resultado, Andrade foi internado em um hospital psiquiátrico de segurança máxima, onde permanece até hoje.

A clivagem que Ferenczi (1933) descreve é evidente no caso de Andrade, cuja psique parece ter sido despedaçada pelas experiências traumáticas da infância. O diagnóstico de esquizofrenia pode ser entendido como um resultado extremo dessa fragmentação, onde a dissociação do *self* levou a uma desconexão da realidade. A psicopatia, por sua vez, pode ser vista como uma defesa última contra a vulnerabilidade, uma forma de encapsulamento emocional que protege o indivíduo do sofrimento psíquico, mas ao custo de sua capacidade de sentir empatia ou remorso.

Além de Garavito e Andrade

Além de Marcelo Costa de Andrade e Luis Garavito, o padrão de *serial killers* que tiveram uma infância marcada por abusos e negligência se repete em outros casos de assassinos em série na América Latina. Um exemplo notável é Juana Barraza, mais conhecida como "La Mataviejitas". Nascida no México, Barraza sofreu abuso desde a infância. Sua mãe, alcoólatra,

chegou a trocá-la por algumas garrafas de cerveja, o que resultou em múltiplos abusos sexuais. Esse ambiente de violência e abandono moldou profundamente sua psique, e mais tarde, ela cometeu uma série de assassinatos, matando idosas que, de certa forma, representavam a figura materna negligente e abusiva de seu passado (NETFLIX, 2023).

Outro caso é o de Pedro Alonso López, o "Monstro dos Andes", nascido no Peru. López foi expulso de casa ainda jovem e sofreu abusos sexuais enquanto vivia nas ruas. Assim como Garavito, ele selecionava vítimas vulneráveis, principalmente meninas, muitas vezes repetindo inconscientemente os traumas que havia sofrido. O ciclo de violência, poder e controle está presente na trajetória de vida desses indivíduos, que aparentemente, são incapazes de processar o trauma infantil, passam a infligir o mesmo sofrimento a outros.

Esses exemplos reforçam a conexão entre traumas de infância e o desenvolvimento de comportamentos violentos na vida adulta. Através da teoria Sándor Ferenczi, obtemos uma base para entender como a violência, inicialmente experimentada na forma de abuso, é recriada por esses indivíduos, transformando vítimas em perpetradores. A América Latina, com suas disparidades sociais e a falta de apoio a vítimas de abuso, oferece um cenário especialmente propício onde essas tragédias podem se repetir.

Cabe reforçar que, em nenhum momento, o presente estudo ou a teoria do trauma busca isentar os indivíduos da responsabilidade por seus crimes. A aplicação dessa teoria no contexto da criminologia e da psicologia visa compreender os comportamentos violentos a partir das experiências traumáticas que podem ter influenciado no desenvolvimento psicológico dos perpetradores. No entanto, essa compreensão não justifica nem desculpa os atos criminosos cometidos; ao contrário, ela oferece uma perspectiva para entender a complexidade das motivações e origens desses comportamentos, sem eximir os indivíduos de sua responsabilidade legal e moral por suas ações.

Considerações Finais

Este estudo buscou lançar luz sobre as intrincadas conexões entre traumas infantis e o surgimento de comportamentos criminosos em série, partindo da lente da psicanálise ferencziana. A teoria de Sándor Ferenczi, com sua análise da violência de negação e da confusão de línguas, revelou-se uma chave poderosa para compreender o impacto devastador que o abuso infantil exerce no desenvolvimento psíquico. Ao examinar os casos de Luis Garavito e Marcelo

Costa de Andrade, tornaram-se evidentes as camadas profundas da repetição traumática, nas quais o sujeito, impotente diante do abuso, busca recuperar o controle ao reencenar a violência.

Entender esses comportamentos violentos como um grito tardio de socorro psíquico muda a perspectiva sobre o criminoso em série, deslocando o foco da monstruosidade para o sofrimento psíquico não elaborado. Isso não exime de responsabilidade, mas permite uma abordagem mais empática e complexa, que valoriza a prevenção e a intervenção precoce.

No Brasil, a carência de estudos que conectem traumas precoces a comportamentos criminosos em série limita não apenas o campo teórico, mas também a construção de práticas mais eficazes de combate e prevenção ao crime. A ausência de uma base de dados robusta e de investigações profundas dificulta o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à saúde mental e à proteção de crianças vulneráveis.

Ao escolher os casos de Garavito e Andrade, não só por sua notoriedade, mas também pela relevância social e psíquica que carregam, este estudo buscou revelar que o trauma é um fenômeno profundamente humano, e sua compreensão pode ser um passo fundamental para interromper ciclos de violência que se perpetuam de uma geração a outra.

Concluímos, então, que há uma necessidade urgente de investir em políticas públicas voltadas ao cuidado e à prevenção do abuso infantil, e em pesquisas que tragam à luz as correlações entre traumas precoces e comportamentos criminosos. A psicanálise, com seu olhar clínico sobre a dor psíquica, oferece uma ferramenta inestimável, não apenas para compreender, mas para intervir de forma mais humana e eficaz em problemas sociais tão complexos. Ao desvendar os mecanismos psíquicos que levam à violência, podemos, enfim, começar a tratar suas raízes, buscando não apenas punir, mas prevenir o horror que se esconde nas sombras da mente humana.

Referências

CASOY, Ilana. *Serial Killers: Louco ou Cruel?*. 2. ed. São Paulo: Darkside, 2022a.

CASOY, Ilana. *Serial Killers: Made in Brazil*. 2. ed. São Paulo: Darkside, 2022b.

DOUGLAS, John E.; BURGESS, Ann W.; BURGESS, Allen G.; RESSLER, Robert K. *Crime Classification Manual: A Standard System for Investigating and Classifying Violent Crime*. 3. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2013.

FERENCFZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança: O linguajar da ternura e da paixão. In: _____. *Obras Completas de Sándor Ferenczi: 1920-1933*. 3. v. 1933.



FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

RESSLER, Robert K.; BURGESS, Ann W.; DOUGLAS, John E. *Sexual Homicide: Patterns and Motives*. New York: Free Pass, 1995.

SCHECHTER, Harold. *Serial Killer: Anatomia do Mal*. São Paulo: Darkside, 2013.
YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

FOLHA DE S.PAULO. O Marcelo é completamente louco: nem os médicos acreditavam no que ele dizia. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29 jan. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff290130.htm>. Acesso em: 19 mar. 2024.

NETFLIX. *A dama do silêncio: La Mataviejitas* [Documentário]. 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com>.

MODUS OPERANDI. Ep. 28 - Marcelo de Andrade: O Vampiro de Niterói [Episódio de Podcast]. Apresentado por Carol Moreira e Mabê Bonafé. Modus Operandi Podcast, 2020. Disponível em: <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep-3eyta>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MODUS OPERANDI. Ep. 185 - Luis Garavito [Episódio de Podcast]. Apresentado por Carol Moreira e Mabê Bonafé. Modus Operandi Podcast, 2024. Disponível em: <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep185-luisgaravito>. Acesso em: 18 mar. 2024.



RESENHA DO LIVRO: *BREVIÁRIO POLÍTICO DA PSICANÁLISE DE JORGE ALEMÁN*

EDITORIA ILUMINURAS 2024
TRADUÇÃO: OSCAR CESAROTTO

João Angelo FANTINI¹

Jorge Alemán é um psicanalista, escritor e filósofo incomum daqueles que aparecem de tempos em tempos—como Slavoj Zizek—com um estilo acessível e provocador que explora de forma direta e didática como os discursos políticos moldam o desejo, a identidade e o inconsciente social, propondo novas formas de pensar a emancipação/resistência e o alcance do que chamamos a era do capitalismo globalizado. Amor; machismo; políticas de gênero; linguagem inclusiva; abordam parte significativa do repertório de conceitos-chave que usamos no cotidiano para captar as circunstâncias sociais e subjetivas que implicam como podemos entender a economia, a política as relações sociais e amorosas.

Inserido fortemente na tradição lacaniana, o autor analisa os mecanismos subjetivos que sustentam as ideologias dominantes e os processos políticos contemporâneos, com especial atenção ao pano de fundo das tensões do neoliberalismo, sendo uma voz ativa nos debates sobre o papel da subjetividade e da linguagem nas dinâmicas políticas atuais, combinando uma sólida base teórica com um profundo compromisso com a crítica social.

Como um ensaio em pequenas formas de estilo extremamente agradável e conciso, o livro pode ser lido por blocos temáticos, conceitos específicos ou aleatoriamente, pois qualquer que seja a forma de entrada, o leitor ao final perceberá que o texto possui uma unidade própria.

Embora pareça um lugar-comum em apresentações de livros, essa é, sem nenhuma dúvida, uma leitura indispensável para compreender as forças psíquicas e ideológicas que atuam nas sociedades modernas no momento em que caminhamos para um quarto do Século XXI, para enfrentar os desafios pessoais e coletivos que nos desafiam hoje e nos próximos anos.

¹ Professor, escritor e psicanalista.